

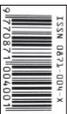
Macau

澳門



PONTE HK-ZHUHAI-MACAU

DESAFIOS SUPERADOS



ESCOLA ZHENG GUANYING
EDUCAÇÃO MULTICULTURAL
PARA O FUTURO



FESTIVAL CHINA-PLP
CRIAR PLATAFORMAS
CULTURAIS



收藏

澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps

發行 ISSUE 21/09/2018



發行 ISSUE 23/09/2018



澳門2018第35屆亞洲國際集郵展覽

MACAO 2018 - 35TH ASIAN INTERNATIONAL STAMP EXHIBITION

www.macao2018.org.mo

21 - 24 / 09 / 2018



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amelia Leong

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804, Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 • Fax: (+853) 2835 5426 • E-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Bruna Pickler, Catarina Brites Soares, Catarina Domingues, Catarina Mesquita, Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, Irene Leong, José Carlos Matias, João Paulo Menezes (Portugal), Juvenal Rodrigues (São Tomé e Príncipe), José Simões Morais, Hélder Beja, Lucas Calixto, Luciana Leitão, Marta Curto (Portugal), Marco Carvalho, Pedro Cativelos (Moçambique), Sandra Lobo Pimentel e Sin lok I

TRADUÇÃO

Sin lok I

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal), Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Comercial de Macau, 251A-301, AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com • www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Uma das tónicas que têm dominado nos últimos tempos a acção governativa da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem sido o contributo da Região para a iniciativa nacional de desenvolvimento da zona metropolitana da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, integrando nove cidades da província de Guangdong e as duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong.

Trata-se na verdade de um projecto mais ambicioso do que poderia parecer à primeira vista. A expectativa é a de que em 2030 a Área da Grande Baía venha a ter um Produto Interno Bruto (PIB) associado bem acima dos quatro biliões de dólares, colocando-se acima de outras regiões congéneres como as de Tóquio, Nova Iorque a São Francisco.

Como referimos nesta edição, o Chefe do Executivo da RAEM visitou no mês de Julho as nove cidades da província de Guangdong envolvidas neste projecto, em que sublinhou, entre outros aspectos, o papel de Macau como plataforma na cooperação entre a China e os países de língua portuguesa inserido nessa cooperação regional.

Não admira pois que, neste contexto, o megaprojecto da ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, tema que destacamos nesta edição, adquira um significado muito especial. Colocando o assunto de forma abreviada, diríamos que se trata da mais longa ponte ou travessia marítima do mundo, a ser inaugurada em breve.

Esclareça-se que se trata de uma estrutura complexa envolvendo não só a ponte propriamente dita mas também um longo túnel e quatro ilhas artificiais. A sua extensão, de 55 quilómetros, corresponde a 20 vezes o comprimento da famosa ponte Golden Gate de São Francisco, nos Estados Unidos.

O projecto-piloto da Escola Oficial Trilingue Zheng Guanying, inaugurada em 2011, é outro dos temas abordados nesta edição, onde também se destacam um trabalho desenvolvido sobre a toponímia da cidade (tão rica em referências históricas e culturais), o recentemente lançado Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa e o lançamento da produção de uma telenovela baseada em histórias do dia-a-dia de Macau.

Finalmente a cidade de Cantão está em destaque nesta edição com o arranque de uma série de artigos dedicados a cada uma das zonas que compõem a Área da Grande Baía.

Luís Ortet





- 6 ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM
- 12 LIONEL LEONG NO BRASIL A PROMOVER NEGÓCIOS COM A CHINA**
O secretário para a Economia e Finanças da RAEM liderou uma comitiva ao Brasil com o propósito de atrair investimentos para a China
- 16 CHINA-PLP: MACAU COMO PONTE FINANCEIRA**
Delegação tenta impulsionar em Lisboa a construção de uma ponte de cooperação financeira entre a China e os países de língua portuguesa
- 18 CÂMARA DE COMÉRCIO DE ANGOLA**
Instituição criada há um ano quer estreitar as relações entre a RAEM e Angola
- 22 UE: TURISMO PARA DINAMIZAR RELAÇÕES**
A UE quer apostar no turismo e nas tecnologias verdes para reforçar laços com Macau
- 26 RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 28 GRANDE BAÍA: CANTÃO E A NOVA CENTRALIDADE NA ÁSIA**
O projecto da Área da Grande Baía tem a cidade de Cantão como eixo central
- 34 PONTE HK-ZHUHAI-MACAU**
Está concluído um dos mais desafiantes projectos de engenharia alguma vez concebidos
- 44 ESCOLA OFICIAL ZHENG GUANYING**
Um projecto-piloto que tem em vista a diversificação do sistema educativo das escolas oficiais locais, centrado no multilinguismo e na multiculturalidade
- 52 TOPONÍMIA: HISTÓRIAS DE RUA**
Os nomes das ruas de Macau, gravados em azulejo e escritos em duas línguas, são testemunha de alguns dos mais importantes episódios da história da cidade. tão presente no imaginário comum da região
- 60 FESTIVAL DE ARTES E CULTURA ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**
Ligar “o clássico à vanguarda” escreve um novo capítulo nas relações sino-lusófonas
- 64 O PULSAR DA CIDADE NO PEQUENO ECRÃ**
Pela primeira vez, Macau está a produzir uma telenovela a ser transmitida no Interior do País que pretende mostrar como é o dia-a-dia da população
- 66 JADE: NO VERDE ESTÁ A VIRTUDE**
Na cultura chinesa, esta pedra representa um autêntico concentrado de virtudes
- 72 TRADIÇÕES: KUAN TAI**
Foi um grande herói do tempo dos Três Reinos, sendo a divindade mais conhecida e reverenciada em todas as comunidades chinesas, no país ou na diáspora
- 78 ÁTRIO: PARADISE HOTEL**
Fruto daquilo que seria uma aventura por apenas alguns meses, Macau tornou-se para o colectivo musical português Paradise Hotel uma nova casa
- 84 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses
- 90 MEMÓRIAS: JARDIM DA FLORA**
Um dos jardins mais carismáticos da cidade

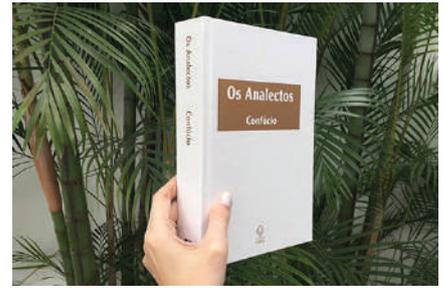
**CHUI SAI ON VISITA
CIDADES QUE INTEGRAM
GRANDE BAÍA**

O Chefe do Executivo de Macau visitou as cidades que integram o projecto da Grande Baía. Chui Sai On esteve em Huizhou, Dongguan, Zhuhai, Guangdong, Shenzhen, Zhongshan, Jiangmen e Zhaoqing. De acordo com um comunicado, o Governo da RAEM vai “dedicar todos os esforços para colaborar no planeamento do Governo Central em relação à zona da Grande Baía”. Chui Sai On reforçou a ideia de que Macau pode apoiar as regiões que integram o projecto na promoção de produtos e outros projectos junto dos países de língua portuguesa. Macau quer ainda intensificar laços com estas regiões chinesas em áreas como o comércio de mercadorias e de serviços, facilidades nas alfândegas e comércio electrónico transfronteiriço e intensificar a promoção da indústria da medicina chinesa para o mundo.



Confirmada chegada de oito médicos portugueses

Um total de oito médicos portugueses já apresentaram a documentação necessária e receberam a aprovação dos Serviços de Administração e Função Pública de Macau para trabalharem para os Serviços de Saúde, revelou a direcção do Centro Hospitalar Conde de São Januário. De especialidades como a Cirurgia Geral, Pediatria e Patologia Clínica, os profissionais fazem parte de um grupo de 27 que foram já entrevistados pelos Serviços de Saúde de Macau.



GIORGIO SINEDINO VENCE CONCURSO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA CHINÊS-PORTUGUÊS

O brasileiro Giorgio Sinedino, professor no Instituto Politécnico de Macau, venceu a primeira edição do concurso de Tradução Literária de Chinês-Português, com a tradução da obra *Os Analectos*, de Confúcio. Zhu Wenjuan e Wei Ling venceram na modalidade inversa, pela tradução de *Nocturno em Macau*, de Maria Ondina Braga. O concurso, organizado pela Fundação Macau e Universidade de Macau, contou com a inscrição de 17 obras.

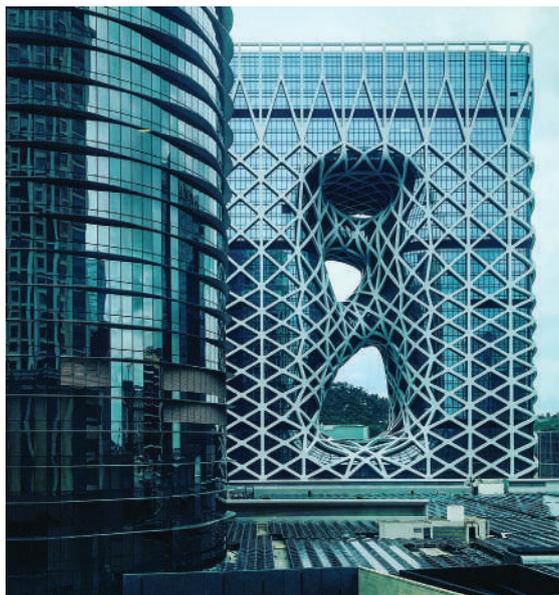
Nove propostas para projecto da Biblioteca Central

O Instituto Cultural recebeu nove propostas para a futura Biblioteca Central. A nova biblioteca vai ocupar o edifício do Antigo Tribunal, no centro da cidade, vai ter 11 andares e uma área total de 33 mil metros quadrados. Prevê-se que o novo espaço abra as portas no ano de 2022.



ALMEIDA RIBEIRO COM UM SENTIDO ATÉ FINAIS DE AGOSTO

Um dos sentidos da principal artéria da cidade, a Avenida de Almeida Ribeiro, foi encerrado até 31 de Agosto deste ano, no seguimento da segunda fase das obras de melhoria do sistema de drenagem e de repavimentação da via. O trânsito segue apenas pelo Banco Nacional Ultramarino em direcção ao Porto Interior.



Hotel desenhado por Zaha Hadid abre portas

O Hotel Morpheus, desenhado pela arquiteta Zaha Hadid, inaugurou em Junho, em Macau. O estabelecimento custou perto de mil milhões de euros e está situado no Cotai. Quase sem colunas e suportado por um exoesqueleto, o projecto foi desenhado por Zaha Hadid, britânica de origem iraquiana, que morreu a 31 de Março de 2016. Tem mais de 770 quartos, incluindo suítes e vilas.



rota das letras

FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU

ROTA DAS LETRAS ANUNCIA NOVA DIRECÇÃO

O jornalista e escritor Carlos Morais José e a artista plástica Alice Kok vão integrar a direcção do Festival Literário de Macau a partir da próxima edição, a oitava do Rota das Letras. Carlos Morais José irá assumir funções como director de programação e Alice Kok é a nova directora executiva. A próxima edição do Festival Literário de Macau decorre entre 15 e 24 de Março de 2019.

460 alunos no curso de português de Verão da UM

Mais de 450 alunos vão procurar “melhorar a competência linguística e cultural” no 32.º Curso de Verão de Língua Portuguesa da Universidade de Macau, que

teve início em meados de Julho. Organizado pelo Departamento de Português da Faculdade de Letras da Universidade de Macau, o curso conta nesta 32.ª edição

com 460 alunos provenientes do Interior do País, Macau, Hong Kong, Estados Unidos, França, Inglaterra, Coreia do Sul, Vietname, Japão, Austrália, Singapura, Índia.





Novo consulado português em Cantão

Portugal abriu um novo consulado na China, desta vez em Cantão, terceira maior cidade do país. Trata-se da terceira representação diplomática de Portugal no continente chinês,

depois de Pequim e Xangai, e vai ter como área de jurisdição as províncias de Guangdong, Hainão, Hunan, Fujian e a Guangxi. Portugal conta ainda com nove centros de emissão de

vistos na China, distribuídos pelas cidades de Pequim, Xangai, Hangzhou, Nanjing, Chengdu, Shenyang, Wuhan, Fuzhou e Cantão, e um consulado-geral em Macau.



Carlos Álvares assume presidência do BNU

O sucessor de Pedro Cardoso, que liderou o Banco Nacional Ultramarino nos últimos sete anos, tem “longa experiência no sector bancário”, escreveu em comunicado o banco. Carlos Álvares, que foi nomeado o novo presidente da Comissão Executiva, desempenhou funções de director-geral do Banco Comercial Português e de presidente do Banco Popular Portugal.

Lançada 2.ª edição do Prémio de Jornalismo da Lusofonia

O Clube Português de Imprensa e o *Jornal Tribuna de Macau* lançaram a segunda edição do Prémio de Jornalismo da Lusofonia, que distingue trabalhos sobre a RAEM. De acordo com o regulamento, este prémio “destina-se a jornalistas e à imprensa de língua portuguesa de todo o mundo”, que tenham trabalhos ligados a Macau. No ano passado, a vencedora foi a jornalista Sílvia Gonçalves, com o trabalho “Floriram por Pessanha as rosas bravas, 150 anos depois”, reportagem publicada no jornal *Ponto Final*. Este ano há uma novidade: o lançamento do Prémio Ensaio da Lusofonia, aberto a todos os candidatos com trabalhos originais em língua portuguesa sobre Macau. O valor de cada prémio é de cinco mil euros e as inscrições estão abertas até 30 de Setembro.



Portugal disponível para aprofundar relações culturais com a China

Durante uma visita oficial a Macau, o ministro da Cultura português manifestou disponibilidade do Governo português para aprofundar as relações culturais com a China, destacando “as mais-valias” que a diversidade cultural pode oferecer aos dois países. Luís Castro Mendes esteve no início de Julho dois dias na cidade, onde participou no Fórum Cultural entre a China e os Países de Língua Portuguesa. “Os resultados [deste fórum] irão permitir reforçar a relação especial da China com a língua portuguesa”, sublinhou. Na ocasião, o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau, Alexis Tam, salientou que o intercâmbio cultural também eleva “a outro patamar” as cooperações multilaterais entre a China e os países lusófonos em áreas como o “turismo, comércio e investimento”.



Macau passa a ter dois marcos do património mundial com Chapas Sínicas

Com a abertura da exposição “Chapas Sínicas”, Macau passa a ter dois “indicadores importantes do património mundial”, destacou Silvestre Lacerda, director-geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB) de Portugal. São eles o Centro Histórico de Macau e as Chapas Sínicas, enfatizou o responsável durante a abertura da exposição “Chapas Sínicas – Histórias de Macau da Torre do Tombo”. As Chapas Sínicas – assim chamadas devido ao carimbo que era colocado na correspondência – agora patentes no Museu das Ofertas Sobre a Transferência de Soberania de Macau são um conjunto de documentos em chinês de correspondência oficial trocada entre as autoridades chinesas e as portuguesas em Macau.





Aeroporto com quatro milhões de passageiros no primeiro semestre

O Aeroporto Internacional de Macau registou mais de quatro milhões de passageiros no primeiro semestre do ano, representando um aumento de 20 por cento em comparação com o mesmo período do ano passado, indicam dados oficiais. Nos primeiros seis meses de 2018, o aeroporto recebeu uma média de 22 mil passageiros por dia e o tráfego aéreo superou os 30 mil voos, mais 12 por cento do que no período homólogo do ano passado. Os mercados do Interior do País, do Sudeste Asiático e de Taiwan registaram um aumento de 37 por cento, 16 por cento e quatro por cento, respectivamente.



GRANDE PRÉMIO DE MACAU REFORÇA SEGURANÇA

O Instituto do Desporto de Macau (IDM) garantiu que vai reforçar a segurança do circuito do Grande Prémio, depois de no ano passado o piloto britânico Daniel Hegarty ter sofrido um acidente mortal. “Vamos fazer os possíveis para introduzir elementos de segurança que tornem o circuito o mais seguro possível durante as provas”, disse o presidente do IDM, Pun Weng Kun. A 65.ª edição do Grande Prémio de Macau decorre entre 15 e 18 de novembro.



IACM anuncia plantação de 35 mil árvores

Mais de 35 mil árvores vão ser plantadas ao longo de 30 hectares nas zonas de floresta em Macau para substituir aquelas que foram danificadas após a passagem do tufão Hato, em Agosto do ano passado. De acordo com o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), as novas árvores vão ser espécies mais resistentes ao vento e às condições atmosféricas. Antes do lançamento do projecto, uma equipa do Interior do País esteve na região para fazer um estudo sobre os estragos do tufão Hato e chegou à conclusão que as árvores mais danificadas foram duas espécies introduzidas na década de 1980, que tinham uma esperança de média de vida de 20 a 30 anos. Depois das acções de limpeza, o IACM plantou, de 17 a 25 de Março, mil árvores nestas zonas florestais.

NÚMEROS

2678

CASOS DE FUMO EM LOCAIS
PROIBIDOS NO PRIMEIRO SEMESTRE
DE 2018 (-47,3%)

7200

DESEMPREGADOS EM MACAU
ENTRE MARÇO E MAIO DE 2018
(-200)



CONFRARIA DA GASTRONOMIA MACAENSE CELEBRA 11 ANOS

A Confraria da Gastronomia Macaense, que tem actualmente mais de uma centena de sócios, celebrou no dia 7 de Julho 11 anos de vida. As comemorações incluíram uma missa solene aberta ao público, que contou com a presença do coro dos antigos seminaristas. Seguiu-se um jantar na APOMAC com um menu repleto de iguarias macaenses.



COMPARTICIPAÇÃO PECUNIÁRIA JÁ COMEÇOU A SER DISTRIBUÍDA

O Plano de Participação Pecuniária começou a ser implementado no início de Julho, sendo os idosos os primeiros beneficiários desta política de redistribuição da riqueza do Governo da RAEM. Até 14 de Setembro, os cheques vão ser enviados por ordem crescente do ano de nascimento. Os residentes permanentes recebem o mesmo valor do que no ano passado, 9000 patacas, e os residentes não permanentes têm novamente direito a 5400 patacas.

China sobe no Índice Global de Inovação

A China entrou este ano no “top 20” das economias mais inovadoras do mundo, uma lista com 126 países liderada pela Suíça. A China subiu cinco posições e entrou para o 17.º lugar pelo trabalho desenvolvido na área da investigação e na presença de tecnologia e desenvolvimento criativo na economia. Onze das 20 economias mais inovadoras são da Europa, continente que detém os três primeiros lugares da lista, incluindo o país que há oito anos lidera a lista, que é dos maiores investidores mundiais em investigação e desenvolvimento. O Brasil subiu cinco posições para o 64.º lugar, e Moçambique é o outro país lusófono que consta do índice, surgindo em 115.º lugar, oito posições abaixo em relação a 2017.



MOP 5,14 MIL MILHÕES

DE BENS EXPORTADOS POR MACAU ENTRE JANEIRO E MAIO DE 2018 (+9,8%)

5.7 MILHÕES

DE HÓSPEDES ALOJARAM-SE NOS HOTÉIS E PENSÕES DE MACAU ENTRE JANEIRO E MAIO DE 2018 (+1,8%)

MOP 22,490 MIL MILHÕES

EM RECEITAS DE CASINOS EM JUNHO DE 2018 (+12,5%)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos

Macau estreita ligações com o Brasil

O secretário para a Economia e Finanças da RAEM liderou uma comitiva ao Brasil com o propósito de atrair investimentos para a China, através do expediente da utilização de Macau como porta de entrada para as empresas brasileiras

T IRENE LEONG

DAR A conhecer aos brasileiros o papel de Macau como plataforma com vista ao reforço da exploração mútua dos mercados da China e do Brasil foi o objectivo que levou o secretário para a Economia e Finanças da RAEM até ao país sul-americano, no final de Junho, depois da passagem por Portugal. Lionel Leong Vai Tac mostrou-se satisfeito com os resultados da visita e, por sua vez, os governantes brasi-

leiros prometeram que estarão mais atentos a Macau e ao papel que se presta a desempenhar no impulso das relações económicas e comerciais sino-lusófonas.

Cidades como o Rio de Janeiro e Brasília fizeram parte do itinerário da comitiva encabeçada por Leong. Na capital brasileira, o secretário para a Economia e Finanças de Macau avançou que seriam estudadas medidas destinadas a reduzir os limites de acesso ao Fundo de Cooperação e Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, de forma a levar a que mais empresas possam usufruir dos benefícios do fundo.

Sublinhando a importância de Macau contar com um sector financeiro com características próprias, que considera “ser um importante elemento para Macau na qualidade de plataforma” entre a China e os países de língua portuguesa, admitiu a esperança de que o Brasil pudesse usar

cada vez mais a plataforma de Macau para actuar na China.

Rio de Janeiro quer mais negócios com Pequim

Da parte de quem jogava em casa, a receptividade foi assinalável. Francisco Dornelles, vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, admitiu, no encontro com o titular da pasta das Finanças da RAEM, que o Estado brasileiro vinha dando crescente atenção à actuação de Macau no impulso das relações económicas e comerciais sino-lusófonas. Após reunião com a comitiva, na sua passagem pela “Cidade Maravilhosa”, Francisco Dornelles destacou o papel de Macau enquanto plataforma de serviços para a cooperação comercial sino-lusófona e reconheceu que a região tem tudo para dar um “impulso no desenvolvimento económico e comercial entre o Brasil e a China”.

Citado numa nota do Gabinete de Comunicação Social de Macau, o governante brasileiro defendeu ainda que as duas partes devem “continuar a reforçar a cooperação em várias áreas, especialmente, na economia e comércio, no turismo, na cultura e na educação, acreditando no estreitamento das relações bilaterais e na obtenção de resultados mais concretos”.

Francisco Dornelles chegou mesmo a concordar designar o secretário da Casa Civil e Desenvolvimento Económico, Sérgio Pimentel Borges da Cunha, para manter uma comunicação directa com os serviços competentes de Macau, a fim de “iniciar e impulsionar a cooperação” bilateral.

Um centro de convenções

Da parte de Macau, Lionel Leong deixou o convite ao Governo do Rio de Janeiro para organizar entre os serviços





públicos e outros sectores da economia brasileira a realização de uma visita e participação num ou mais dos três eventos maiores do sector das convenções e exposições em Macau: o Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas, o Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental e a Feira Internacional de Macau (MIF).

O secretário para a Economia e Finanças sublinhou que o Governo da RAEM tem vindo a impulsionar, de forma bastante activa, a diversificação económica e a promoção de novas indústrias, nomeadamente o desenvolvimento financeiro com características próprias, bem como o sector de exposições e convenções, centrando a sua atenção nas convenções. Lionel Leong salientou também que o estabelecimento formal da sede do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa irá, no futuro, fomentar o investimento entre a China, Brasil e Macau.

Macau num dos vértices da Grande Baía

Oportunidades únicas de investimento é o que os empresários brasileiros podem esperar de um maior envolvimento com a RAEM, até pela sua participação nas políticas de reformas gerais da China, mais precisamente no



planeamento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e no apoio à construção da iniciativa global de infra-estruturas “Uma Faixa, Uma Rota”, e na criação de “Um Centro, Uma Plataforma”.

Esse panorama promissor foi explanado aos responsáveis brasileiros, juntamente com a manifestação do empenho oficial no estabelecimento em Macau de um centro de compensação/liquidação em renmibi junto dos países de língua portuguesa. Lionel Leong sublinhou que os empresários do Brasil devem, através da plataforma de entrada ao mercado que Macau representa, aproveitar as “oportunidades únicas da China”.

Com o próximo anúncio dos pormenores referentes à Grande Baía, lembrou o secretário para a Economia e Finanças da RAEM, serão criadas condições para as empresas de fora entrarem neste imenso mercado

composto por nove grandes cidades chinesas e duas regiões administrativas especiais, com uma área de 56 mil quilómetros quadrados, uma população de 67 milhões de pessoas e um PIB superior a 1,3 biliões de dólares norte-americanos (mais de 10 biliões de patacas).

Lionel Leong deixou desde logo o compromisso do Governo da RAEM em manter com as autoridades e demais entidades do Brasil uma relação de proximidade, com o objectivo de prestar informações aos serviços públicos e empresas sobre o mercado da China e as respectivas oportunidades de investimento. Quando Pequim lançou a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, lembrou o chefe da comitiva de Macau, deixou desde logo o desafio incentivando os países de língua portuguesa, tendo à cabeça o Brasil – maior mercado de língua portuguesa e uma das principais economias emergentes do mundo e integrante, juntamente com a China, do bloco conhecido como BRICS –, a participarem na iniciativa.

Brasil e a China cada vez mais próximos

O secretário-executivo do Ministério do Planeamento, Desenvolvimento e Gestão do Brasil, Gleisson Rubin, por sua parte, destacou a forte ligação económica e comercial que o Brasil e a China têm cultivado nos últimos anos, e disse que Macau, ao desempenhar o seu papel de plataforma, exercia um importante contributo para reforçar a relação entre os dois países facilitando dessa forma a entrada de pequenas e médias empresas brasileiras nos mercados chineses.

Por seu turno, o vice-ministro do Comércio e Serviços do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Brasil, Douglas Finardi Ferreira, manifestou, durante a reunião em Brasília, a convicção de que o trabalho realizado pelo Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) vai permitir uma maior cooperação tripartida. ■





第二十三屆澳門國際貿易投資展覽會

23ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU
23rd MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

www.mif.com.mo

澳門威尼斯人
The Venetian Macao

18-20/10/2018

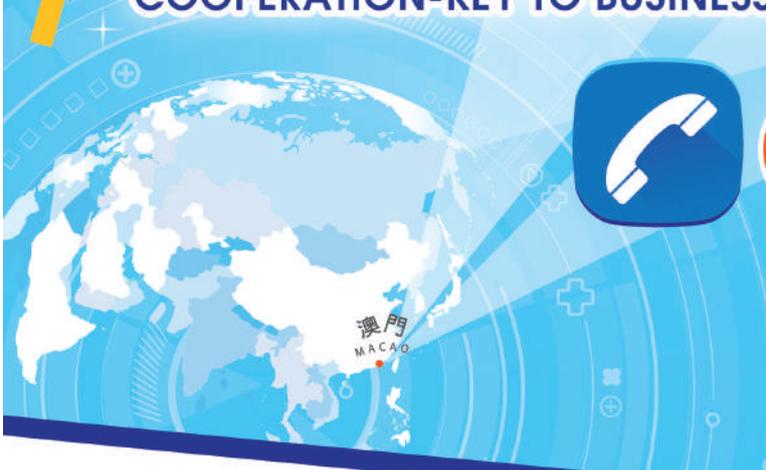


促進合作 共創商機

COOPERAÇÃO-CHAVE PARA OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS
COOPERATION-KEY TO BUSINESS OPPORTUNITIES



(853) 2882 8711



主辦機構 / Organizador / Organiser



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

網址 / Website



微信 / Wechat



Macau quer ser ponte financeira China-Países de Língua Portuguesa

Pelo menos 280 empresários e representantes de instituições financeiras e governamentais da China participaram no 13.º Encontro de Empresários em Lisboa. Por outro lado, uma delegação da RAEM, liderada pelo secretário para a Economia e Finanças, reuniu-se com representantes do sector financeiro de Portugal para discutir estratégias para melhor implementar uma ponte que sirva as relações entre a China e os países lusófonos

T IRENE LEONG

UMA DELEGAÇÃO de alto nível organizada pela Autoridade Monetária de Macau (AMCM) e pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), e incluindo representantes do Interior do País e de Macau, deslocou-se no mês de Junho a Portugal, com o objectivo de impulsionar a construção de uma ponte de cooperação financeira entre a China e os países de língua portuguesa, estimulando o papel de Macau como plataforma de prestação de serviços financeiros.

O secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong Vai Tac, liderou a comitiva integrada ainda pelo presidente do Conselho de Administração da AMCM, Benjamin Chan Sau San, e que se juntou em Portugal ao vice-presidente do Comité Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Edmund Ho Hau Wah, que se encontrava de visita ao país. Juntos, efectuaram visitas ao Banco de Portugal e à Euronext – o primeiro mercado bolsista pan-atlântico, que inclui um gru-

po de bolsas de valores da Europa e dos Estados Unidos, com representações na Bélgica, França, Holanda, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos – e realizaram dois colóquios com representantes do sector financeiro de Portugal.

Grandes oportunidades de desenvolvimento, tanto para Macau como para os países de língua oficial portuguesa é o que Lionel Leong espera ver surgir da articulação com as iniciativas da política “Uma Faixa, Uma Rota” e da plataforma da prestação de serviços no âmbito da cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa. E o mesmo poderá dizer-se do Programa para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, que será lançado em breve, assinalou o representante do Governo da RAEM durante o colóquio com o Banco de Portugal. Nesse mesmo colóquio, o secretário do Governo da RAEM não deixou de assinalar que Macau é uma região com potencialidades de desenvolvimento económico, na medida em que adoptou o regime de comércio livre, sem restrições



cambiais e políticas de baixa tributação, e de recordar a actuação de um banco português na área da tesouraria do Governo da RAEM e inclusive na emissão de moeda.

Já no colóquio com a Euronext, o mesmo responsável propôs uma cooperação mais forte no que respeita às aplicações no mercado de capitais para promover o comércio entre a China e os países lusófonos. Defendeu ainda o aprofundamento da cooperação com a entidade financeira, nomeadamente no que respeita às aplicações no mercado de capitais para promover o comércio sino-lusófono. Foi inclusivamente abordada a possibilidade de permitir às empresas dos países de língua portuguesa e da China o acesso a financiamento através da plataforma criada pela Euronext, bem como o desenvolvimento do mecanismo de cooperação com a RAEM.

O “Sistema de liquidação imediata em tempo real em Renminbi (RMB RTGS) de Macau” irá contribuir para facilitar a regularização das transacções comerciais transfronteiriças entre os países de língua oficial portuguesa e a China, previu, por sua vez, o presidente do Conselho de Administração da AMCM. Através desse mecanismo, reforçou Chan Sau San, Macau poderá desempenhar melhor o papel de ligação com os países de língua oficial portuguesa para que, desse modo, possam entrar mais facilmente no mercado da China.

Cooperação sino-lusófona soma mais 20 acordos

Entretanto cerca de 280 empresários e representantes de instituições financeiras e governamentais da China e de Macau estiveram reunidos em Lisboa no 13.º Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. No total, foram assinados mais de 20 acordos entre a China e os países lusófonos representados no evento, como sublinhou a secretária-geral adjunta do Fórum Macau, Glória Batalha Ung, que também referiu a participação de cerca de 90 empresários portugueses.

Além da presença de empresários chineses o encontro, sob o mote “China e Países de Língua Portuguesa – Uma nova abordagem pragmática”, contou com a participação e as intervenções do secretário para a Economia e Finanças de Macau, Lionel Leong, líder da comitiva da RAEM que rumou em seguida para o Brasil (ver: “Lionel Leong no Brasil a promover negócios com a China”), da vice-ministra do Comércio da China, Gao Yan, e do secretário de Estado para a Internacionalização de Portugal, Eurico Brilhante Dias.

Tratou-se nada menos do que do “maior encontro” com a presença de empresários de vários ramos de actividade e de diferentes zonas da China e de países de língua portuguesa, além de responsáveis de organismos oficiais e de bancos e instituições financeiras.

O papel do Fórum na globalização chinesa

Os números não enganam: as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa aumentaram 11 vezes desde a criação, em 2003, do Fórum de Macau. Na altura da criação do Fórum, eram apenas sete as áreas de cooperação



sino-lusófona. Actualmente, esse número quase triplicou, atingindo as duas dezenas.

Um processo que acompanhou o desenvolvimento da economia chinesa rumo a uma maior globalização e em que o Fórum de Macau vem desempenhando “um papel muito importante”, na opinião da vice-ministra do Comércio da China, Gao Yan, que esteve presente no encontro de empresários em Lisboa. “A China e os países de língua portuguesa têm mantido sempre uma boa relação no âmbito económico e comercial e estamos no bom caminho para continuar este caminho de cooperação”, adiantou a governante chinesa.

Já para Luís Castro Henriques, presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), a relação triangular entre Macau, a China e os países de língua portuguesa, que soma já vários anos, tem sido “positiva e virtuosa” para as nações envolvidas, contribuindo para aumentar exportações e atrair investimento.

Entre os 20 protocolos assinados em Lisboa, contou-se um, justamente com a AICEP, com vista a “promover e estreitar relações com instituições chinesas para [...] ter um canal expedito para trabalhar em conjunto neste âmbito”. ■

Uma nova ponte entre China e Angola

Criada há um ano, a Câmara de Comércio de Angola em Macau (CCAMO) tem como principal objectivo estreitar relações entre Angola e Macau, utilizando a RAEM como plataforma para chegar ao Interior do País. O seu presidente, Carlos Lobo, fala sobre a importância da criação desta instituição, dos seus objectivos e projectos futuros

TF LUCAS CALIXTO

UM ENCONTRO em Macau com o embaixador angolano em Pequim, João Garcia Bires, definiu o papel de Carlos Lobo, que aceitou o desafio de presidir a Câmara de Comércio de Angola em Macau (CCAMO), com o principal objectivo de promover Angola. “Era o momento exacto para a criação desta câmara de comércio”, aponta Carlos Lobo.

A CCAMO foi oficialmente fundada a 25 de Agosto de 2017 por um grupo que, para além de Carlos Lobo, incluía outros três angolanos residentes na RAEM: Pedro Lobo, Rui Brás e Carlos Figueiredo.

O organismo visa promover as relações entre Angola e Macau, tendo em vista a expansão das relações comerciais na Área da Grande Baía, composta por nove cidades, da província de Guangdong – Cantão, Shenzhen, Zhuhai, Foshan, Zhongshan, Dongguan, Huizhou, Jiangmen e Zhaoqing – e as duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong.

Para Carlos Lobo, Macau é estrategicamente um ponto crucial para essa expansão, por ser uma jurisdição que possui relações com os países de língua portuguesa. O presidente sublinha ser esse o ponto inicial para o primeiro objetivo da CCAMO: promover Macau como o centro da Área da Grande Baía nas relações com Angola e os restantes países de língua portuguesa. “Não podemos olhar para Macau de uma forma fechada. Temos de olhar para Macau de uma forma integrada na Grande Baía das nove cidades mais duas regiões. A nossa ambição é reunir na RAEM uma plataforma de prestação de serviços para essas cidades.”

Um segundo objectivo, mas a longo prazo, prende-se com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e como utilizar essa iniciativa nas áreas que são cruciais para a própria câmara de comércio, como coordenação de investimentos e infra-estruturas e relações multiculturais. “O que a nossa câmara de comércio se propõe a fazer é estudar e apoiar a promoção dessa iniciativa, que se concretize com os objectivos traçados, que são projectos de investimento e interesses múltiplos.”

Macau passa a ser a plataforma principal para o avanço das relações entre Angola e a República Popular da China,

abrindo portas para muitos investidores que visam iniciar ou acentuar as relações com o grande continente. “Macau deve promover a iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’ para os países de língua portuguesa, utilizando a Área da Grande Baía como motor para esse apoio”, sustenta Carlos Lobo.

Arranque é o mais difícil

A completar um ano de funcionamento, a Câmara de Comércio de Angola em Macau ainda não promoveu muitas acções públicas, já que se tem focado num trabalho a nível empresarial. Há já algumas empresas de Hong Kong, Macau, Angola e da província de Guangdong que se tor-



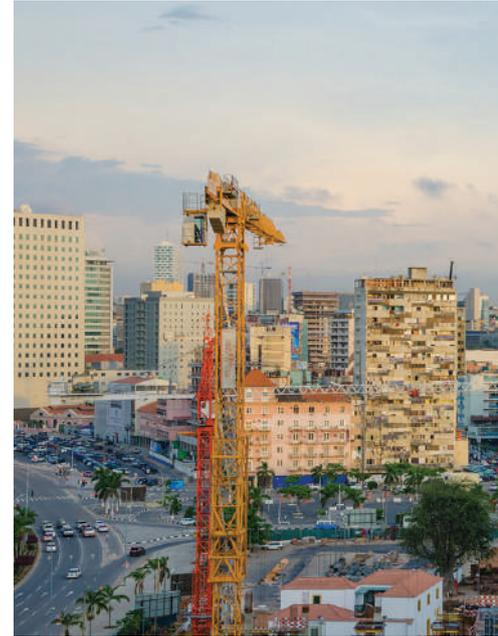


naram associadas do organismo e muitas outras têm contactado a CCAMO para obter informações sobre as vantagens de tornar-se membro. “Estamos de braços abertos para toda a gente. Esta é uma associação inclusiva. Queremos trabalhar com todos aqueles que partilhem das nossas ideias.

Um dos projectos que a CCAMO criou e que já está em curso é o processo de identificação de potenciais parceiros. Ou seja, o organismo tenta conciliar projectos angolanos que possam ser do interesse de empresas e entidades chinesas. Um exemplo é o auxílio à Fundação Sagrada Esperança, criada pelo ex-presidente angolano Agostinho Neto, que presta assistência a projectos comerciais na sociedade angolana.

Além disso, a CCAMO também está a tentar inserir-se na área da medicina tradicional chinesa, nomeadamente agindo ao nível da cooperação entre as instituições de ensino, sejam de carácter público ou privado.

Carlos Lobo assinala ainda a importância da participação da CCAMO em eventos de revelo, tais como o Fórum Médico Internacional Sino-Luso, que reuniu recentemente em Pequim diversos médicos dos comités olímpicos de países de língua oficial portuguesa.



Numa parceria com a Universidade de Pequim, a CCAMO está a tentar promover a cooperação entre a China e Angola na área da medicina, visando o alívio das necessidades dessa área no país africano.

Também o projecto Libolo, dirigido por Carlos Figueiredo, professor da Universidade de Macau e um dos fundadores da CCAMO, está a receber apoio do organismo. O projecto visa eternizar para o mundo a cultura, as ciências humanas e o desporto angolanos.

Em termos sociais, a CCAMO tem a oferecer mais conhecimento entre as jurisdições, com o intuito de evitar obstáculos entre os empresários. “As pessoas envolvidas no

mundo dos negócios precisam melhor conhecer a realidade de Angola para poder saber o que buscar. Sem isso ninguém andará a comprar nada”, sublinha Carlos Lobo. “As pessoas conhecem Macau, mais pela presença da língua portuguesa do que pelas coisas que Macau tem. E na área da medicina tradicional, na área do ensino e na área do turismo há muito a oferecer a Angola.”

A nova câmara de comércio também pretende promover o maior conhecimento de Angola através de uma conferência que está prevista para Outubro deste ano. Os investimentos em Macau como plataforma de serviços e o investimento em Angola por empresas chinesas em geral são os temas a serem abordados por especialistas e empresários. Além disso, uma exposição fotográfica está planeada para assinalar o dia 11 de Novembro, Dia de Angola.

Mais Angola na China

A inexistência de empresas angolanas na República Popular da China não deixa de ser um grande obstáculo para a CCAMO e esse é um dos cenários que a nova entidade pretende ajudar a alterar.

Carlos Lobo explica que Angola sofreu muito com a guerra civil e, por esse motivo, as empresas do país não se desenvolveram o suficiente para se tornarem globais. Nos dias de hoje, é visível essa grande diferença quando comparamos Angola com outros países de língua portuguesa, como Portugal ou o Brasil. Ademais, a barreira da língua também é um factor importante a ser considerado.





O PRESIDENTE

Carlos Lobo foi estudante de Direito da Universidade de Macau e reside na RAEM há mais de 20 anos. O advogado já trabalhou para o Governo de Macau e para operadoras de jogo locais, tendo aberto mais tarde o seu escritório de advocacia. Depois de começar a retomar as ligações com a Angola através do seu escritório, o advogado conta que foi muito procurado por empresários angolanos que estavam dispostos a criar um elo com a RAEM e com a China. “Comecei a ser procurado por empresas cujos sócios são angolanos e que têm interesse em criar uma ponte para a China e, assim, ter Macau como porta.” A partir daí surgiu a intenção de se avançar para um organismo que prestasse apoio e dinamizasse tais relações.

O presidente da CCAMO acredita ser possível a internacionalização das empresas angolanas, nomeadamente, no mercado chinês. “Será a longo prazo. É necessário um longo período de tempo para que as empresas angolanas atinjam a capacidade e o *know-how* para integrarem o comércio chinês”, defende. “O que falta a Angola é tempo para crescer e se desenvolver, e eu acredito que Angola vai conseguir chegar lá.”

Carlos Lobo falou ainda do esforço que tem sido desenvolvido pelo Governo Central de forma a estreitar a cooperação entre a China e os países africanos de língua portuguesa. “Acredito que o presidente Xi Jinping tem interesse na aproximação entre os dois povos”, refere Carlos Lobo, dando ênfase à posição de Angola, que “tem sido o país da África subsaariana que mais apoio financeiro recebe da China”.

mação entre os dois povos”, refere Carlos Lobo, dando ênfase à posição de Angola, que “tem sido o país da África subsaariana que mais apoio financeiro recebe da China”.

O presidente mostra-se ainda confiante nas relações diplomáticas ao mais alto nível entre os dois países. “Não me surpreenderia se houvesse nos próximos meses uma reunião entre o presidente angolano e o presidente chinês”, concluiu.

Quanto à influência do governo angolano, com a transição da presidência de José Eduardo dos Santos para João Lourenço no ano passado, Carlos Lobo antevê um novo momento para o país – um momento de grande desenvolvimento – e acredita que o novo presidente angolano conseguirá mudar a actual crise financeira e social do país. “Vai ser preciso tempo e vão ser precisas políticas apropriadas para que isso se desenvolva. E com o novo presidente eu estou a ver trabalho no sentido de abrir Angola para uma nova fase de desenvolvimento.”

Segundo previsões do Fundo Monetário Internacional, a economia de Angola deverá registar este ano um crescimento entre 2,2 e 2,5 por cento, devido ao aumento tanto do preço do barril de petróleo como da produção de gás natural. Desde 2006 a China tornou-se no maior importador individual de petróleo angolano, chegando a representar, em 2017, um peso de 61,6 por cento das exportações de petróleo por Angola, no valor de 19.200 milhões de dólares norte-americanos.

O embaixador da China em Angola, Cui Aimin, anunciou em Janeiro passado ter o seu país concedido a Angola empréstimos no valor de mais de 60 mil milhões de dólares desde que os dois países estabeleceram relações diplomáticas, a 12 de Janeiro de 1983. ■



Turismo para dinamizar relações

A União Europeia (UE) quer apostar no turismo e nas tecnologias verdes para reforçar laços com Macau. A chefe do Gabinete da UE para Macau e Hong Kong também salienta a cooperação jurídica e o reforço de direitos como vectores importantes da cooperação bilateral

T JOSÉ CARLOS MATIAS

O **TURISMO** será a próxima área chave para a cooperação entre União Europeia (UE) e Macau, como referiu Carmen Cano, chefe do Gabinete da União Europeia para Hong Kong e Macau. Numa altura em que é assinalado o 25.º aniversário sobre a criação da representação da UE nas duas re-

giões administrativas especiais chinesas, Cano faz um balanço positivo dos projectos de cooperação com Macau e da implementação do princípio “Um País, Dois Sistemas”.

O primeiro passo para a institucionalização das relações entre Macau e a então designada Comunidade Económica Europeia foi dado a 15 de Junho de 1992, quando foi concluído o Acor-

do Comercial e de Cooperação entre as duas partes. Foi nesse quadro que tiveram início as reuniões das comissões mistas e que foi estabelecida uma representação da UE para Macau e Hong Kong, com sede na região vizinha.

Numa análise sobre este primeiro quarto de século de representação das instituições europeias, a embaixadora Carmen Cano tem um olhar bastante positivo: “Tivemos vários programas de cooperação bem-sucedidos. O nosso maior feito diz respeito ao incremento das relações entre as pessoas, o que permite um melhor conhecimento mútuo e realçar os nossos valores comuns”.

Reforçar o sistema jurídico

O Programa de Cooperação na Área Jurídica tem sido uma imagem de marca nesta dinâmica. O actual programa em vigor perdura até ao próximo ano e é visto pela UE como um instrumento de “modernização e desenvolvimento do sistema jurídico da RAEM com efeitos



Carmen Cano

no longo prazo na promoção de valores jurídicos comuns entre a UE e Macau”, assinala Cano. A UE tem feito um acompanhamento da implementação da política “Um País, Dois Sistemas” através de relatórios anuais desde 2000. O balanço feito pelo Gabinete da UE é, globalmente positivo dado que tem “continuado a ser implementado para o benefício de todas as partes”.

A via do turismo

Questionada sobre as prioridades para o futuro, Carmen Cano realça o turismo. O ponto de partida para uma abordagem reforçada é a iniciativa “2018 Ano do Turismo UE-China”. “A UE e Macau têm estado a discutir como dar um impulso aos fluxos turísticos e como maximizar o impacto do Fórum de Economia de Turismo Global”, a ter lugar em Outubro, sendo que a UE é a entidade convidada de honra para a edição deste ano.

Em vigor estão ainda projectos de cooperação relacionados com a formação de tradutores e intérpretes chinês-português, combate ao tráfico de seres humanos e promoção de tecnologias amigas do ambiente e programas de investigação e desenvolvimento.

Benefícios mútuos

José Luís de Sales Marques, presidente do Instituto de Estudos Europeus de Macau, tem acompanhado de perto os projectos de cooperação com a UE.

Questionado sobre o que Macau beneficiou com esta cooperação ao longo destes 25 anos, destaca a formação de quadros, a adopção de normas europeias de controlo de emissões dos veículos automóveis, acesso aos países da UE facilitado através do passaporte da RAEM sem necessidade de obter visto e intercâmbios académicos. Do outro lado da moeda, a UE tem a possibilidade de recorrer a Macau como “plataforma para o diálogo intercultural”, beneficiando do mercado de consumo local que, com a explosão da indústria

do jogo e turismo, tem sido um destino crescente para produtos de luxo e alta tecnologia da UE. Isto reflectiu-se na inversão da balança comercial a favor do lado europeu nos últimos 10 anos.

O futuro passa, segundo Sales Marques, por uma aposta mais forte em programas que têm a ver com o sector privado e com as associações empresariais que possam permitir um melhor conhecimento sobre oportunidades de negócio no âmbito do plano de integração regional da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. ■



José Luís de Sales Marques



GLOBAL MEDIA AVANÇA COM PARCERIAS NA CHINA, MOÇAMBIQUE E CABO VERDE

China, Moçambique e Cabo Verde são os próximos destinos onde a Global Media quer marcar presença para reforçar a “afirmação de uma rede global”, segundo Paulo Rego, presidente do Global Media Group Macau. “O grupo já garantiu nos últimos meses 12 parceiros internacionais de forma a estabelecer uma plataforma entre a China e países de língua portuguesa”, indicou. Agora, o grupo espera “avançar para a China, Moçambique e Cabo Verde”, revelou o responsável. Entre as marcas do Global Media em Portugal contam-se a rádio *TSF* e títulos de imprensa, como o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias*, o desportivo *O Jogo* e o projecto digital de informação económica, *Dinheiro Vivo*. Em Julho, a Global Media lançou em Macau o *Plataforma* (www.plataformamedia.com), um jornal diário online que reúne notícias e reportagens de vários órgãos de comunicação social em língua portuguesa em três línguas – português, chinês e inglês – e tem uma redacção em Lisboa e Macau.

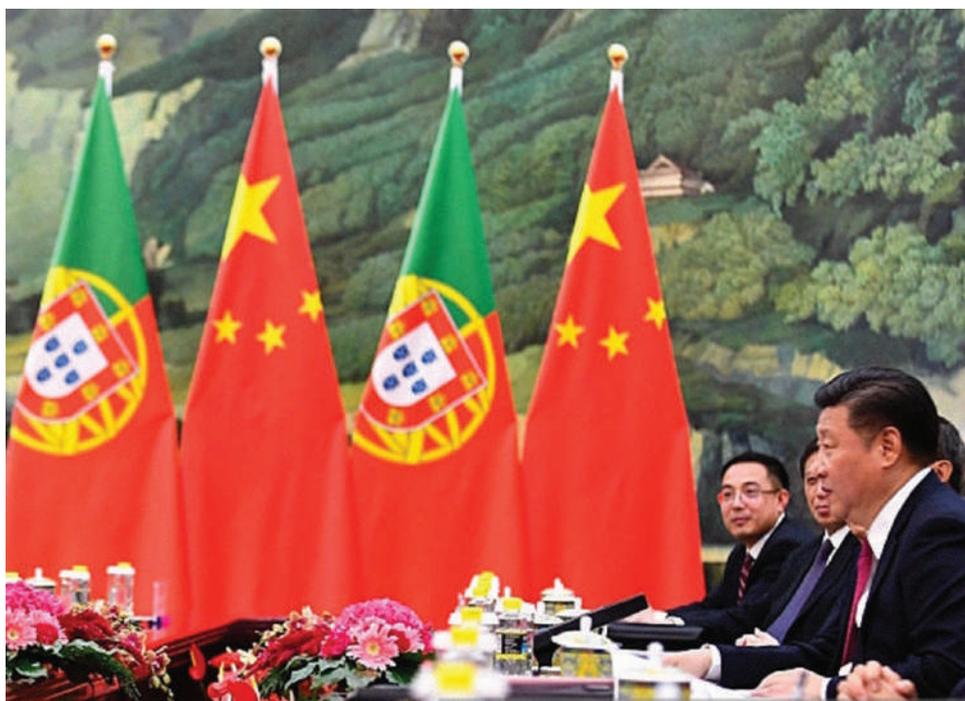


PETROBRAS EM PARCERIA COM CHINESA CNPC PARA CONCLUIR REFINARIA NO RIO

A Petrobras e a China National Petroleum Corporation assinaram uma carta de intenções para concluir as obras na refinaria do Comperj e promover investimentos de revitalização na área de Marlim, no Rio de Janeiro. “Mais um passo na busca de parceiros para concluir a refinaria”, disse o presidente da Petrobras, Ivan Monteiro. De acordo com um comunicado da empresa brasileira, as negociações começaram em Julho de 2017, com a assinatura de um memorando de entendimento. As obras da refinaria foram interrompidas em 2015, com mais de 80 por cento do projecto concluído.

VISITA DE XI JINPING A PORTUGAL EM DEZEMBRO ANTECIPA ANO DA CHINA NO PAÍS

O Ministro da Cultura português afirmou no início de Julho em Macau que o presidente chinês vai estar em Lisboa no início de Dezembro, numa antecipação do ano da China em Portugal. Em 2019 os dois países celebram 40 anos de relações diplomáticas. “Esperamos nessa altura ter uma manifestação cultural digna para receber o Presidente Xi Jinping”, disse Luís Filipe Castro Mendes, que esteve em Macau por ocasião do Fórum Cultural entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Além das quatro décadas das relações diplomáticas entre os dois países, para o ano celebram-se também 20 anos desde o regresso de Macau à China.



COIMBRA LANÇA CURSO SOBRE RELAÇÕES ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Universidade de Coimbra anunciou a criação de um curso de formação avançada sobre as relações entre a China e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O curso, que se dirige especialmente a diplomatas, políticos, jornalistas, advogados e legisladores, intitula-se “A China e os Países de Língua Portuguesa na Economia Mundial: Comércio, Turismo, Cooperação e Desenvolvimento”. De acordo com o estabelecimento de ensino superior, o novo programa tem como objectivo oferecer “um maior entendimento das estruturas institucionais e dos ambientes comerciais e de negócios altamente complexos e em constante mudança destes dois mundos”. Para Carmen Amado Mendes, coordenadora do curso, “este intercâmbio é facilitado pelo próprio ambiente de Coimbra, onde estudantes do mundo lusófono se cruzam com os muitos chineses que aqui aprendem português, para depois trabalharem nesses países como diplomatas, tradutores ou empresários”. Para além de noções básicas de chinês, são oferecidos quatro seminários organizados por módulos leccionados pelos melhores especialistas nacionais e internacionais da área. As temáticas abordadas incluem os sistemas políticos da China, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e da União Europeia, o turismo, investimentos e relações comerciais sino-lusófonas.



PRODUTOS DE MACAU E DE PAÍSES LUSÓFONOS EM PLATAFORMA CHINESA

Produtos de Macau e dos países de língua portuguesa já podem ser encontrados no “Pavilhão de Macau” da NetEase Kaola, uma plataforma do comércio electrónico transfronteiriço da China, de acordo com informação da Direcção dos Serviços de Economia (DSE) da RAEM. A cerimónia de assinatura de contrato para a instalação deste pavilhão realizou-se no início de Julho na sede da DSE. O canal vai contribuir “para aumentar a exposição dos produtos de Macau e dos países de língua portuguesa, elevando, em grande medida, o prestígio e o valor das vendas desses produtos”. Numa primeira fase vão estar disponíveis no Pavilhão de Macau 26 produtos de quatro marcas.

DELEGAÇÃO DO FÓRUM MACAU EM CABO VERDE E NA GUINÉ-BISSAU

Uma delegação do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau), liderada pelo secretário-geral adjunto Ding Tian, visitou Cabo Verde entre os dias 27 e 28 de Junho. A delegação, que incluía um grupo de empresários de Qingdao, foi recebida pelo presidente da república daquele país africano. Os empresários participaram também em várias bolsas de contactos e outros encontros. O objectivo da deslocação, explicou Ding Tian, passava por estreitar as relações entre os ministérios que tutelam os assuntos ligados ao Fórum Macau e o Secretariado Permanente. Antes desta, visita Ding Tian esteve também na Guiné-Bissau, onde visitou vários projectos de infra-estruturas financiados pela China, entre eles a Escola de Amizade Sino-Guineense, a Escola Nacional de Saúde de Guiné-Bissau, o Palácio do Povo e o Palácio Presidencial.





GRUPO CHINÊS ACORDA COMPRA DA POSIÇÃO DA TEIXEIRA DUARTE NA LUSOPONTE

O China Construction Group apresentou uma proposta para comprar os 7,5 por cento que a Teixeira Duarte detém da concessionária Lusoponte. A realizar-se, a operação vai ter um impacto de 18 milhões de euros nas contas da empresa portuguesa. Os restantes accionistas da concessionária das pontes 25 de Abril e Vasco da Gama – Mota-Engil, Vinci e Atlantia – ainda têm de decidir se exercem o direito de preferência.



BRASIL NOMEIA NOVO EMBAIXADOR NA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

O plenário do Senado brasileiro aprovou o nome de Paulo Estivallet de Mesquita para chefiar a embaixada do Brasil na República Popular da China. O diplomata, que será igualmente embaixador do Brasil na Mongólia, vai substituir Marcos Caramuru de Paiva. Estivallet ocupa actualmente o cargo de subsecretário-geral da América Latina e das Caraíbas no Ministério das Relações Exteriores, coordenando a actuação brasileira no Mercosul, na União das Nações Sul-Americanas e na Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos.



RPC CONCEDEU A SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE 10,9M EM SUBSÍDIOS EM 2017

A China concedeu 10,9 milhões de dólares norte-americanos em subsídios para vários projectos em São Tomé e Príncipe no ano de 2017. A informação consta de um documento do Banco Mundial de 120 páginas intitulado “Análise da Despesa Pública”. Neste relatório, o Banco Mundial prevê ainda 38 milhões de dólares em subsídios a serem desembolsados pela China em cinco anos, com incidência nos sectores da agricultura, saúde e energias. “A China deverá também desembolsar 146 milhões de dólares para projectos de infra-estruturas em cinco anos, bem como o perdão da dívida de São Tomé e Príncipe estimado em 28 milhões de dólares”, ainda de acordo com o documento.

EMPRESA DE MACAU CRIA PÓLO TECNOLÓGICO EM CABO VERDE

A Macao Bringbuys Web Technology pretende criar um pólo tecnológico em Cabo Verde, com planos de penetração em outros países da África Ocidental, ao abrigo de um memorando de entendimento recentemente assinado em Lisboa, Portugal, com a Cabo Verde TradelInvest, a agência cabo-verdiana de captação de investimento, anunciou a sua presidente à chegada à Praia. Ana Barber, no regresso de Portugal onde participou no 12.º Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre China e Países de Língua Portuguesa, disse que o projecto visa fazer com que as empresas do país tenham acesso a computação em nuvem, por exemplo. "A Bringbuys pretende pôr de pé um centro de computação em nuvem, um centro de dados *offshore*, instituições de formação e incubadoras", disse a presidente da Cabo Verde TradelInvest.



GUINÉ-BISSAU NO CAMINHO CERTO PARA A EXPORTAÇÃO DE ALIMENTOS

A Guiné-Bissau, com o apoio da República Popular da China, deverá dentro de cinco anos atingir a auto-suficiência alimentar e iniciar a exportação dos excedentes produzidos, disse o embaixador chinês, Jin Hongjun, durante uma visita que realizou à localidade de Caliquesse, norte da Guiné-Bissau, ao lado do presidente guineense, José Mário Vaz. O diplomata chinês no país realçou que, no mínimo, estão reunidas as condições necessárias para a prossecução deste objectivo na Guiné-Bissau, nomeadamente dispõe de uma população jovem, recebe apoios e promessas de mais ajudas da China e tem uma situação climática favorável. O embaixador reiterou ao chefe de Estado guineense a vontade do seu país em continuar a apoiar a Guiné-Bissau, não só na área da agricultura mas também em outros sectores importantes para fomentar o desenvolvimento do país.

CABO VERDE SALIENTA PAPEL DA CHINA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DO PAÍS

O ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, Abraão Vicente, salientou a importância da China em investimentos que permitam ao país africano produzir conteúdo audiovisual. O responsável sublinhou a importância da China na formação de quadros e transferência de tecnologia. "Estamos aqui à procura de *know-how* para incrementar a potencialidade de as empresas nacionais produzirem e introduzirem conteúdo numa rede internacional", afirmou Vicente em Pequim, onde participou no 4.º Fórum China – África de Cooperação no sector dos média. O ministro destacou ainda a "abertura excepcional" chinesa na transferência de conhecimento para o continente africano visando desenvolver tecnologias digitais e de computação em nuvem.



GRANDE BAÍA

Cantão e a nova centralidade

O propósito de integrar a Área da Grande Baía, constituída por Cantão, Hong Kong e Macau, com mais oito cidades da província de Guangdong (Zhuhai, Shenzhen, Foshan, Huizhou, Dongguan, Zhongshan, Jiangmen, Zhaoqing) no Sul da China, é uma iniciativa nacional, que pretende fazer desta região uma das grandes metrópoles do Mundo, já em 2030

T JOSÉ LUÍS SALES MARQUES

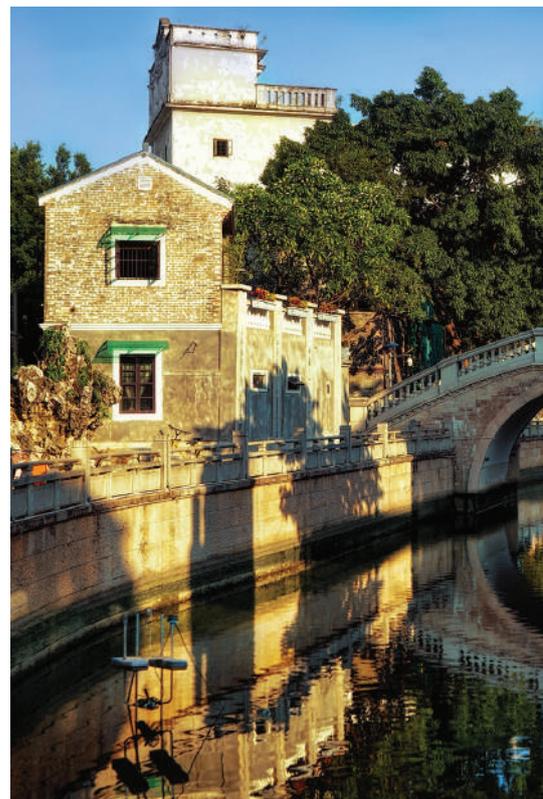
A INICIATIVA da área da Grande Baía, cuja ambição e alcance quase que superam a imaginação, coloca de novo a cidade de Guangzhou, que é também conhecida com o nome de Cantão, no centro de atenções, conferindo-lhe uma reforçada centralidade. Esta faz jus à importância que teve e tem no processo histórico chinês e, de forma ainda mais relevante, no grande salto que a China deu depois de 1978, de abertura gradual da sua economia ao mundo.

Sob a liderança de Deng Xiaoping e através de experiências político-económicas e de ordenamento do território, exemplificadas com a criação de zonas económicas especiais de Zhuhai e Shenzhen, a região começou por atrair capitais de Hong Kong, Macau, Taiwan e de chineses ultramarinos do Sudeste Asiático, perante a excelente combinação de factores produtivos – abundância de mão-de-obra – e custos que oferecia. Assim nasceu a capacidade industrial exportadora que, em poucas décadas, transformou a região do Delta dos Rio das Pérolas na “fábrica do mundo”.

Entretanto, o processo de desenvolvimento interno da economia chine-

sa e a aposta na inovação e nas tecnologias de informação, associados aos níveis relativamente elevados do PIB per capita da região, a existência de boas instituições de ensino e a entrada de empresas estrangeiras, contribuíram para atrair e fixar talentos provenientes de toda a China neste espaço geográfico. Shenzhen, outra das cidades participantes na Grande Baía, é hoje, justamente, considerada um polo de inovação de nível mundial, sendo também conhecida como a Silicon Valley da China.

O triângulo económico Guangzhou-Hong Kong-Macau foi paulatinamente desenhado à medida que o processo de interdependência económica se aprofundava, criando uma regionalização pela via do mercado, que se acentuou com a integração das duas últimas cidades na nação chinesa, enquanto Regiões Administrativas Especiais da República Popular da China. A partir desse momento e, sobretudo, quando o Governo Central decidiu implementar os Acordos CEPA (Acordo de Parceria Económica) em 2004, sucessivamente revistos e alargados a muitos produtos e serviços. Dentre esse pacote de medidas, foi decisivo o sistema de vistos turisti-





cos individuais para que muitos mais residentes do Interior do País pudessem visitar Macau e Hong Kong, ajudando ao crescimento das suas economias. Os fluxos turísticos originários das cidades do Delta do Rio das Pérolas têm um papel crucial para o sucesso dessas políticas.

Com a assinatura, a 1 de Agosto de 2017 em Hong Kong e na presença do Presidente Xi Jinping, do Acordo-Quadro para o Reforço da Cooperação Guangdong-Hong Kong-Macau e Promoção da Construção da Grande Baía, (publicado no Boletim Oficial, n.º 31, II Série, de 2 de Agosto de 2017), o esforço institucional para integrar a região do Delta do Rio das Pérolas atinge um novo patamar.

Guangzhou: população e geografia

Com uma área de 7434 quilómetros quadrados, a cidade de Guangzhou, que é a capital da província de Guangdong, possui uma população de 14 milhões de habitantes, o que lhe confere uma densidade populacional de 1883 habitantes por quilómetro quadrado. Localiza-se a norte do Rio das Pérolas (Zhujiang), o terceiro maior rio da China, que atravessa a cidade e permite a navegabilidade até ao Mar do Sul da China.

O território de Guangzhou está administrativamente dividido em 11 distritos, a saber: Yuexiu, Liwan, Haizhou, Tianhe, Baiyun, Huangpu, Panyu, Hudu, Nansha, Zengcheng e Conghua.

História

Guangzhou foi fundada em 214 a. C., na Dinastia Qin (221-207 a. C.), e era conhecida inicialmente por Punyu. Foi sede da Dinastia Nanyue (206-111 a. C.) e a sua curta existência terminou ao ser derrotada pelos Han. Encontra-se, no centro de Guangzhou, um museu dedicado a esta dinastia sulista, cujo riquíssimo espólio inclui várias peças originárias de África e da Pérsia, que atestam o seu código genético de centro de comércio marítimo e de interacção entre culturas diversas. Começa a afirmar-





-se como cidade aberta desde cedo, atraindo mais do que uma centena de milhar de estrangeiros de origem árabe, persa, hindu, e de outras origens geográficas, estabelecidos durante a Dinastia Tang (618-907), para comerciar nos seus portos e mercados. Esta proeminência atraiu a cobiça de forasteiros ao longo dos séculos e foi, em tempos remotos, a 786, saqueada pelos persas.

Os estrangeiros começaram a fixar-se nesse território vivendo em bairro próprio, na periferia do núcleo urbano central de Guangzhou, com as suas famílias, as suas práticas culturais e religiões autóctones. Esse aglomerado possuía algumas características de auto-governança, sempre sob o olhar atento das autoridades mandarínicas. A primeira mesquita da China foi fundada no século VIII em Guangzhou.

A antiga Rota Marítima da Seda teve no porto de Guangzhou o seu mais importante centro, até que durante a Dinastia Song o porto de Quanzhou, na província de Fujian, passou a desempenhar essa função. Essa rede marítima não se limitava apenas a um conjunto de rotas destinadas a servir o comércio entre regiões e continentes distantes, uma vez que também desempenhava o papel de via de comunicação aberta entre povos e culturas. Essas rotas, que existiram entre o século II a. C. até ao século XV da nossa era, ligavam a China ao Sudeste Asiático, ao arquipélago indonésio, ao subcontinente indiano, às Arábias, à Somália e finalmente à Europa.

A China exportava seda, porcelana, chá, bronze e ferro e importava especiarias, plantas e flores, raridades exóticas e prata para a Corte Imperial. Materializavam, por um lado,

o sistema tributário chinês e, por outro, a grande capacidade naval da China, singularmente expressas nas viagens do Almirante Zheng He, cujas armadas constituídas por gigantescos navios de 700 toneladas arribaram o Sudeste Asiático, a costa oriental africana e o sub-continentes indiano. Esta rede comercial também se estendia ao norte, à Península Coreana e ao Japão, rota conhecida como a do Mar da China Oriental. Com o advento da política de proibição da actividade marítima instituída na Dinastia Ming, conhecida pelo política Haijin, a armada de Zheng He foi destruída e o comércio marítimo oficialmente proibido, embora continuasse por outros meios.

Economia e conectividades

As economias das 11 cidades da Área da Grande Baía Guangdong, Hong Kong e Macau atingiram em 2016 um

PIB combinado de 1,34 biliões de dólares norte-americanos, representando 12 por cento da economia nacional da China, com apenas cinco por cento da sua população total. A nível da Grande Baía, o PIB de Guangzhou foi, em 2016, de 285 mil milhões de dólares norte-americanos, ou seja 21,3 por cento do total, o que faz dela a segunda maior economia a seguir à de Hong Kong, cujo PIB de 319 mil milhões de dólares norte-americanos, ou seja 23,8 por cento do total, continua como sendo a referência regional em termos do tamanho da economia e da sua complexa integração nas redes de comércio e de finanças internacionais.

A força da economia de Guangzhou reside na sua grande capacidade e diversidade produtivas, na sua rede de transportes e de logística, no comércio externo e na combinação de um conjunto de serviços que vão desde os seguros à banca, ao comércio de retalho e ao imobiliário. As principais indústrias assentam na produção de ferro e aço, de pasta de papel, na produção têxtil (seda, algodão, juta e fibras sintéticas), no fabrico de tractores, de máquinas e equipamentos, na tipografia, na refinação de açúcar, bem como na produção de electrodomésticos, de pneus, de bicicletas, de equipamento desportivo, de porcelana, de cimento e de químicos. O valor acrescentado industrial de Guangzhou foi de 75,82 mil milhões de dólares norte-americanos, cerca de 19 por cento do total das nove cidades da província de Guangdong, a seguir a Shenzhen.

As artes tradicionais continuam a ser importantes, bem como o turismo. No seu conjunto, os serviços têm um peso de 68,6 por cento e o sector secundário, cerca de 30 por cento, respectivamente, no PIB de Guangzhou. A Feira de Guangzhou (Canton Fair), que existiu no passado desde 1578, foi reactivada em 1957, funcionando duas vezes ao ano na Primavera e no Outono.

A nível do investimento estrangeiro, Guangzhou situa-se em quarto lugar, com 61,55 mil milhões de dólares norte-americanos, depois de Hong Kong, Shenzhen e Macau.

À NÍVEL DO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO, GUANGZHOU SITUA-SE EM QUARTO LUGAR, COM 61,55 MIL MILHÕES DE DÓLARES NORTE-AMERICANOS, DEPOIS DE HONG KONG, SHENZHEN E MACAU

Guangzhou é o centro de transporte marítimo, terrestre e ferroviário do Delta do Rio das Pérolas. A linha férrea Guangzhou-Wuhan liga o sul ao centro e norte do país. A linha Guangzhou-Jiulong faz a actual ligação a Hong Kong em comboio normal. Todavia, a linha de alta velocidade que ligará Hong Kong a Guangzhou em 45 minutos entrará em funcionamento ainda em 2018. Diversas auto-estradas ligam a capital da província de Guangdong às cidades costeiras e da Área da Grande Baía. O mesmo acontece com redes de metro ligeiro, que servem

para agilizar o movimento de pessoas intra e entre cidades a preços módicos. Zhuhai e Punyu estão ligados por uma dessas redes, utilizada por muitos residentes de Macau. O objectivo último dessa complexa rede de ligações é permitir que qualquer das cidades da Área da Grande Baía venha a estar a uma hora de distância de todas as suas congéneres.

O porto de contentores de Guangzhou é o sétimo maior do mundo em volume, e o maior entre os portos desta megapolis. As autoridades do município criaram em 2015 a zona de comércio livre da Nova Área de Nansha, com 60 quilómetros quadrados, e o porto de terminal de cruzeiros, cuja construção estará terminada em 2019, será o mais importante do género no país.

Educação e cultura

A cidade de Guangzhou está dotada de 14 universidades, entre as quais a Universidade de Sun Yat-sen, também conhecida por Zhongshang e Zhongda. Possui a sede no distrito de Haizhu, um campus na cidade universitária localizada na ilha de Xiaoguwei,





distrito de Punyu, e outro na cidade de Zhuhai. É considerada uma das 10 melhores universidades da China. A cidade universitária de Xiaogwei foi criada em 2004, com uma área aproximada de 17 quilômetros quadrados e alberga 10 universidades e o Centro de Ciência de Guangdong, o maior da China. Destacam-se universidades como a Universidade Tecnológica do Sul da China, a Universidade Normal do Sul da China, a Universidade de Assuntos Estrangeiros de Guangdong, a Universidade de Medicina, a Academia de Belas Artes e o Conservatório Xinghai, cujo nome homenageia o famoso músico e compositor chinês Xin Xinghai, originário de Macau.

A cultura de Guangzhou é multifacetada e diversificada, com especial destaque para a cultura de Lingnan, ou cultura cantonense. Esta cultura é originária dos tempos em que o reino Nanyue, que se estendeu entre Guangdong, Guangxi e ainda o Norte do Vietnã. O povo de Nanyue não era Han, mas depois da conquista por esses, no século II a.C., houve naturalmente uma grande fusão de culturas. Mas as características especiais de Lingnan permanecerem em diversas áreas de manifestação e ex-

pressão culturais, com influência em Macau, Hong Kong e muitas comunidades de emigrantes chineses espalhadas pelo mundo. Desde já, na língua cantonense, nas suas óperas, poesia e literatura, na famosa arquitectura Lingnan, com expressão máxima no Templo do Clã Chan, em Guangzhou, mas também em templos em Macau, nomeadamente o de

Guanyin. Nas casas de tipo Tong Lau, que combinam estilos do sul da China com elementos ocidentais, que estão quase extintas em Macau, mas ainda se podem ver em Malaca e em Singapura; no desenho de jardins, em muitas variedades de artesanato e na Escola de Pintura de Lingnan e na sua excepcional caligrafia.

A gastronomia de Guangzhou e de toda a província de Guangdong é das mais representativas da China e encontra-se entre as grandes tradições culinárias do mundo. Macau e Hong Kong são, muito justamente, também expoentes desta gastronomia, com uma concentração, sem igual no mundo, dos melhores restaurantes dedicados às delicadas iguarias desse tesouro gastronómico.

A construção da Grande Baía, cujos trabalhos vão requerer grande esforço de coordenação e cooperação entre todos os intervenientes, e a procura de uma identidade regional, que não se substituindo a cada uma das identidades locais as complementa com um sentido de pertença à região, vai proporcionar a Guangzhou uma importância acrescida a nível regional e internacional, como um dos pólos naturais de desenvolvimento da Área da Grande Baía. ■





MACAU 2017 LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD
+
SELO
“MACAU VOLTA ÀS RAÍZES COMUNS”

Seja bem-vindo à consulta
do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos,
através da seguinte página electrónica,
ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **Macau 2017 – Livro do Ano** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau. Este ano, o **Livro do Ano** inclui ainda o selo filatélico “Macau: Volta às Raízes Comuns”, como prova do apoio do Gabinete de Comunicação Social às indústrias culturais e criativas de Macau. Diversas fotografias e vídeos podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes. O livro é publicado em chinês, português e inglês.

TRAVESSIA DO DELTA

Uma ponte sem igual

T MARCO CARVALHO

A Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau ainda não foi inaugurada, mas já ganhou um lugar por direito próprio no rol dos mais desafiantes projectos de engenharia alguma vez concebidos. A travessia do Delta estabelece vários novos recordes em termos de dimensão, mas a magnitude da estrutura não se fica pelos números. Durante os últimos nove anos, a empreitada de construção da obra revelou-se um viveiro de inovação em termos técnicos e tecnológicos. A MACAU explica-lhe por que razão a nova travessia Hong Kong-Zhuhai-Macau é uma ponte sem rival







TERÇA-FEIRA, 2 de Maio de 2017. No coração do extenso estuário que aparta Macau e Hong Kong, uma estrutura incomum labora com indissimulável precisão. Instalado num cargueiro com dimensões também elas descomunais, o colossal aparato conduz uma missão que engenheiros e especialistas definem como crítica: a deposição do derradeiro segmento do longo túnel subaquático que integra o projecto da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau.

Os trabalhos de construção daquela que é hoje a maior travessia marítima do mundo iniciaram-se em 2009, ao fim de cinco anos de planificação. Erigida em pleno Delta do Rio das Pérolas, a ponte atravessa o chamado canal de Lingding, um dos pontos em que a distância entre as margens oriental e ocidental da desembocadura do rio é mais curta.

Ainda assim, a estrutura estende-se por 55 quilómetros, um dragão de aço e de betão ora serpenteando à flor da água, ora mergulhando no leito arenoso da vastidão do Delta. Além dos 22,9 quilómetros de ponte propriamente dita,



a travessia é ainda constituída por quatro ilhas artificiais e pelo mais longo túnel marítimo do mundo, uma infra-estrutura que se estende por 6,7 quilómetros a uma profundidade média de 40 metros abaixo do leito oceânico.

Com dimensão suficiente para acolher um edifício de 12 andares e um peso que supera as seis mil toneladas – o equivalente a 25 unidades do Airbus A380 – o módulo que o gigantesco mecanismo ergue sobre as águas do Delta será depositado 28 metros abaixo da superfície marítima, num processo meticuloso que se estende por quase 18 horas.





A missão, de grande complexidade, não teria sido de todo possível sem o possante aparato que colocou no lugar, com milimétrica exactidão, cada um dos 33 segmentos que constituem o túnel de 6700 metros que se esgueira pelos abismos do estuário, em alguns pontos a mais de 40 metros de profundidade. O mecanismo – baptizado de Zhenhua 30 pelas autoridades chinesas – foi também utilizado para colocar no devido lugar cada um dos 2156 módulos de betão e aço que constituem o tabuleiro da travessia.

“Consegue imaginar o desafio que é levantar um bloco com mais de 100 metros em pleno mar e colocá-lo na posição correcta?” A questão, de natureza retórica, é lançada por Chan Mun Fong, engenheiro civil que é, provavelmente, o profissional de Macau que detém um conhecimento mais aprofundado dos desafios inerentes à construção de estruturas de grande envergadura, como pontes e túneis.

Com uma magnitude nunca antes vista, a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau suscitou desafios à escala, a começar pela inevitabilidade de diligenciar soluções tecnológicas que pudessem tornar a obra possível. “Esta grua tem capacidade para levantar 12.000 toneladas. É algo absolutamente fantástico. E, se tal não bastasse, a Zhenhua 30 está assente numa plataforma giratória de 360 graus”, ilustra Chan Mun Fong. “Para um projecto destes, era absolutamente necessário ter uma grua desta envergadura, porque as equipas que construíram a ponte não podiam estar a trabalhar com material que puxasse o esforço até ao limite para levantar os segmentos do tabuleiro. De outro modo, corriam o risco de a grua balançar e de colocar em risco a própria viabilidade do projecto”, explica o director executivo da Civil Engineering Consultants Co. Limited.

Com um mestrado em engenharia estrutural pela Universidade de Berkeley e um doutoramento na mesma área de especialização pela Virginia Tech, Chan Mun Fong acompanhou de perto a construção de duas das três travessias que ligam Macau e a Taipa – a Ponte da Amizade e a Ponte de Sai Van – na qualidade de chefe de departamento do Laboratório de Engenharia Civil de Macau e evoca a experiência angariada em ambos os projectos para colocar em perspectiva o carácter absolutamente excepcional da empreitada de construção da travessia do Delta. “Quando construímos





a Ponte da Amizade tínhamos uma zona de circulação automóvel bastante ampla, com 35 metros de largura, o que pressupunha que as secções da ponte já fossem naquela altura bastante pesadas”, recorda o especialista. “Tínhamos uma grua assente no leito marítimo que conseguia levantar 400 toneladas. Nesta altura, quando esta grua foi instalada já era algo imponente. Era algo enorme e muito significativo. Estamos a falar de uma obra que foi feita há 20 e poucos anos. Conseguir imaginar agora uma grua a levantar 12.000 toneladas? É um monstro. Nada mais, nada menos do que um monstro”, sublinha Chan Mun Fong, sem esconder o deslumbramento pela capacidade técnica desenvolvida pelo Interior do País no domínio da engenharia ao longo das duas últimas décadas.

Um projecto ímpar

A Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau é grande. Ponto. E não é só em termos de dimensão que a estrutura bate recordes. O tabuleiro é constituído por 2156 módulos nos quais foram empregues 400 mil toneladas de aço, material suficiente para assegurar a construção de 60 réplicas em tamanho real da Torre Eiffel.

Os segmentos – cada um dos quais com 132,6 metros de comprimento – viram a luz do dia na cidade de Zhongshan, na província de Guangdong. Depois de concebidas e moldadas com precisão milimétrica, as estruturas foram transportadas de barco para o local onde a ponte se ergueu numa breve, mas meticulosa viagem de 40 quilómetros até ao seu destino final.

Com uma concepção mais funcional do que arrojada, a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau é inegavelmente filha das circunstâncias que determinaram a sua criação. Com um corpo esguio, que se esgueira por quase 23 quilómetros de alto mar, a travessia foi concebida para resistir a tufões de intensidade 16. De um mesmo modo, asseguram os responsáveis pela concepção da estrutura, a travessia do Delta pode resistir ao embate de uma embarcação com uma envergadura de 300 mil toneladas e suportar – mesmo não

sendo o risco sísmico elevado na zona geológica em que Macau se situa – tremores de terra de magnitude 8,0 na escala de Richter. “Os responsáveis pela planificação da ponte estabeleceram exigências muito elevadas tanto para tufões como para terremotos, o que é algo pouco habitual, uma vez que Macau e Hong Kong não estão situadas numa zona com uma actividade sísmica muito elevada”, assinala Chan Mun Fong. “Neste caso, esta possibilidade tem que ser equacionada e constitui um aspecto significativo.”

A hipotética exposição da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau a desastres naturais de grande envergadura foi, no entanto, apenas uma das preocupações que nortearam os trabalhos de concepção da estrutura. Mais tangível e imediato



foi o desafio com que as equipas de engenharia e de arquitectura se depararam pelo simples facto da ligação ter sido erguida numa das zonas mais movimentadas do mundo em termos de tráfego marítimo.

As entidades responsáveis pela planificação da obra assumiram desde logo a missão de construir uma estrutura que não impedisse ou atrapalhasse a navegação na área ou que afectasse o tráfego aéreo de e para os aeroportos internacionais de Macau e de Hong Kong. “Nesta zona do Delta do Rio das Pérolas, há três ou quatro canais de navegação e a ponte teve de ser concebida com este factor em mente, o de permitir que um grande número de embarcações possa continuar a navegar”, recorda o especialista em engenharia estrutural. “Por outro lado, tiveram de restringir a altura das torres para que não obstruíssem o tráfego aéreo ou influíssem na rota dos aviões”, complementa Chan Mun Fong.

No caso da secção elevada do projecto, o vão entre os pilares teria que ser o mais longo possível para que a navegação e o acesso por via fluvial a Cantão não fossem perturbados. Por outro lado, e para que a ponte possa resistir ao impacto de um supertufão ou de um improvável abalo sísmico de grandes dimensões, a estrutura teria que ser leve e iludir a ideia de rigidez muitas vezes associada a projectos desta magnitude. “A equipa foi confrontada com a necessidade de reduzir o peso, de aumentar a amplitude entre as secções e para obter esse resultado teve de recorrer, por exemplo, a um novo tipo de aço com materiais compósitos”, ilustra o engenheiro civil.

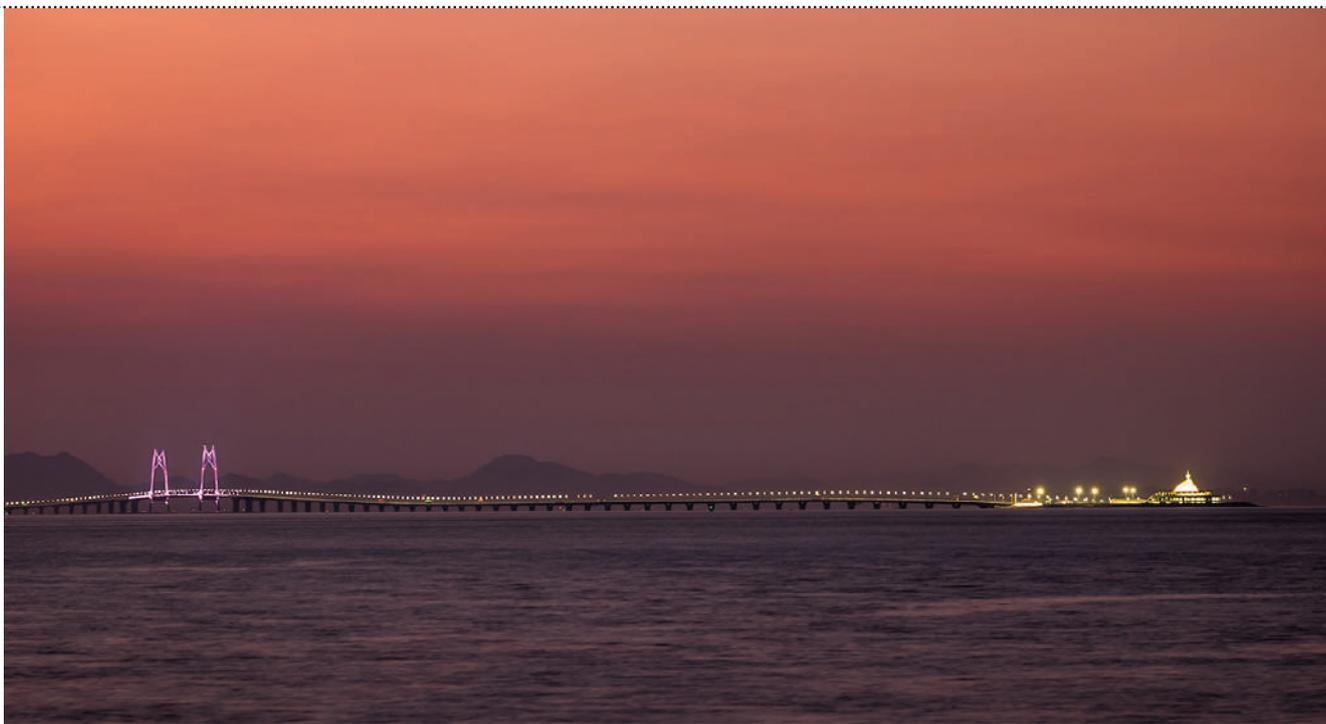
A demanda por uma certa ligeireza fez com que a opção por uma estrutura inteiramente em betão se prefigurasse

logo desde o início como inadequada. Em alternativa, a escolha das equipas de engenharia recaiu sobre uma estrutura mais leve, que privilegia o aço de que fala Chan Mun Fong, um material tecnologicamente mais avançado e, como tal, mais durável. “O aço está sujeito a corrosão em ambientes marinhos. Tendo em conta este detalhe, foi utilizado um tipo especial de aço inoxidável, que foi submetido a um grande número de testes antes do material ter sido considerado apto para utilização”, explica o antigo chefe de departamento do Laboratório de Engenharia Civil de Macau.

Os avanços ao nível da engenharia associados com a travessia do Delta não se ficam, no entanto, pela resistência e durabilidade dos materiais utilizados. Mais de um milhar de inovações foi patenteada durante o processo de construção da estrutura, em ligação com a edificação da ponte, dos túneis e com a planificação e concretização das ilhas artificiais. Se o aço que constitui a espinha dorsal do projecto, outros materiais – como o asfalto utilizado na pavimentação das vias rodoviárias – deverão permitir uma economia de meios no que diz respeito à gestão e à manutenção da estrutura. “O pavimento foi concebido para durar 15 anos, o que já é algo muito significativo, se tivermos em conta que o asfalto se destina, sobretudo, a acomodar veículos pesados. Se a sua performance corresponder às expectativas, os custos de manutenção serão reduzidos. O processo de repavimentação é não apenas problemático em termos de trânsito, mas também muito oneroso”, ilustra Chan Mun Fong.

As inovações, tanto no *design* e concepção como no capítulo dos materiais e dos métodos utilizados, devem permitir que a travessia do Delta atinja um tempo útil de vida





de 120 anos, um acréscimo significativo face aos 100 anos que se espera que as grandes travessias possam durar. “Normalmente, as estruturas são concebidas para que o seu desempenho se mantenha otimizado por 50 anos. No caso de estruturas muito importantes, como é o caso de pontes e túneis, o habitual é falarmos de 75 anos ou, eventualmente, de puxar esse limite até aos 100 anos”, especifica o director executivo da Civil Engineering Consultants Co. Limited. “Pode-se pensar que entre os 100 e os 120 anos a diferença não é muita mas, de facto, no que diz respeito à engenharia e às exigências com que os engenheiros se depararam, a diferença é absolutamente abismal. Em termos de engenharia, este projecto está a puxar os conhecimentos que temos até ao limite”, assinala Chan Mun Fong.

Via rápida para a integração

Se em termos técnicos a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau é um portento em termos arquitectónicos, a forma como a travessia foi concebida resulta, no entender de José Maneiras, num bom casamento entre as funções que a estrutura se propõe cumprir e as qualidades estéticas que exhibe. Nascido em 1935, o decano dos arquitectos da RAEM assistiu à expansão e à modernização de Macau em vagas consecutivas de reformulação do espaço urbano e olha agora com admiração para o crescimento do território para além dos seus próprios limites, num processo em que a travessia do Delta adquire uma importância fulcral.

“As pontes são sobretudo obras de engenharia, mas contemplam, muitas vezes aspectos e princípios arquitectónicos importantes. Falo da leveza e da elegância das linhas. (...) Quando a ponte está bem desenhada em termos de es-

trutura e de estabilidade, é algo que resulta também em termos de arquitectura. Esta ponte é bonita nesse aspecto”, defende José Maneiras. “Qualquer pessoa tem capacidade para ver que a ponte não está bruta e feia. Está ali como deve ser. Por outro lado, as pessoas sentem instintivamente que a ponte tem solidez, que tem capacidade para resistir a tufões e a tudo o mais. Inspira confiança e inspira beleza. Não há apenas técnica, há também estética”, sublinha o arquitecto.

Com 55 quilómetros, a travessia liga as duas regiões administrativas especiais de Hong Kong e de Macau a Zhuhai, na província de Guangdong, reduzindo consideravelmente o tempo de viagem entre as duas margens do Delta do Rio das Pérolas. A estrutura tem também o condão de aproximar os 60 milhões de pessoas que têm as várias ramificações do Delta como casa e de acelerar o processo de criação da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Ambicioso, o projecto deverá adquirir, no entender de José Maneiras, uma outra vitalidade quando a travessia puder efectivamente ser utilizada. A entrada em funcionamento da Ponte permite “fechar o Delta” e rematar o processo histórico que culminou com o regresso de Hong Kong e de Macau à administração chinesa. “O Governo Central chegou à conclusão que a maneira mais rápida de fechar o Delta e de encerrar todo este processo era através da hipótese de se construir uma Ponte que tornasse a deslocação mais curta e permitisse uma diminuição tanto do custo do transporte de pessoas, como de bens”, assinala José Maneiras. “Este processo decorre ao abrigo de uma lógica de integração que tem por objectivo a articulação das extensas zonas servidas pelo Rio das Pérolas. É uma obra com grande significado político”, defende o também antigo presidente do Leal Senado.



De acordo com as estimativas avançadas pelas autoridades chinesas, a ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau deve ser utilizada diariamente por cerca de 40 mil veículos, assim que a utilização da estrutura for assumida como uma alternativa mais célere e económica à travessia tradicional do Delta. Os responsáveis pela concepção da obra estimam que a ponte reduza até 60 por cento o tempo de viagem entre Zhuhai e Hong Kong.

Conveniência

Para José Tang, empresário e vice-presidente da Associação dos Exportadores e dos Importadores de Macau, “conveniência” é a palavra-chave da existência da nova ponte e é exactamente uma solução mais conveniente aquela que a travessia oferece às pequenas e médias empresas locais. “A Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau vai afirmar-se como um complemento muito conveniente para o sistema de transporte centrado no Aeroporto Internacional de Hong Kong. A verdade é que com a ponte ficamos a uma distância de apenas 20 minutos de Chek Lap Kok, o que vai ser muito conveniente para nós”, assume.

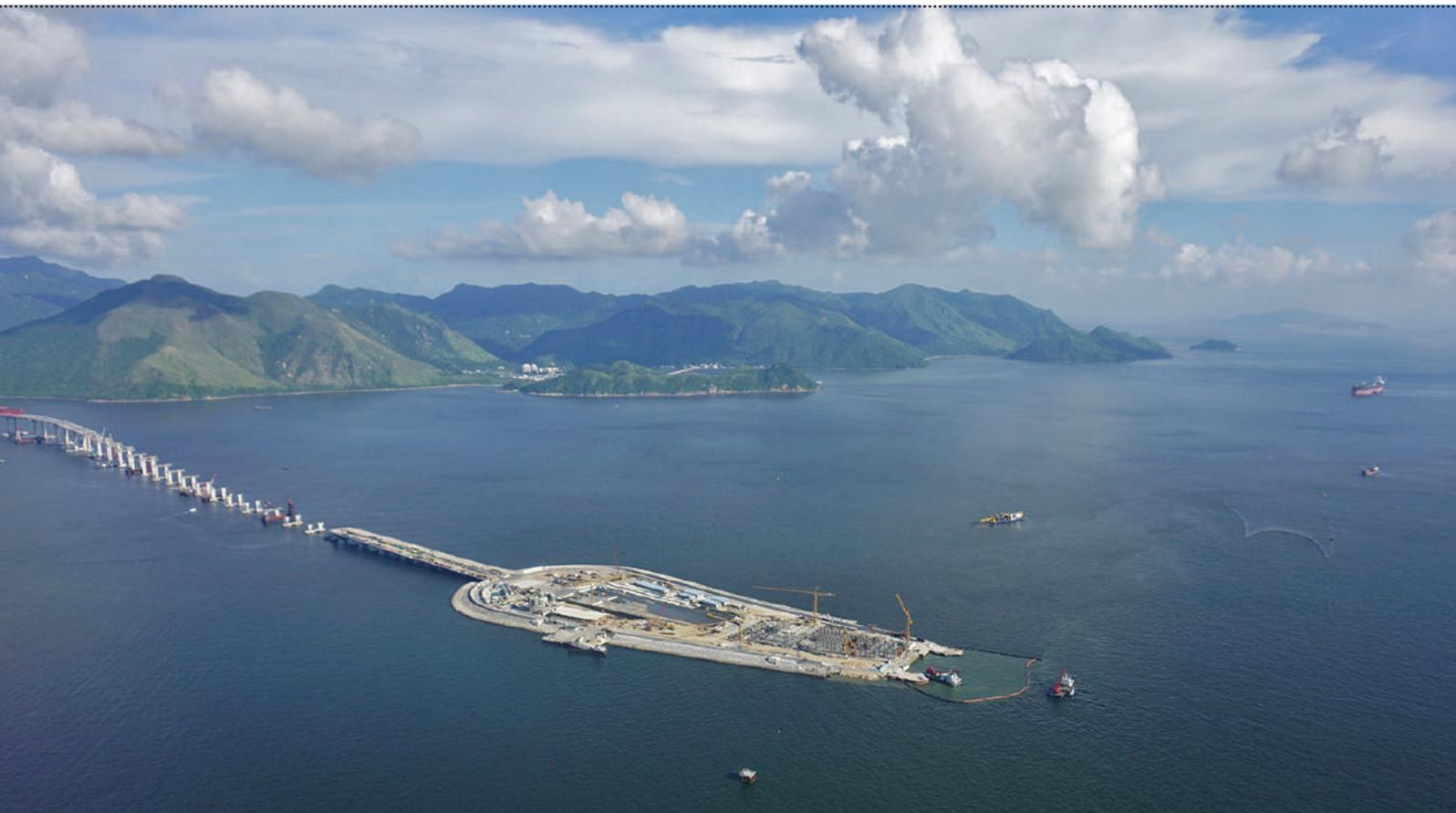
O empresário, que durante anos a fio produziu casacos e malhas de luxo para uma casa de moda britânica e chegou a empregar 650 pessoas nas suas fábricas, lamenta apenas que a travessia não tenha sido construída duas ou três décadas mais cedo.

O vice-presidente da Associação dos Exportadores e Importadores de Macau recorre exactamente ao exemplo das flores de poliéster – um produto de baixo valor agregado com custos de exportação muito elevados – para ilustrar de que forma é que a travessia do Delta poderia ter feito a di-

ferença. “As flores deixaram de ser produzidas em Macau, em parte, por causa de mudanças ao nível dos impostos e porque a mão-de-obra começou a ficar mais cara. O factor que mais prejudicava o negócio das flores era, no entanto, o custo do transporte. Enviávamos as flores em contentores gigantes. Custava à volta de 5000 patacas trazer um destes contentores para Macau e enviá-lo de volta para Hong Kong. A este valor acrescia o valor do frete, do transporte propriamente dito para o resto do mundo”, explica Tang Kuan Meng. “O preço do transporte logístico foi o factor que acabou por matar o negócio.”

Para o sector dos serviços o contributo da entrada em funcionamento da estrutura poderá prefigurar-se como essencial e contribuir para a redução das despesas ao nível dos transportes, estima José Tang. “Nesse aspecto, creio que vai haver uma melhoria nos transportes em termos logísticos. Para produtos como fruta, vegetais e consumíveis diários vai haver uma melhoria. O mesmo deverá acontecer para as mercadorias que exigem refrigeração. Essas vão ser beneficiadas.”

Estima-se que o Produto Interno Bruto da Área da Grande Baía supere a barreira dos 4,62 biliões de dólares até 2030, ultrapassando as áreas de baía de Tóquio e de Nova Iorque. Para que a região que rodeia o Delta se torne efectivamente a mais rica do planeta, o Governo Central delineou um plano que prevê a dinamização de importantes projectos de infra-estruturas, de redes e de plataformas de cooperação económica e comercial que deverão ter um impacto que suplantará em muito os limites da Grande Baía. A Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau é um instrumento fulcral na concretização desse desígnio.



ENGENHARIA

A China na linha da frente da inovação

T MARCO CARVALHO

“A PONTE é grande. Tem muitas faixas de rodagem, tem um vão muito grande, tem isso tudo. Há ali um certo incremento de capacidade técnica e de melhoramento, uma tentativa de ultrapassar os limites que antigamente não era muito frequente.” A análise de José Maneiras é válida para a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, mas também poderia descrever uma mão cheia de grandes projectos de construção de infra-estruturas que a República Popular da China tem ou teve em mãos ao longo das duas últimas décadas.

No campo da engenharia e da dinamização de infra-estruturas, a China tornou-se sinónimo de inovação, mas também de ousadia: a ponte que atravessa a Baía de Hangzhou ou o caminho-de-ferro que liga Pequim a Lhasa são

alguns dos exemplos que melhor ilustram a capacidade da engenharia chinesa contemporânea. “O caminho-de-ferro do Tibete é uma grande obra. Ninguém fazia aquela obra”, admite José Maneiras. “A China provou que era possível construir um caminho de ferro sobre uma camada de *permafrost* e a estrutura não mexe. O que as equipas de engenharia chinesas fizeram foi fixar estacas em vários sentidos: a direito, na perpendicular, na diagonal. Estamos a falar de estacas enormíssimas, que exigiram maquinaria e recursos enormes, mas que provaram ao mundo que é possível construir em terreno tão volátil como o *permafrost*”, esclarece o veterano arquitecto.

No caso da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, entre os principais desafios técnicos têm a ver com a natureza arenosa e extremamente maleável do leito oceânico do Delta



do Rio das Pérolas. Dado o processo de contínua sedimentação inerente à própria natureza do estuário, os engenheiros viram-se obrigados a fixar mais de uma centena de gigantescos pilares de aço no leito arenoso. Cada um dos 120 cilindros tem 22,5 metros de diâmetro, altura equivalente a um edifício de 18 andares e pesa 550 toneladas, o mesmo que o Airbus A380, o maior avião de passageiros do mundo. São estes pilares que servem de sustentáculo às duas ilhas artificiais construídas na extremidade do túnel de quase sete quilómetros que integra a estrutura.

A própria construção do túnel, uma obra de dificuldade técnica considerável, tendo em conta as características geológicas e topográficas da zona, reveste-se de uma carácter imperioso, dada a necessidade de garantir que o tráfego marítimo pudesse continuar a ser feito de forma o mais desimpedida possível. “O túnel é muito longo. Não se fazem túneis submersos com este tamanho. Um túnel com mais de seis quilómetros é descomunal”, assevera Chan Mun Fong. “Tive a sorte de visitar a ponte e vi os módulos utilizados no túnel e cada peça tem 180 metros. A opção por segmentos deste tamanho só se justifica quando se tem o equipamento certo. Fiquei com a impressão de que todas estas soluções, como a Zhenhua 30, foram concebidas para responder aos próprios critérios e exigências que se colocavam aquando da concepção da ponte”, admite o director executivo da Civil Engineering Consultants Co. Limited.

Ainda que de uma forma não tão acentuada, até a proximidade entre a estrutura e o Aeroporto Internacional de Hong Kong contribuiu para a forma como a ponte foi concebida. A estrutura cruza directamente o trajecto de aproximação à pista de muitos dos voos com destino ao Aeroporto de Chek Lap Kok e as torres de sustentação do tabuleiro foram construídas com uma dimensão menor do que seria de supor para uma obra da envergadura, numa decisão que teve em conta as especificidades do tráfego aéreo na zona.

Por outro lado, o impacto ambiental da estrutura também motivou preocupações, com as equipas de engenharia a terem de equacionar e colocar em prática métodos não

invasivos de dragagem com o propósito de salvaguardar ao máximo o *habitat* do golfinho branco chinês, uma espécie ameaçada de extinção.

Em termos concretos, os responsáveis pelo projecto tiveram de ter em conta os canais de navegação, os princípios fundamentais da hidrologia e ainda os fluxos naturais de escoamento do próprio rio para assegurar que os ecossistemas naturais não eram comprometidos.

Entre as tarefas mais exigentes esteve, naturalmente, a construção do túnel subaquático de 6700 metros que liga as duas ilhas artificiais construídas ao largo da ilha de Lantau. Com uma dimensão pouco habitual em projectos da índole, o túnel foi montado a partir de segmentos com um peso de 80 mil toneladas cada.

No auge do processo de construção, mais de 14 mil trabalhadores estiveram envolvidos na concretização do projecto. As equipas de construção contaram com o apoio logístico de mais de três centenas de embarcações e de um sem fim de veículos e de maquinaria, alguma da qual – como a Zhenhua 30 – foram construídos propositadamente para o efeito.

Os números falam por si e não escondem a ambição que as autoridades chinesas colocam nos projectos em que se envolvem. Viveiro de inovação, a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau é também um ninho de recordes. “A China faz o possível por garantir que os projectos em que se envolve sejam número um na referida área”, salienta Chan. “Neste projecto em concreto, creio que já temos vários recordes. Este longuíssimo túnel submerso é o maior do género. A superfície asfaltada, no que diz respeito à área total, é imensa: estamos a falar de 70 mil metros de superfície asfaltada, o que é incrível. Eu creio até que há outros recordes com os quais eu não estou tão familiarizado. Mas é exactamente isto que os engenheiros querem fazer quando lhes é dada a oportunidade: levar uma estrutura a todo um outro nível”, remata o antigo chefe de departamento do Laboratório de Engenharia Civil de Macau. ■



Culturas e línguas a pensar nas novas gerações

T CATARINA BRITES SOARES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

A Escola Oficial Zheng Guanying entrou em funcionamento em 2011 nas instalações da antiga Escola Primária Luso-Chinesa de Tamagnini Barbosa. Trata-se de um projecto-piloto do Governo de Macau, que tem em vista a diversificação do sistema educativo das escolas oficiais locais. Ao contrário da maioria dos estabelecimentos de ensino de Macau, cuja instrução é feita em cantonês, aqui o mandarim, o português e o inglês são as línguas de ensino. O objectivo é que os alunos se tornem multilíngues e multiculturais



O EDIFÍCIO grande e moderno de fachada colorida aparece no meio dos prédios altos e esguios que enchem a zona do Canal das Hortas. O contraste dá outra cor à Areia Preta. A Escola Oficial Zheng Guanying abriu portas em 2011 e no início deste ano ganhou um novo edifício. Desde a sua criação, muito mudou.

Há sete anos a escola contava apenas com 106 alunos, divididos por seis turmas. Hoje são mais de 350 estudantes e 19 turmas, desde o jardim-de-infância até ao segundo ano do secundário. Números que segundo a directora do estabelecimento de ensino, Wu Kit, são “prova de que o sistema está a funcionar”.

Hoje é Wu Kit quem lidera a escola que fez questão de mostrar. A primeira paragem foi no pátio amplo e cheio de cor onde os alunos do secundário estavam a ter Educação Física. É uma das disciplinas leccionada em português – língua que só entrou no momento em que também o professor entrou em campo. Antes e enquanto trocavam bolas por cima da rede de voleibol, os alunos falavam em mandarim, incluindo os dois ou três estrangeiros que estavam entre os 16 estudantes. “Os portugueses e estrangeiros falam em inglês entre eles, mas se alguém chinês está no grupo, falam em mandarim.”

Uma das turmas do ano acima – 3.º da primária – dava ao dedo em lugar de dar à língua na aula de Artes Visuais. Ao longo do corredor que leva à sala no primeiro andar, vêem-se as paredes decoradas com trabalhos em português, inglês e chinês. As portas das salas estão fechadas, mas por serem envidraçadas deixam ver o que se passa. “Optou-se por este *design* que tem como conceito a ideia de transparência”, contextualiza a directora.

Métodos

Rapidamente se confirma que se trata de uma escola onde se misturam idiomas. Do fundo de outro corredor, no piso

de baixo, chega-nos uma voz sonante num português perfeito: “Fila. 1, 2, 3. Não se esqueçam de estudar”. E lá aparece mais um grupo de alunos, em fila como foi ordenado, maioritariamente de origem chinesa.

Não é fácil ajustar o ensino quando aos objectivos normais da educação se acrescentam as metas de formar alunos trilingues e de juntar estudantes de diferentes nacionalidades. “É um projeto pioneiro”, recorda Carla Sá, representante de grupo das actividades educativas da disciplina de língua portuguesa do ensino infantil.

O método, diz a professora, tem-se baseado muito na tentativa e erro. “Estamos todos em fase de experimentação. Se aplicarmos uma coisa e der resultado, continuamos. Se não, procuramos outros meios. Agora, estamos a tentar fazer os nossos próprios manuais porque os de Portugal não se adaptam a este contexto”, explica. A docente realça que não servem nem aos alunos nativos nem aos restantes, já que ninguém está imerso num ambiente de contacto constante com a língua.

Leila Silva complementa, referindo-se aos estudantes que aprendem português como língua estrangeira. “Só têm contacto quando estão connosco. Por isso, fazemos muita pesquisa e somos capazes de usar dois e três manuais para ter os recursos necessários e conseguirmos ensinar a língua”, afirma a professora de português do ensino primário.

Já a professora de mandarim Chong Sam Fong diz que não se notam “muitas discrepâncias” entre os alunos, uma vez que o ensino primário tem como finalidade ensinar a ler e a escrever. “Fazemos actividades como conversar três minutos antes de a aula começar; contar histórias em que cada aluno tem de preparar uma que depois vai partilhar com os colegas e receber a opinião do professor. E isso ajuda”, exemplifica a docente do 1.º ano do ensino primário.

Lou Kuok long, professor de inglês também do ensino primário, reitera que o truque nestas idades é apostar na oralidade. “Quero que falem a maior parte do tempo para lhes criar o interesse e motivação para aprenderem a língua.” Jogos de mímica e adivinhação são alguns dos meios a que recorre para fazer com que os alunos apliquem o vocabulário que aprenderam.

Desafios

Carla Sá realça que é complicado ensinar línguas numa escola que junta alunos com diferentes níveis e dá o exemplo das aulas de português, onde também há nativos. “Tentamos dar-lhes um apoio maior. Há uma turma, por exemplo, que tem três alunos nativos. Estão num grupo à parte com uma professora que lhes dá português como língua materna”, realça.

Quando só há um aluno, acrescenta, procura-se que haja um professor que dê apoio uma ou duas vezes por semana. “Para ir acompanhando e explicar alguma coisa, já que a professora está com a maioria chinesa.”

A docente ressalva que o desafio não é só para os de língua materna portuguesa, já que grande parte tem o canto-





nês como língua-mãe. “É preciso lembrar que os alunos que aqui estão também não são falantes de mandarim. É uma língua nova para a maioria.”

De pequenino...

É unânime a opinião de que faz diferença entrar no ensino infantil. “É onde tudo começa”, sublinha Carina Rodrigues. “E agora já têm português aos três anos. Foi uma alteração bastante importante. Estamos a ter muito sucesso. Têm um contacto muito suave com a língua e depois, com quatro anos, a aprendizagem já está muito mais coesa. Crianças que estão no início, com três, quatro ou cinco anos, motivam-se muito mais facilmente”, diz a professora de língua portuguesa do ensino infantil.

A educadora garante que os nativos não saem prejudicados. “Acabam por ser meninos que ajudam muito. Sentem-se incentivados porque têm ali o momento deles de ensinar aos amigos. Ainda só há oralidade, não há escrita, e por isso só têm a ganhar”, defende.

Wu Sok Chong, representante do Conselho do Ensino Infantil, reforça os resultados quando a aprendizagem das línguas começa cedo. “No segundo semestre, já conseguem falar mandarim”, garante.

Geração trilingue

Não foi ao acaso que a escola foi criada. Daqui pretende-se que saia um perfil de aluno distinto em Macau, idealmente “fluyente nas três línguas que caracterizam a escola”, refere Lou Kuok Iong. Carla Sá é mais modesta: “Têm de, pelo menos, ser bilingues. O ideal é serem trilingues. Esse é o nosso sonho. O que esperamos é que, por serem miúdos expostos a diferentes culturas, sejam pessoas diferentes”, acrescenta a professora, que sublinha de seguida: “Vai com certeza sair daqui uma geração especial”.

É um dos professores que melhor pode avaliar. Entrou quando a escola abriu portas. Assume que projetos educativos com a ambição do plurilinguismo têm os seus perigos – como a mistura dos idiomas –, mas os anos que já leva na Zheng Guanying mostram-lhe que o trilinguismo deixou de ser só uma meta. “Já se notam reflexos. Do mandarim não tenho dúvidas. Do inglês também já lhes vejo algumas diferenças e no português também”, assegura Carla Sá, tendo por base os alunos que têm feito o percurso na escola.

Leila Silva reforça: “Vê-se que há interesse dos próprios alunos [no português]. Não é uma disciplina imposta. E a prova é que no próximo ano vai haver mais turmas bilingues”.

Uma visão de fora

Ana Paula Dias, autora de uma tese de doutoramento sobre a Zheng Guanying, sente que a escola “ganharia muito” com uma maior percentagem de alunos de outras nacionalidades. “Ajudaria a consolidar os objetivos relacionados com a aprendizagem de línguas e com a formação de indivíduos interculturais”, explica a investigadora do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais da Universidade Aberta de Lisboa.

A formação e a qualificação dos recursos humanos, tendo em atenção a fisionomia do projecto, assim como a estabilidade do corpo docente, são outros factores que a investigadora considera que podem ser aperfeiçoados. “De qualquer forma, este modelo de escola representa, indubitavelmente, uma mais-valia no contexto de Macau e uma oportunidade para elevar a proficiência linguística dos alunos”, defende Ana Dias, cujo trabalho se centrou no modelo da escola e nos professores.

Os três anos que acompanhou o projeto permitiram concluir que o modelo de ensino tem “um grande potencial” para a formação de alunos plurilingues, tendo em conta que o mandarim é a língua veicular desde o infantil, a par do português e do inglês, este último introduzido mais tarde no ensino primário.

Apesar da investigação não se ter centrado nos estudantes, a investigadora diz que no caso dos portugueses e de



alunos cuja língua materna não é o chinês foi possível confirmar que se tornam totalmente proficientes em mandarim e capazes de acompanhar o ensino em chinês. “Quanto à proficiência dos alunos chineses em português e inglês não tenho dados, mas dada a maior carga horária que esta escola dedica ao ensino de línguas é possível prever que a sua proficiência seja superior ao que é habitual em escolas cuja carga lectiva é inferior. Esta é a única escola em Macau que apresenta esta orientação para o ensino trilingue reflectida no seu currículo e projecto pedagógico.”

Ana Dias aponta ainda o esforço da escola em providenciar o reforço do ensino do português como língua materna aos alunos de nacionalidade portuguesa, além do apoio de português para alunos chineses.

As actividades de animação da leitura em português na biblioteca, entre as quais “Os pais também sabem contar histórias”, são outras iniciativas que elogia por permitirem que a língua seja aprendida e vivida em contexto. “Muito diferente do método tradicional baseado apenas na memorização e repetição de vocabulário ou frases.”

A investigadora lembra que a Zheng Guanying é de Macau, para os alunos de Macau e dirigida à maioria chinesa e não uma escola “feita à medida para as necessidades dos alunos portugueses ou estrangeiros”. Por isso, ressalva: “Quando os pais optam por colocar os filhos num sistema de ensino em que a língua veicular não é a língua materna dos alunos, há obviamente dificuldades acrescidas”.

A imersão num meio linguístico e socioculturalmente diverso do contexto de origem (no caso dos portugueses) e o contacto com diferentes mundividências e formas de actuação (no caso dos chineses), continua, nem sempre são isentos de conflito. “Mas isso é positivo porque leva as pessoas a discutir ideias”, realça.

No caminho certo

O Diego é português, tem quatro anos e está no 2.º ano do ensino infantil. Fandy tem nove e está no 3.º da primária na escola onde também estuda o irmão Ducker, com 14 anos,

que está no equivalente ao 8.º ano. Aos irmãos chineses juntam-se os irmãos Marilisa, de oito anos, e Giovanni, de seis – filhos de uma japonesa e de um italiano –, que também estudam na Zheng Guanying. Ela está no 3.º ano da primária, ele, no 1.º do infantil. Saturnino e a irmã Filumena, filhos de pai nepalês e mãe macaense, são mais dois dos alunos do ensino infantil do projecto-piloto Zheng Guanying.

A escola convenceu os diferentes pais por ser trilingue e multicultural. Passados seis anos desde que abriu portas, os encarregados de educação esperam mais daquela que é a primeira e única instituição em Macau com ensino em mandarim, português e inglês desde o infantil até ao final do secundário.

Diana Massada optou pela Zheng Guanying por achar que era uma escola válida e uma iniciativa que Macau precisava. “Temos a ideia de que as escolas chinesas são bastante rígidas e muito trabalhosas. Conheci este projecto e interessou-me”, recorda a mãe do Diego que queria que o fi-





lho aprendesse chinês por ser a língua mais falada na região, e que estivesse integrado na sociedade e não crescesse num ambiente só português ou internacional.

A oferta linguística também pesou para Coco Dell’Aquila quando teve de decidir onde estudariam Marilisa e Giovanni. “Não somos de Macau e achamos que a possibilidade de aprenderem o mandarim é o mais importante. Aqui aprendem chinês, português e inglês. Não se pode exigir mais de uma escola pública. É incrível que o Governo tenha tido esta iniciativa e criado este projecto”, elogia a empresária japonesa a viver em Macau há nove anos com o marido italiano.

O multilinguismo repete-se na lista de motivos que levou a macaense Elfrida Faria e o marido nepalês a escolherem a Zheng Guanying. “Queremos que os nossos filhos aprendam mandarim e português”, já que em casa se fala inglês e um pouco de cantonês. Mas há mais expectativas com a passagem pelo projecto-piloto. “Espero que os meus filhos cresçam num ambiente agradável, feliz e descontraído. As notas não são a minha prioridade.”

O ensino dos três idiomas também foi o que convenceu Chong Kit Hong, influenciada pela família que insistiu que seria uma mais-valia para Fandy e Ducker aprenderem as duas línguas oficiais de Macau. “A maioria das escolas privadas não tem aulas de português. Acho que a Zheng Guanying lhes vai dar boas perspectivas”, acredita Chong, que excluiu um ensino exclusivamente em língua portuguesa porque queria que os filhos também tivessem uma educação em chinês. “Não falo português e poderiam surgir problemas de comunicação caso tivessem uma formação exclusivamente em português”, esclarece.

Prós e contras

O ensino do português é, aliás, a primeira grande vantagem para Chong, também presidente da Associação de Pais da Zheng Guanying. “É muito importante que a escola se foque na língua portuguesa. A eventual desvantagem que encontro se prende com o facto de terem menos horas de inglês face a outras escolas”, refere.

Coco Dell’Aquila confessa que estava céptica em relação ao português no caso de Giovanni, porque, ao contrário da irmã que esteve no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes, não passou por uma escola de matriz portuguesa. Os receios desapareceram rapidamente. Foi um dos alunos aprovados no sistema de ensino bilingue que a escola implementou este ano letivo no 1.º ano dos ensinos primário e secundário. “São fluentes nas três línguas da escola, e ainda no japonês e no italiano, porque eu e o pai lhes falamos nas nossas línguas. Nunca pensei ouvir os meus filhos a falarem mandarim. É a primeira língua deles e depois o português”, realça.

A mãe japonesa só vê vantagens na escola. A pluralidade linguística e o ambiente são as duas que destaca. “Estão muito mais estáveis do que estariam numa escola internacional, onde estudam sobretudo expatriados que vão e vêm. As relações de amizade que estabelecem estão sempre a terminar. Aqui estão expostos a um ambiente multicultural e multilingue, e ao mesmo tempo estão em contacto com a cultura local numa maneira muito intensa porque estudam com crianças locais.”

Diana Massada elogia as instalações “fantásticas”, a dedicação dos funcionários, a facilidade de comunicação com a escola – que garante sempre tradução em português ou inglês nas reuniões – e o apoio quando os alunos têm dificuldades.

Ainda assim, ressalva, haverá sempre um confronto cultural no caso dos portugueses e ocidentais. “Dos pais e não das crianças porque os miúdos adaptam-se facilmente ao contexto. Temos uma estrutura mental que nos faz olhar para as coisas com o nosso modelo de pensamento. Nestas idades não estamos preocupados se escrevem ou lêem e ali estão. O meu filho já escreve e tem trabalhos de casa. São questões que nos confrontam”, explica.

E resume: “Como uma mãe chinesa me dizia, esta é uma escola chinesa, mas muito mais flexível e leve para os chineses, e um pouco mais pesada para nós, face ao que estamos habituados”.

“O objectivo é que os alunos dominem as línguas portuguesa e chinesa”

A directora da Zheng Guanying defende que a escola está a cumprir os objectivos do bilinguismo, mas assume que se pode fazer mais no acompanhamento dos alunos e na cooperação com os encarregados de educação. Wu Kit garante que o ensino bilingue, testado este ano em duas turmas, foi um sucesso. Para o ano lectivo 2018/2019, vai duplicar o número de turmas.

Quais são os principais desafios deste projecto-piloto que é a primeira escola trilingue em Macau?

A Zheng Guanying tem como língua veicular o mandarim. A língua materna das crianças é o cantonês. Ou seja, temos de criar um ambiente propício à aprendizagem do idioma. Estamos muito satisfeitos com a implementação das turmas bilingues no ensino primário e secundário. O objectivo do programa bilingue é que os alunos, quando concluem o ensino secundário, dominem as línguas portuguesa e chinesa. O projeto curricular pressupõe um ensino 50-50 em mandarim e português. Os desafios que enfrentamos prendem-se com a organização curricular e das actividades. Sabemos que o nível dos alunos é diferente e por isso, em algumas

turmas, temos dois docentes para que haja um acompanhamento. Também temos ensino complementar, uma ou duas vezes por semana.

Quais são as mais-valias destes alunos e desvantagens face aos de outras escolas?

O espaço e as instalações são novos, os professores também são relativamente jovens, têm línguas maternas diversificadas e vêm de diferentes contextos. As turmas são pequenas – não excedem os 27 alunos. Temos 19 turmas. No total, são 352 alunos. É como se fossemos uma família. Tanto professores como funcionários conseguem acompanhar os alunos da melhor maneira. Não vou referir as desvantagens, prefiro falar em desafios, como por exemplo a adaptação à língua. As crianças falam cantonês em casa e aqui falam mandarim, por isso precisam de cerca de um semestre para se adaptarem. Quanto ao português, também precisam de se adaptar. Oferecemos uma aprendizagem temática e lúdica para facilitar esse processo. No ensino primário, o grau de exigência já é maior. As línguas passam a ser instrumentos de aprendizagem e apreensão de conhecimentos. Sabemos que os pais têm dificuldades em dar apoio em casa [porque não dominam os idiomas veiculares] e, por isso, temos consciência que a aprendizagem tem de se concentrar na escola.

Uma escola multicultural é propícia a criar alunos mais abertos. Sente que está a formar uma geração diferente?

Esperamos que os nossos alunos tenham um pensamento crítico e que desenvolvam essa capacidade desde a infância. É por isso que temos um clube de debate. É porque consideramos que o pensamento crítico e a capacidade de desenvolver são primordiais. Além do clube, e falando em geral, é suposto que os nossos alunos questionem e desenvolvam múltiplas capacidades em todas as disciplinas.

Houve alterações curriculares quando assumiu a direção. Que mudanças foram essas e porque decidiu fazê-las?

O programa curricular segue as indicações do quadro curricular do Governo. A implementação das línguas é para ser feita faseadamente. Ajustámos um pouco os tempos lectivos. Por exemplo, Ciências da Natureza antes tinha cinco componentes lectivas, mas agora tem quatro. Anteriormente,





te, o inglês tinha três tempos lectivos e agora é uma disciplina nas turmas bilingues. Já as não bilingues têm cinco tempos lectivos. No ano passado, tivemos um professor de língua portuguesa para dar a aula de música que não pode este ano e por isso é que a disciplina passou a ser em mandarim. Para o próximo ano, já vai voltar a ser em português.

Sente que a escola tem cumprido as metas a que se propôs?

Acho que conseguimos atingir os objectivos, mas há espaço para melhorar, por exemplo ao nível do acompanhamento dos alunos e da cooperação com os pais.

Houve uma queda no número de alunos portugueses e não chineses.

Falámos com os encarregados de educação que desistiram da escola. A maioria dos alunos que saiu foi porque os pais voltaram ao país de origem ou porque foram para escolas cujo ensino é em português. A maioria dos alunos desiste, sobretudo, no primeiro ano por causa da adaptação à língua. Começam a falar em chinês às 8h30 e terminam às 17h30. Acho que o número é normal.

Vai aumentar o número de turmas bilingues?

Temos duas turmas bilingues. Para o próximo ano, vamos ter quatro: segundo ano do ensino primário e do secundário, e novamente primeiros anos do primário e secundário.

Qual é a estratégia da escola para cumprir as metas de ser trilingue e formar quadros bilingues?

Durante este ano lectivo, através dos Serviços de Educação e Juventude, conseguimos estabelecer parcerias com duas escolas não locais, uma de Lisboa e outra de Shenzhen, ambas também com ensino primário e secundário. Com a de Portugal, vamos implementar um plano de cooperação educativo em três fases. No próximo ano, vamos lançar uma plataforma online que implica um intercâmbio anual sobre um tópico cultural decidido por ambas as partes. As duas escolas vão organizar actividades que depois estarão online. O objectivo é que professores e alunos, através deste contacto online, melhorem o português – audição, oralidade e escrita. É uma forma de incentivar os alunos a aprender o português e perceberem a importância do idioma na vida diária. Esperamos que, através destas actividades, aprendam o português, mas também apreendam a cultura para que desenvolvam essa literacia cultural.

E com a de Shenzhen?

Estivemos em Shenzhen, em Abril e Maio deste ano, para participar num concurso de chinês da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, e ganhámos o segundo prémio em conjunto com a nossa parceira de Shenzhen. Também participámos noutras actividades culturais que juntam escolas de Hong Kong e de outras partes da Grande Baía. ■



HISTÓRIA M

TOPONÍMIA

Histórias de Rua

T CATARINA DOMINGUES

Os nomes das ruas de Macau, gravados em azulejo e escritos em duas línguas, são testemunha – e muitas vezes única fonte – de alguns dos mais importantes episódios da história da cidade. A MACAU saiu à rua, visitou bairros antigos, falou com quem lá mora, com historiadores e biógrafos, e recolheu algumas das histórias que estes lugares têm para contar

GONÇALO LOBO PINHEIRO



FOI HÁ pouco mais de um século que o Cemitério de S. Lázaro fechou as portas e transferiu os cristãos aí sepultados para o Cemitério de S. Miguel Arcanjo. Hoje, a Estrada do Repouso, ali perto, é uma das poucas lembranças que mantém viva a existência desse antigo campo-santo. O nome da rua “recorda os mortos que ali repousavam à espera de ressurreição”, escreveu o padre Manuel Teixeira na obra *Toponímia de Macau*.

São 10 e meia da manhã, o céu é hoje mais azul, chama gente à rua, traz um homem de pijama à Estrada do Repouso – ou Avenida Kiang Wu, que é assim que foi baptizada em cantonês, em honra do Hospital Kiang Wu, ali fundado em 1872.

Ao descer a Estrada do Repouso, ainda o Posto Operacional Central dos Bombeiros, amarelo ocre, estrutura de inspiração neoclássica de 1923 e que está inscrita na lista de edifícios de valor arquitectónico da cidade. Cruzamos então a Rua Coelho do Amaral, a Espectação de Almeida, a Entre-Campos e, mesmo antes de chegar a Cinema Alegria, viramos à esquerda.

Estamos no Bairro de San Kiu, estrada alcatroada, por onde, no passado, corria o regato Lin Kai. O progresso secou esse pequeno ribeiro, retirou camponeses e agricultores dessas margens, fez nascer novos edifícios. Mas a toponímia do San Kiu preservou todas essas histórias. Na Rua da Barca, por exemplo, atravavam pequenas embarcações, e na Rua da Pedra, operários trabalhavam granito. “A necessidade de conquistar o terreno por meio de expropriações e de aterros para construção de novas e espaçosas vias, e o consequente aformoseamento da cidade, fizeram desaparecer o que havia de mais pitoresco em certos lugares tipicamente chineses cuja existência é, no entanto, ainda recordada nos nomes por que são designadas certas ruas”, escreveu o professor e sinólogo macaense Luís Gonzaga Gomes em 1953 no livro *Curiosidades de Macau Antiga*.



1 Cemitério de S. Miguel Arcanjo – situado na Estrada do Cemitério, foi construído em 1854 e é popularmente conhecido em chinês por “antigo cemitério ocidental”, por estarem aí sepultadas pessoas de várias nacionalidades, incluindo o poeta português Camilo Pessanha. Nome cantonês: 聖味基墳場 (lê-se: *seng mei kei fan cheong*). “Seng mei kei” é a transliteração de “São Miguel” para cantonês.



2 Estrada do Repouso – começa no Caminho dos Artelheiros e termina na Avenida do Almirante Lacerda. Em chinês, o nome da rua tem outro significado. Escreve-se 鏡湖馬路 (lê-se: *keng wu ma lou*), e quer dizer Avenida Kiang Wu. Kiang Wu (keng wu) significa “espelho do lago” e tem como referência o Hospital Kiang Wu, ali fundado em 1872. Aparece pela primeira vez no cadastro de 1905.



3 Cinema Alegria – a designação em chinês é 永樂大戲院 (lê-se: *weng lok tai hei un*), que se traduz como “cinema da felicidade eterna”. Inaugurado a 15 de Fevereiro de 1952, tinha inicialmente 800 lugares. Foi construído por iniciativa de um grupo de comerciantes chineses abastados liderados pelo empresário e líder da comunidade chinesa Ho Yin.



4 Rua de Coelho do Amaral – em homenagem ao governador José Rodrigues Coelho do Amaral, que esteve em Macau entre 1863 e 1866. Nome chinês: 連勝街 (lê-se: *lin seng kai*), que significa qualquer coisa como a “rua das vitórias sucessivas”, referindo-se ao triunfo dos portugueses contra os holandeses na batalha de 1622. B.O. de 26 de Julho de 1869.



5 Rua de Espectação de Almeida – baptizada em honra do major e médico Evaristo Espectação Pinheiro de Almeida, que chegou a Macau em 1905 e que foi chefe dos Serviços de Saúde. Em chinês, a via tem o nome de 亞美大街 (lê-se: *a mei tai kai*), sendo “a mei tai” a tradução fonética para o chinês de “Almeida”. B.O. de 01 de Fevereiro de 1919.



6 Rua de Entre-Campos – construída em finais do século XIX num aterro sobre os antigos campos de cultivo do Bairro de San Kiu. Em chinês, o nome é 田畔街 (lê-se: *tiu pun kai*), tendo o mesmo significado que em língua portuguesa. B.O. de 26 de Julho de 1869.



7 Bairro de San Kiu – tradução em português: Bairro da Ponte Nova. Em chinês diz-se 新橋區 (lê-se: *san kio kai*). Deve o nome a uma ponte de pedra construída em substituição de uma outra de bambu. Quando nasceu, a povoação servia de base às embarcações do Porto Interior. O bairro é também conhecido por “Lin Kai”, por ali existir em tempos um pequeno ribeiro com esse nome. Lin (蓮) significa “flor de lótus” e kai (溪) quer dizer “regato”.



8 Rua da Pedra – em cantonês, o nome da rua tem o mesmo significado, 石街 (lê-se: *seak gai*). Em *Curiosidades de Macau Antiga*, Luís Gonzaga Gomes escreve sobre a rua: “Ali vivia um grupo de operários chineses dos mais pobres, cujo mister consistia no trabalho de lapidação de blocos de granito utilizados em obras de cantaria ou na pavimentação de lajeados”. B.O. de 26 de Julho de 1869.



9 Rua da Barca – foi em tempos um atracador de pequenos barcos ao longo do regato Lin Kai. O nome em chinês tem o mesmo significado - 度船街 (lê-se: *tou sun gai*). B.O. de 26 de Julho de 1869.





Iau Si Van

TRAVESSA DA CORDA

É aí que encontramos Iau Si Van. Anda pela casa dos 70, veste um casaco que diz New York, vende velharias no Mercado Popular do Lin Kai. Em cima de jornais estendidos sobre o chão, um pouco de tudo: relógios, pulseiras, pedras, agulhas de croché, moedas, notas do passado, dólares de Hong Kong, patacas com a imagem de Camilo Pessanha.

“Antigamente, era aqui que os pescadores cosiam as cordas para os barcos”, diz Iau sobre a origem do nome da Travessa da Corda. Iau recua no tempo, histórias que ouviu os mais velhos contarem. “Os pescadores puxavam as cordas deste local até ao Porto [Interior]. Isto acontecia há muitos anos”, acrescenta.

No início do século XX, a pesca prosperava em Macau e alimentava várias profissões, incluindo o fabrico de cordas. Eram muitos os residentes deste bairro que trabalhavam directa ou indirectamente na indústria pesqueira. Outros dedicavam-se ao exercício da adivinhação, dirigiam preces às divindades veneradas no templo adjacente ao riacho, o Templo de Lin Kai. Esta manhã, à frente desse mesmo espaço sagrado, um grupo de homens reúne-se para celebrar o aniversário de Wah Kong, patriarca deus da ópera cantonense. Desfazem o círculo de conversa, falam à MACAU.

“O nome da Travessa da Corda foi

traduzido para português directamente do chinês”, avança Ng Gun Cheung, um dos elementos do grupo, admitindo, porém, que não fala português. “Mas sabemos que há alguns nomes



10 Mercado Popular do Lin Kai –

Surgiu em 1900, foi-se estendendo à área ao redor do Templo de Lin Kai e ruas adjacentes. Nessa zona, reuniam-se também contadores de histórias, artistas de rua e vendedores de velharias. Em chinês: 蓮溪地攤 (lê-se: *lin kai tai tan*) significa “mercado de rua do Lin Kai”.



11 Travessa da Corda –

Escreve-se em chinês 大纜巷 (lê-se: *tai lam hong*), que tem o mesmo significado português, embora remeta para uma corda grossa. B.O. de 26 de Julho de 1869.



12 Templo de Lin Kai -

Lin (蓮) significa “flor de lótus” e *kai* (溪) quer dizer “regato”. O nome do templo deve-se a um pequeno ribeiro chamado Lin Kai, que passava na zona.



de ruas e locais que foram denominadas de acordo com personalidades portuguesas, como é o caso da Ponte Nobre de Carvalho, que diz respeito a um governador que esteve em Macau.”

PRIMEIROS NOMES

Travessa dos Tingidores. Tendinhas com roupa à venda. Um comerciante indiferente à nossa passagem permanece atento a uma série da televisão estatal chinesa CCTV. Porquê tingidores, perguntamos. “Não sei”, responde.

No Beco do Cavalo, o antiquário de Cheong Iok Sim. Um velho relógio de pêndulo está uma hora atrasado. Esculturas, louçaria, um vinil da taiwanesa Teresa Teng, tantas outras coisas.

Depois de se casar, Cheong Iok Sim veio viver para o Bairro de San Kiu. A loja, que funciona há cerca de 70 anos, pertencia ao sogro; as histórias, que ouviu ao longo de mais de três décadas, foram contadas pela sogra. Sobre o Beco do Cavalo diz, sem certezas, que “era porque havia por ali um estábulo”.

Em 1869, quando uma comissão nomeada pelo governo determinou de forma definitiva os nomes das vias públicas da cidade, eram raros os casos em que personalidades portuguesas ou momentos históricos serviam de inspiração. Os becos, travessas, pátios, escadas e calçadas



desses tempos tinham nomes como pinga, lenha, plumas, vendilhões, garfo ou cotovelos.

Mas se nessa primeira lista o número de figuras portuguesas era reduzido, o mesmo não aconteceu a partir daí, como constata Kuan Chon Hong num trabalho sobre a toponímia da cidade para a Revista da Administração Pública de Macau. “Prevalecem os nomes de celebridades portuguesas, principalmente as políticas. No caso de denominações com nomes

de celebridades chinesas, além de serem inferiores em número, foram figuras não políticas”, revela o autor do artigo, explicando ainda que também “méritos e virtudes” ficaram inscritos nas ruas de Macau, como é o caso da Estrada da Vitória.

Hoje existem 21 ruas com o nome de figuras chinesas, 222 em homenagem a personalidades portuguesas ou estrangeiras e 47 com nomes de santos, de acordo com o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais.



13 Travessa dos Tingidores – em chinês, chama-se 染布巷 (lê-se: *im bou hong*), que se pode traduzir como “travessa de tingir a roupa”. Cadastro de 1905.

14 Beco do Cavalo – 馬里 (lê-se: *ma lei*) e remete para o lugar onde se cria ou vivem cavalos. B.O. de 26 de Julho de 1869.

15 Estrada da Vitória – a centenária artéria celebra a vitória dos portugueses que repeliram a invasão holandesa em 1622. Em chinês o nome é 得勝街 (lê-se: *tak seng gai*) e tem o mesmo significado que em português. Cadastro de 1905.



**“É PARTE DA HISTÓRIA,
O NOME DEVE SER
PRESERVADO”**

Travessa do Garfo. Em tempos foi casa de Cheong Iok Sim. “Esta não é uma rua recta como as outras, mas divide-se numa bifurcação”, nota a vendedora.

Metemo-nos por aí. O som da dança do leão, à frente do Templo de Lin Kai, segue connosco. No número 5, quatro homens estão debruçados sobre uma mesa. “Estamos a ver relógios”, diz um deles, Ao Chi Wai.

Ao fundo, entre estantes, um quadro da Praça Ferreira do Amaral. Ainda lá está a estátua do ex-governador, que foi removida dessa rotunda em 1991.

É na companhia do escritor que visitamos a Rua de Ferreira do Amaral, uma das quatro vias públicas baptiza-



SLP

das com o nome do antigo governador (existe ainda uma praça, uma estrada e um istmo). “No século XVII, esta era uma zona rural, viviam aqui camponeses e diz-se que foi Ferreira do Amaral que construiu esta rua”, explica Tang, referindo, porém, que em chinês, a via foi baptizada em homenagem ao Monte da Guia, localizado ali perto.

“Os residentes chineses só se refe-

rem ao nome das ruas em chinês e, por isso, não estão preocupados em saber como se diz em português”, realça.

Joe Tang refere, além disso, que há ainda um grande desconhecimento sobre a história de Macau por parte da comunidade local. Conta que durante uma palestra na Universidade de Macau, apenas um dos presentes soube responder quem era Ferreira do Amaral.



16 Travessa do Garfo – escreve-se em chinês 叉巷 (lê-se: *cha hong*), que pode ser traduzido como travessa do “garfo” ou “bifurcação”. B.O. de 26 de Julho de 1869.

17 Praça Ferreira do Amaral – popularmente conhecida como “Praça do Cavalo de Bronze” 銅馬廣場 (lê-se: *tong ma kong cheong*), devido à estátua do ex-governador português a montar um cavalo, que ali esteve até ser retirada, em 1991. O nome oficial da praça deriva de uma tradução fonética de “Amaral” - 亞馬喇前地 (diz-se: *a ma la chin tel*). B.O. de 5 de Outubro de 1974.



18 Rua de Ferreira do Amaral – começa na Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida e termina na Avenida Sidónio Pais. Ao contrário da Praça Ferreira do Amaral, a denominação desta rua em cantonês não faz qualquer referência ao governador português. Escreve-se 東望洋街 (lê-se: *dung mong ieong kai*). Este é o nome pelo qual é conhecido o Monte da Guia: 東 (Este) 望 (olhar) 洋 (oceano) 街 (rua). B.O. de 26 de Julho de 1869.



19 Praça Jorge Álvares – em chinês, a denominação desta praça é uma tradução fonética do apelido “Álvares” (區華利前地; lê-se: *au wa lei chin tel*). Refere-se ao explorador português Jorge Álvares, tido como o primeiro português a aportar na China, em 1513. A estátua do navegador é de autoria de Euclides Vaz e foi inaugurada em 1954. B.O. de 11 de Junho de 1998.



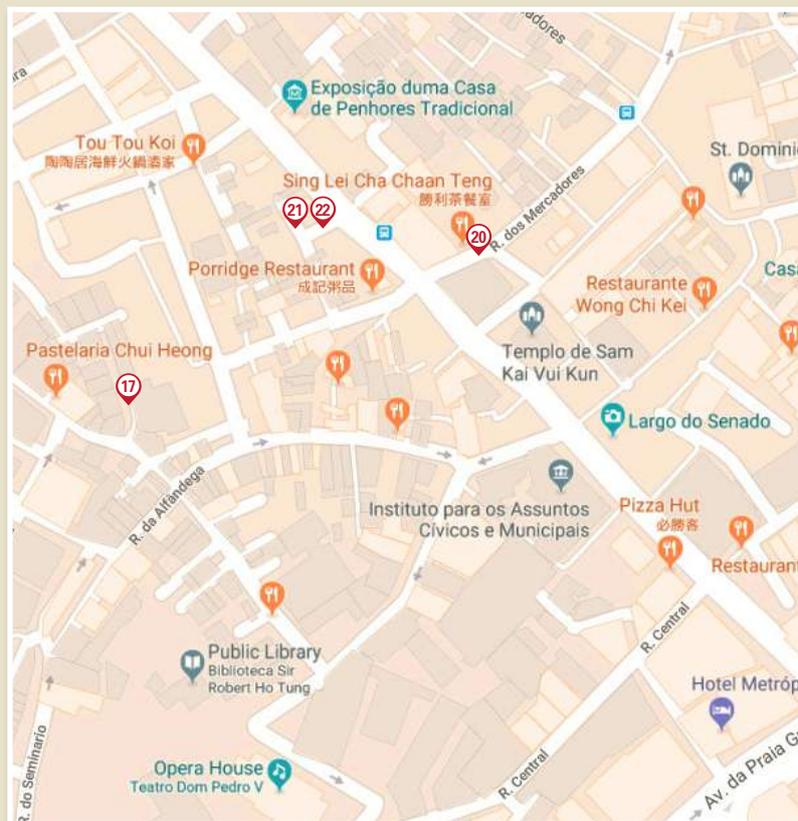


FEMININO ESQUECIDO

Ali entre a Rua dos Mercadores e a Rua do Matapau, antigo coração do bazar. “É aqui que António Maria Bordalo, um escritor que ninguém conhece faz passar a primeira novela policial da história da literatura portuguesa – não é o ‘Mistério da Estrada de Sintra’ do Eça de Queirós”, salienta o historiador João Guedes.

À entrada da Rua do Matapau, ergue-se um pequeno templo, cores vivas; na parede, duas placas anunciam a “Associação Saudável de Macau” e a “Associação para a Abstenção do Fumo e Protecção da Saúde”. Pelo caminho, à nossa direita, a Travessa Hó Lo Quai; à esquerda, no número 98, uma loja vende pássaros, são rolas e tordos, fechados em gaiolas. Chegamos a uma pequena horta, árvores carregadas de papaias, um frigorífico e poucos sinais daquilo que poderá ter dado origem ao nome desta rua - o matapau é uma planta da família das gutíferas (tangerinas). “Isto foi tudo completamente destruído e hoje ainda nem sequer dá para sentir o flavour daquele tempo”, lamenta João Guedes.

Se o historiador tivesse a oportunidade de baptizar uma rua de Macau escolheria o nome de uma mulher. “As figuras femininas estão muito esquecidas”, nota o historiador, sugerindo, por exemplo, Harriet Low, americana que residiu em Macau. “Uma parte da história de Macau é conhecida graças a ela, que manteve um diário muito interessante que é quase um jornal. Ela descreveu a vida das comunidades inglesa e americana em 1830 aqui em Macau”, conclui.



20 Rua dos Mercadores – Chamada pelos chineses de 營地大街 (lê-se: *ieng tai tai gai*), quer dizer “Rua do Acampamento”. Sobre isso, pode ler-se na página do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais: “Para protecção contra os piratas e para impedir que os portugueses ocupassem a nossa terra, os governos das dinastias Ming e Qing estabeleceram acampamentos e estacionaram tropas perto do Sam Kai Vui Kun (Templo de Kuan Tai)”. É também conhecida pelos chineses como “Rua Principal” 大街 (lê-se: *tai gai*). B.O. de 26 de Julho de 1869.



21 Rua do Matapau – sobre esta rua pode ler-se na obra *Toponímia de Macau*: Matapau, como se sabe, é uma planta da família das gutíferas. Que espécie de gutíferas eram essas? Eram tangerinas”. O nome desta rua em chinês 桔仔街 (lê-se: *kat chai kai*) traduz-se como “rua da tangerina”. O autor escreveu ainda: “Aos vendedores de tangerinas dava-se o nome de “matapaus”, os quais estabeleceram nesse local as suas lojas ou barracas. B.O. de 26 de Julho de 1869.



22 Travessa Hó Lo Quai (何老桂巷; lê-se: *ho lou kuai hong*) – homenagem a Ho Lo Quai, comerciante chinês, natural de Shunde, Província de Guangdong, que teve um papel importante na introdução da Lotaria Vae Seng em Macau. Em 1868, juntamente com um grupo de sócios, fundou a Companhia “Chi Chong Vo Vae Seng”, a primeira concessionária do jogo em Macau em regime de exclusividade. Na Taipa, existe uma via que foi baptizada com o nome do seu filho, Ho Lin Vong. B.O. de 19 de Junho de 1915.

O primeiro cadastro toponímico de Macau

O PRIMEIRO cadastro toponímico de Macau data do século XIX quando, em 1869, o então governador António Sérgio de Sousa nomeou uma comissão para classificar as vias públicas.

De acordo com um relatório dessa comissão, que pode ser consultado nas edições do Boletim da Província de Macau e Timor de 26 de Julho e de 2 de Agosto desse ano, a península era composta por 12 povoações, que contavam com um total de 529 vias públicas [ver caixa], entre praças, largos, ruas, calçadas, travessas, escadas, becos, pátios, adros e praias.

Nesta missão de baptizar as ruas de Macau, foram restituídos vários nomes que tinham sido alterados ao longo dos tempos, como é o caso da Estrada de D. Maria II. “A comissão cumpriu ainda outro dever. Sendo certo que os habitantes de Macau folgavam sempre

em aproveitar qualquer ocasião em que possam manifestar a V. Ex.^a a gratidão que lhe devem, tomou a liberdade de aproveitar também este ensejo para pôr o respeitável nome de V. Ex.^a a uma das vias públicas da cidade, denominando assim a rua em construção à beira do rio com a denominação de Rua de Almirante Sérgio”, escreveu ainda a comissão no relatório apresentado ao governador.

Nova organização da cidade

Mas e o que levou o governo local a classificar as ruas da cidade em 1869? Estefânia Inácio, arquitecta do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), aponta para a chegada do governador João Maria Ferreira do Amaral a Macau, em 1946. “O governador iniciou o levantamento dos censos da população e, por isso, era necessário denominar as ruas. Começou-se a fazer um levantamento por alto e um cálculo geral do número de praças, ruas, avenidas, becos, etc.”

Num artigo escrito por João Botas para o *Jornal Tribuna de Macau*, o jornalista e investigador nota que, a 23 de Fevereiro de 1847, o governador português ordenou ao Senado que mandasse “pôr em todas as ruas, em letras brancas sobre campo negro, o nome que ellas agora tem, substituindo os nomes estrangeiros, se porventura os houver, por outros nacionais, dando-os também às ruas que ora os não tiverem”.

Placas toponímicas

Quando em 1869 o Governo de Macau começa a classificar oficialmente as vias públicas da cidade, fá-lo apenas em língua portuguesa. As primeiras placas toponímicas datam do início da década de 1870. Escritas apenas em português, eram placas de granito, material que “existe em Macau por ra-

zões geomorfológicas”, explica a arquitecta do IACM, Estefânia Inácio.

Apenas a partir dos anos 40 do século seguinte – ou seja, sete décadas mais tarde – é que a língua chinesa entra na toponímia local.

Na década de 1980, já perto da transferência de soberania de Macau para a China, as inscrições adquiriram a forma que conhecemos hoje, ou seja, os nomes aparecem gravados em azulejo branco e azul. “E a partir da transição, o nome da rua em chinês passa para cima [nestas placas]”, completa a arquitecta.

Hoje existem cerca de 5000 placas toponímicas espalhadas por toda a cidade.

O baptismo das ruas

João Guedes foi contactado em 1995 pelo então Leal Senado para sugerir uma lista de nomes para as novas ruas que iam nascer nos Novos Aterros do Porto Exterior (NAPE). Dos nomes aprovados, o jornalista relembra o do sueco Anders Ljungstedt e do macaense Carlos D’Assumpção. Desse novo grupo de ruas, foram ainda lembradas várias personalidades chinesas, como é o caso de Xian Xing Hai.

Com a transferência de soberania, o Leal Senado acabaria por ser abolido, dando lugar ao IACM, organismo que tem actualmente a competência de “cuidar das denominações das povoações e lugares públicos” e “criar e assegurar a manutenção do mobiliário urbano e dos sistemas bilíngues de placas toponímicas”, segundo o regulamento administrativo n.º 32/2001, que diz respeito à organização e funcionamento do IACM. No caso das ruas estarem inseridas dentro da zona histórica de Macau, cabe ao Instituto Cultural emitir um parecer sobre qualquer alteração, explica ainda a arquitecta Estefânia Inácio.

Povoações em 1869	Vias públicas
Cidade Cristã	175
Bazar	89
Patane	83
Mong-Há	48
Long-tin-chun	24
Povoação fora da extinta porta de Sto. António	12
Tap Seac	5
Seac-li-tau	1
Long-uan-chun	1
S. Lázaro	55
Penha e Tanque-mainato	14
Barra	22
Total	529

Curiosidades

ARTUR RODRIGUES de Almeida Ribeiro nunca esteve em Macau. De acordo com o livro *A Toponímia de Macau*, do padre Manuel Teixeira, o nome foi atribuído a esta via porque o então "ministro das colónias sancionou a verba para a expropriação das casas para a abertura da avenida".

Em chinês, o nome é 亞美打利庇盧大馬路 (lê-se: *a mei ta lei bei lou tai ma lou*), tradução fonética de "Almeida Ribeiro", embora seja mais conhecida por 新馬路 (lê-se: *san ma lou*), que significa "estrada nova". A Avenida Almeida Ribeiro, principal artéria da cidade, foi concluída em 1918.

A Rua de Pedro Nolasco da Silva, nome chinês 伯多祿局長街 (lê-se: *pak to lok kok cheong kai*), refere-se ao antigo presidente do Leal Senado, Pedro Nolasco da Silva. Antes de ser conhecida por esse nome, chamava-se "Rua do Hospital" porque era aí que estava o Hospital de S. Rafael (hoje o edifício do Consulado de Portugal em Macau). Esta rua é mais conhecida pelos portugueses como "Rua das Mariazinhas", porque em tempos albergou uma casa comercial com

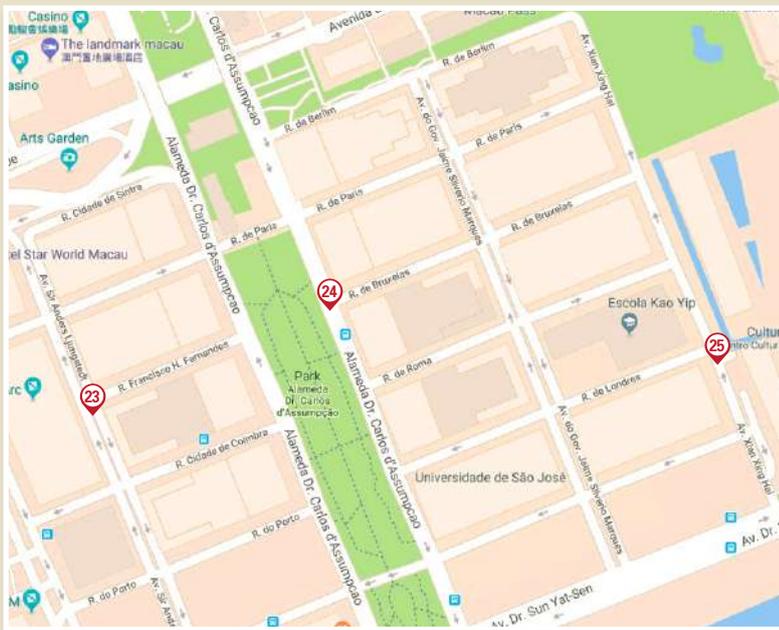
esse nome. Já os chineses habituaram-se a chamar esta via de "Rua da Loja do Cavalo Branco" (白馬行, lê-se: *pak ma hong*). O padre Manuel Teixeira justifica o nome com a existência naquela rua de um edifício da Firma Fearon&Co. Fearon era côsul de Hanôver, cuja bandeira era um cavalo branco em campo vermelho, refere Teixeira. Já uma outra versão diz que lojas no local vendiam exclusivamente o whiskey escocês "White Horse".

Rua da Fonte da Inveja – "Como existem n'aquelas proximidades mais duas fontes, e a água d'esta é reconhecidamente superior à das outras, deu-se à nova fonte a denominação de Fonte da Inveja para, por este modo, significar parabolicamente a superioridade da sua água em relação às outras, figurando ser invejada pelas suas vizinhas", escreveu em 1883 o director das Obras Públicas, Constantino José de Brito, sobre aquela fonte. A Rua da Fonte da Inveja começa na Avenida Si-

dónio Pais e termina na encosta Noroeste da Colina da Guia. Em chinês dá pelo nome de 二龍喉街 (lê-se: *i long hao kai*) e significa "garganta dos dois dragões".

O nome da Rua dos Fatiões é uma tradução do chinês para o português. Escreve o padre Manuel Teixeira no livro *Toponímia de Macau* que "faição" vem do chinês 快艇 (*fai* é rápido; *teang* significa barco ligeiro). "O nome foi dado à rua para comemorar a revolta dos marítimos chineses, a 8 de Outubro de 1846, contra o governador Ferreira do Amaral, por este ter imposto uma taxa sobre os seus barcos", acrescenta o autor.

A Avenida da Amizade é a artéria mais comprida (cerca de 2900 metros). A Travessa da Chupa é a mais curta (cerca de 4,3 metros). A Estrada da Baía da Nossa Senhora da Esperança é a mais larga (cerca de 41 metros). O Beco da Rede é a mais estreita (cerca de 0,73 metros).



23 Avenida Sir Anders Ljungstedt – em honra do comerciante sueco que se estabeleceu em Macau. Em chinês escreve-se 倫斯泰特大馬路 (lê-se: *lon si tai tak tai ma lou*), com base na tradução fonética do apelido "Ljungstedt" para chinês B.O. de 03 de Julho de 1996



24 Alameda Dr. Carlos D'Assumpção – antigo presidente da Assembleia Legislativa, Carlos D'Assumpção (1929-1992) foi também membro da Comissão de Redacção da Lei Básica de Macau. Em chinês, a alameda dá pelo nome 宋玉生廣場 (lê-se: *song iok sang kong cheong*). B.O. de 03 de Abril de 1996



25 Avenida Xian Xinghai – 洗星海大馬路 (lê-se: *sin seng hoi tai ma lou*) em homenagem ao músico nascido a 13 de Junho de 1905 em Macau. A luta e a resistência contra a ocupação japonesa ficaram registadas nas suas composições. Morreu aos 40 anos. B.O. de 03 de Julho de 1996



Um “encontro em Macau”

A primeira edição do Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa teve lugar no passado mês de Julho e veio fortalecer o papel de Macau como plataforma de intercâmbio, desta vez no campo artístico. Ligar “o clássico à vanguarda” escreve um novo capítulo nas relações sino-lusófonas

T CATARINA MESQUITA

JÁ COM a responsabilidade de ser plataforma de serviços de cooperação comercial do universo sino-lusófono, Macau revelou agora ser o palco ideal para a realização do “Encontro em Macau – Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, reforçando o papel da região como mediadora das relações no campo artístico.

De acordo com o Instituto Cultural de Macau, entidade organizadora do evento, realizado entre os dias 6 e 15 de Julho, esta foi uma forma de “confirmar oficialmente o mecanismo de cooperação e intercâmbio cultural e artístico entre a China e os países de língua portuguesa”, alinhando-se com as directivas do primeiro-ministro chinês Li Keqiang aquando da sua visita oficial à RAEM em 2016.

“Do clássico à vanguarda” foi o lema deste encontro que deu grande enfoque à arte contemporânea, e não só, com a apresentação da mostra “Alter Ego” assim como deu a conhecer ao público registos mais antigos como as

Chapas Sínicas, documentos oficiais de Macau durante a Dinastia Qing (1693-1886).

A diversidade cultural ficou assim marcada pela presença de artistas oriundos das províncias do Interior do País e dos oito países de língua portuguesa, recheando o cartaz do evento com exposições, palestras, concertos e um ciclo de cinema que, segundo a organização, pretendeu “expor a aura, o carácter e o charme de ambas as culturas (chinesa e lusófona), bem como a tendência histórica de coexistência ao longo dos anos entre as duas culturas sem perda da sua identidade.”

Intervenção urbana

O festival estendeu-se por toda a cidade e a mostra “Alter Ego” assinada por uma nova geração de artistas portugueses, como Wasted Rita, Ricardo Gritto, artistas do estúdio de *design* Pedrita, de Macau, dos países lusófonos, do Interior da China e de Hong Kong foi reflexo dessa transversalidade.

Os curadores de “Alter Ego” – o artista urbano Alexandre Farto (Vhils) e a directora da galeria Underdogs, Pauline



Foessel – explicaram que as exposições espalhadas por Macau até ao dia 9 de Setembro são “uma reflexão sobre o ser humano” que inspiram o nome da mostra. Apesar do percurso único dos 27 artistas participantes é possível assistir-se a uma “interligação das obras”.

Com uma rota sugerida pelos curadores ao longo da cidade, a exposição parte no Museu de Arte de Macau com as colectâneas de trabalhos “Eu”, “O Outro” e “Da Linguagem à Viagem”. Em “Eu” é possível conhecer o trabalho da dupla de Macau João Ó e Rita Machado, que utilizam o característico bambu como elemento principal da instalação.

Segue-se a Galeria de Exposições Temporárias do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais com a quarta exposição, “Choque Cultural”. Já a mostra “Globalização” enche as Casas Museu da Taipa.

O último trabalho deste conjunto de exposições está instalado nas Oficinas Navais n.º 1 – Centro de Arte Contemporânea com o nome da mostra “Alter Ego” e assinada pelo luso-angolano Francisco Vidal.

Do ciclo ainda faz parte a intervenção de arte urbana pelo artista português Diogo Machado (Add Fuel), conhecido pelos seus trabalhos inspirados no azulejo português.

Histórias de Macau e do mundo

Outra das grandes apostas do festival foi a apresentação das Chapas Sínicas – uma colecção de registos oficiais de Macau durante a Dinastia Qing (1693-1886). Na sequência da inscrição dos documentos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no

“DO CLÁSSICO À VANGUARDA” FOI O LEMA DESTE ENCONTRO QUE DEU GRANDE ENFOQUE À ARTE CONTEMPORÂNEA, ASSIM COMO DEU A CONHECER AO PÚBLICO REGISTOS MAIS ANTIGOS

Registo da Memória do Mundo, em Outubro do ano passado, o Instituto Cultural de Macau decidiu que este seria o momento para dar a conhecer ao público uma selecção de mais de 100 registos.

De acordo com a entidade organizadora, os documentos “reflectem as condições da sociedade, a vida das pessoas, o desenvolvimento urbano e o comércio de Macau durante a Dinastia Qing. Além disso, representam o papel de Macau para o mundo”.

O auditório do Museu das Ofertas sobre a Transferência de Soberania de Macau foi palco de uma palestra integrada no âmbito da exposição sobre a importância documental das Chapas Sínicas, bem como a preservação e digitalização dos registos e que contou com a participação de Zhang Wenqin, professor de História de Relações Sino-Estrangeiras na Universidade Sun Yat-sen, Jin Guoping, investigador do Instituto de Estudos de Macau da Universidade de Jinan e, Silvestre de Almeida Lacerda, director-geral da Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas de Portugal.





HISTÓRIAS DOS PAÍSES DA LUSOFONIA E DO INTERIOR DO PAÍS FORAM TAMBÉM CONTADAS NO PALCO DO CENTRO CULTURAL DE MACAU ATRAVÉS DE INSTRUMENTOS E DANÇAS TRADICIONAIS

Já o Fórum Cultural entre a China e os Países de Língua Portuguesa, subordinado ao tema “diversidade cultural”, contou com a presença de especialistas na área do património tangível e intangível. Ana Paula Amendoeira, de Portugal, doutorada na Universidade de Sorbonne, em Paris, falou da importância da recuperação do património arquitectónico.

Histórias dos países da lusofonia e do Interior do País foram também contadas no palco do Centro Cultural de Macau através de instrumentos e danças tradicionais. Um espectáculo que deixou o público ao rubro com muito ritmo e cor trazidos em especial pelos representantes do continente africano.

Das imagens estáticas ao movimento do cinema

Integrada no festival, a exposição “Aiya” reuniu os artistas radicados em Macau João Miguel Barros, Joaquim Franco, Rui Rasquinho, Yves Etienne Sonolet e o artista local Fortes Pakeong Sequeira, que mostraram os seus trabalhos que vão desde a fotografia à ilustração e pintura.

Por sua vez, a exposição “Aprofundar”, com a curadoria de James Chu, contou com a colaboração de Eugénio Novikoff Sales, Cai Guo Jie, Nick Tai, Peng Yun, Wong Weng Io e Zhang Ke, artistas residentes em Macau e recorreu a uma variedade de formas de expressão artística.

Um ciclo de cinema dos países de expressão oficial portuguesa e do Interior do País trouxe a Macau filmes como os clássicos *Aniki-Bóbo* e *Douro, Faina Fluvial*, de Manoel de Oliveira (Portugal), a *Fábrica do Nada*, de Pedro Pinho (Portugal), *A Ira do Silêncio*, de Xin Yukun (China), *Livre e Fácil*, de Geng Jun (Hong Kong), *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho (Brasil), e ainda várias curtas-metragens.

A sétima arte dedicada a Macau incluiu os filmes *A Última Vez que Vi Macau*, de João Pedro Rodrigues e Guerra da Mata, *Macau: Cidade do Nome de Deus*, de Ricardo Malheiro, *Macau, Jóia do Oriente*, de Miguel Spiguel, *O Estrangeiro*, de Ivo Ferreira, e *350 Metros*, de Fernando Eloy.

De acordo com a responsável do Instituto Cultural, Mok Ian Ian, o festival terá continuidade no próximo ano e pretende estender as áreas culturais em mostra. “Estamos a ponderar incluir obras de escritores de Portugal, como José Saramago que obteve o Prémio Nobel da Literatura”, afirmou a presidente do organismo sobre a intenção de dedicar espaço também à literatura durante o festival.

A primeira edição do festival realizou-se com um orçamento de 28 milhões de patacas. ■

O pulsar da cidade no pequeno ecrã

Pela primeira vez, Macau está a produzir uma telenovela a ser transmitida no Interior do País que pretende mostrar como é o dia-a-dia da população local. O humor aliado ao quotidiano da região é o eixo central desta nova produção

T SIN IOK I

NO FINAL deste ano, e para assinalar os 20 anos do estabelecimento da RAEM, o grande público chinês poderá assistir, pela primeira vez, uma telenovela que tem como pano de fundo Macau, as suas gentes e as suas caracte-

rísticas próprias. “Rua de Macau” terá entre 100 e 150 episódios com muito humor e ironia versando o dia-a-dia da região administrativa especial.

Segundo a Associação de Promoção do Desenvolvimento Cultural de Macau, que está encarregue da produção, esta nova telenovela tem um duplo

objectivo: dar a conhecer Macau na Grande China ao mesmo tempo que ajudará a região a formar uma equipa de profissionais de filmagem, dando oportunidade de aumentar a experiência a muitos quadros locais.

A pré-produção arrancou em finais de Abril e só deve estar totalmente concluída em 2023. Ainda assim, a equipa responsável pelo projecto pretende que na altura das celebrações do 20.º aniversário da RAEM, a 20 de Dezembro, o primeiro episódio possa já estar pronto para ser transmitido mais tarde no pequeno ecrã.

Grande parte do enredo passa-se nas ruas de Macau e, para além de actores profissionais, vários pequenos comerciantes e residentes dos bairros históricos da cidade vão entrar como figurantes.

“A telenovela tem uma história ficcionada que desperta emoções, ao



mesmo tempo que mostra a realidade da cidade e a sua vida social. Um dos pontos mais importantes é retratar a simplicidade, a bondade e a ajuda mútua do povo de Macau”, assinalou Fu Zhiping, produtora da “Rua de Macau”, acrescentando que cada episódio contará com 48 minutos de duração.

A telenovela vai contar ao público uma história que para os residentes locais pode parecer banal: um senhor de idade que gere há muitos anos um estabelecimento de comida, vivendo em conjunto com três filhos – um ajuda no negócio familiar, outro é *croupier* num casino e o terceiro acabou de regressar do estrangeiro.

A sua vida calma muda quando mesmo ao lado do seu negócio de família um restaurante macaense abre portas. O dono do estabelecimento concorrente é um jovem macaense, que não quer ficar a gerir o negócio do pai de exportação de enlatados de Portugal. A trama desenrola-se muito centrada na concorrência entre os dois lados, mas ainda assim há espaço para um amor entre os jovens de restaurantes diferentes, numa espécie de “Romeu e Julieta” da restauração.

Co-produção

Fu Zhiping explicou que todas as cenas de interiores serão gravadas em estúdios da vizinha cidade de Zhuhai e todos os exteriores serão captados em Macau. Há, porém, outros desafios, como, por exemplo, encontrar pessoal capacitado na área da televisão e do cinema. “Sabemos que a área de filmagens em Macau ainda não está completamente madura, porque faltam pessoas com formação e experiência. Por isso, encontrar quadros técnicos tem sido um desafio”, explica.

A solução é então formar pessoal para que no futuro mais produções do género possam vir a ser feitas. “Um dos objectivos mais importantes da produção desta telenovela é formar uma verdadeira equipa de filmagens para televisão e cinema de Macau”, destacou Fu Zhiping.



O guião, que está a meio caminho de estar pronto, está a ser escrito por dois profissionais de Pequim em conjunto com um de Macau, que tem a missão de adaptar as situações que vão ser vividas no pequeno ecrã à realidade lo-

cal. Já para a equipa técnica, têm sido seleccionados técnicos tanto locais como do Interior do País. Neste momento, a produção da “Rua de Macau” está a recrutar actores, sobretudo em cidades chinesas próximas a Macau. ■

JADE

No verde está a virtude

T SIN IOKI **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Se virtude fosse uma coisa palpável no mundo físico, seria certamente feita de pedra polida e esverdeada, pelo menos na concepção da cultura chinesa. É que, na China, é mesmo isso que o jade representa: um autêntico concentrado de virtudes do reino mineral. Acaba por ser, assim, e de longa data, uma das matérias-primas favoritas para a manufactura de amuletos e jóias, sendo mesmo a pedra semipreciosa mais popular entre os chineses. Não é à toa que pode ser encontrada à venda em praticamente todo o País



EM RIGOR, existem dois tipos de minerais que são conhecidos pela designação de jade. O primeiro, que ganhou fama na China Antiga, é a nefrite, ligeiramente mais resistente à fractura, embora um pouco menos rígida do que o outro tipo, chamado de jadeíte. Seja como for, a verdade é que várias culturas em todo o mundo consideraram, nalgum momento da sua evolução ao longo da história (quando não da pré-história), que ambos os tipos de jade encerravam algum tipo de virtudes e poderes especiais. Mas, diga-se, ninguém como os chineses: durante milhares de anos (há artefactos encontrados por arqueólogos que remontam ao Neolítico), artigos de jade foram-se revestindo de particular valor e significado, com habilidosos artesãos a esculpirem *designs* cada vez mais complexos e intrincados.

Nada menos do que oito milénios é o que é preciso recuar no tempo para observar os primeiros habitantes da China Setentrional a começarem a entalhar colares, brincos e outros adereços num tipo de pedra de cor verde e tonalidade ora mais carregada e brilhante, ora mais leitosa e esbranquiçada. “Datando de meados do Neolítico, desde há quase 8000 anos, a antiga cultura chinesa do jade tem uma longa história”, sublinhou Shan Jixiang, director do Museu do Palácio, em Pequim, aquando da exposição em Ma-



PEQUIM 2008: MEDALHAS DE JADE

Os Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim, não foram apenas uma das mais marcantes edições de sempre do maior evento mundial do desporto amador, mas também uma das que trouxe mais inovações. Uma delas foi a utilização, pela primeira vez, do jade na confecção das medalhas olímpicas. Inspiradas nos “bi”, discos de jade da China Antiga gravados com padrões de escamas de dragão, as medalhas simbolizam a nobreza e virtude e incorporam os valores tradicionais chineses da ética e honra, de braços dados com o ideal do olimpismo. Tendo na frente metálica (de ouro, prata ou bronze) a típica cena da deusa da vitória Nike retratada com o Estádio de Panathinaikos ao fundo, as medalhas deixam a nobreza do jade tomar conta do verso num aro em forma de “bi” a contornar todo o elemento metálico central onde se encontra o logo dos Jogos de Pequim 2008 e os anéis olímpicos.



cau de peças de jade da Dinastia Qing, em 2013. O especialista explicou que, naquela época, as peças de jade – que já se tinham diferenciado dos utensílios de pedra – eram vistas como “objectos que ligavam os homens aos deuses e serviam de oferenda aos últimos”.

Para lá do sentido místico, o jade era um símbolo de estatuto para o seu utilizador. Por exemplo, durante o período entre as dinastias Zhou Ocidental (1046–771 a.C.) e Oriental (771–256 a.C.) e a Dinastia Han (206 a.C.–220 d. C.), a função do jade no antigo sistema ritual chinês acentuou-se tremendamente, com o jade ornamental a simbolizar estatuto e classe. “Os adereços em jade cosidos nas vestes com fio de ouro constituem um exemplo de vestuário fúnebre para a mais alta nobreza”, nota o director do museu que conta com mais de 30 mil artigos de jade e outras pedras preciosas com valor histórico.

A pedra do paraíso

Ao longo dos anos, a matéria-prima foi chamando para si um leque de conotações, mais ou menos místicas, chegando mesmo a ser considerada um elo entre a humanidade e o paraíso. Além de ser, desde logo, símbolo de felicidade, poder e riqueza, o jade foi associado a virtudes intimamente ligadas ao confucionismo e aos valores da justiça e honestidade, além da inteligência. Estabelecendo analogias



entre as virtudes do *junzi* (“pessoa exemplar”) e as propriedades naturais do jade, os confucionistas da Dinastia Han conferiram ao jade as “Cinco Virtudes” e as “Onze Virtudes” do *junzi*, a pessoa ideal do confucionismo. Antigas citações ligam os homens de virtude ao jade: “A atitude do *junzi* é aprazível como o jade”, “As nobres virtudes do *junzi* devem equivaler às do jade”, ou “O *junzi* deve sempre usar jade, a menos que haja boa razão para não o fazer” são só alguns exemplos.

A antiga cultura chinesa do jade teve assegurados séculos de continuidade, em grande parte graças a essa tão extensivamente aceite “teoria da virtude” do jade. Durante as dinastias Tang (618–906) e Song (960–1279), a matéria-prima secularizou-se ainda mais e é possível observar-se todo um vasto leque de utensílios domésticos, ornamentos e acessórios em jade. A arte de esculpir esse mineral em finais da Dinastia Ming (1368–1644), e a sul do Rio Yangtsé, estabeleceu sólidas fundações para o desenvolvimento da arte do jade evidenciado durante a Dinastia Qing (1644–1911). “As peças de jade da Dinastia Qing, em particular durante o reinado do Imperador Qianlong, representam o culminar desta arte na história chinesa”, considera mesmo Shan Jixiang.

A “era de jade” de Qianlong

O imperador Qianlong (1711–1799), o sexto da dinastia Qing dos manchus e o quarto imperador Qing a reinar (1735–1796) sobre a China Interior (Dezoito Províncias), célebre por ter “expandido o país em 20 mil *li* quadrados” era um afeccionado dos artigos em jade e utilizava-os para celebrar as suas proezas militares.

Em 1759, o 24.º ano do seu reinado, as rebeliões em Xinjiang tinham sido debeladas e o jade cru dessa região pôde ser extraído pelo governo,





JADE DOS TOLOS

Assim como nem tudo o que reluz é ouro, também nem tudo o que é pedra esverdeada é mesmo jade, havendo muita imitação à venda. Se pretender comprar uma jóia e quiser confirmar se se trata mesmo de jade há algumas características a observar, que o ajudarão a distinguir um artigo verdadeiro de uma fraude.

1. O peso da pedra. O jade é mais pesado do que as pedras vulgares. É possível sentir a sensação do peso do jade na palma da mão.
2. Veja com atenção o aspecto geral da peça. Se notar à superfície pequenas bolhas, trata-se de uma pedra falsa.
3. Observe a existência de pequenos riscos resultantes do seu manuseamento. O jade é mais duro do que o vidro, por isso, não se riscará tão facilmente como uma imitação.
4. A forma mais segura para distinguir a pedra falsa da verdadeira é partir o objecto. Se for mesmo de jade, o interior deverá ser composto por pequenas partículas minerais. Se for vidro, a superfície quebrada será lisa com um molde de vidro. Mas atenção que, se decidir usar esse método, depois pode já não ter interesse em adquirir a peça...

de acordo com um sistema fortemente centralizado, sendo enviado para o Palácio Imperial todos os Outonos e Primavera. Esse ano marca o início de um período dourado para a arte de esculpir o jade. Sob os auspícios do Imperador Qianlong, as diversas manufacturas de jade, incluindo a Oficina de Jade do Palácio Imperial, assim como as manufacturas têxteis de Ruyiguan, Suzhou, Hangzhou, Jiangning e Huai-guan, dedicaram-se extensivamente à produção de utensílios de jade para o Palácio Imperial.

Qianlong era tão apaixonado pelos artigos em jade que chegava mesmo a envolver-se pessoalmente no *design* da sua criação, escolhendo, por exemplo, os desenhos de padrões, e influenciando a criatividade artística com o seu próprio conhecimento, mestria e gosto. “As peças de jade dos Qing, em particular do período de Qianlong, caracterizam-se pela qualidade das matérias-primas, pelos desenhos precisos e refinados, pelos elevados ideais estéticos e pela soberba técnica e constante inovação, que ultrapassam as de outros períodos”, considera Shan Jixiang.

Muitas das peças existentes na colecção imperial, de resto, remontam ao reinado de Qianlong, com desta-

que para os enormes selos (carimbos) que usava para dar aprovação aos documentos oficiais ou para marcar certas ocasiões. Esses selos estão entre os melhores exemplos da sua obsessão pelo jade e um deles, criado para celebrar o seu 70.º aniversário, chegou a ser leiloadado pela casa Sotheby’s em 2013, em Nova Iorque. O “Selo dos 70 anos do Filho do Paraíso” foi então arrematado pela “módica” quantia de 1,5 milhões de dólares (12 milhões de patacas).

O jade hoje

Quando se fala em jade na China Antiga, é à nefrite – importada sobretudo de Xinjiang e de outras paragens longínquas – que se está a referir, uma vez que a jadeíte não faria a sua entrada no Império, proveniente da Birmânia (actual Myanmar), antes de 1800. A jadeíte é o tipo mais precioso, por ser mais difícil de trabalhar, mas também pela sua raridade – apenas encontrado em 12 locais em todo o mundo. A maior parte (à volta de 70 por cento) da jadeíte extraída actualmente em todo planeta, no entanto, provém mesmo do Myanmar, constituindo metade do rendimento daquele país.

Em 2014, de uma dessas minas foi extraída uma pedra com mais de seis toneladas que foi vendida para um investidor em Xangai por 600 milhões de yuans (737 milhões de patacas). Muitos são os comerciantes que acreditam que haverá sempre uma grande procura de jade no mercado chinês.

A isso não serão alheias as crenças tradicionais, ainda hoje bem vivas entre os chineses, relativamente às funções do jade na vida, tanto no plano terreno como espiritual, das pessoas: estimular a energia vital positiva (*qi*), absorver as energias negativas e condicionar a pressão arterial; proteger contra acidentes; trazer boa sorte; transmitir o espírito (*ling*) e o karma (*ye*) entre as pessoas, na forma de prendas e objectos herdados das mães pelas filhas; ajudar as pessoas a contemplar o universo e o seu lugar nele; e fazê-las sentirem-se em paz. ■

Temporada de Concertos 2018-19

Música de Gala 35: A Música Enche a Cidade!



Piano
Barry Douglas

©Kaya Kraynova



Fagote
Sergio Azzolini

© Judith Schlosser



Maestro
Arvo Volmer

©Kaupo Kikkas



Piano
**Lucas & Arthur
Jussen Brothers**

©Marco Borggrava



Violino
Tianwa Yang

©Friedrich Reinhold



Violino
Kyung Wha Chung

©Kang Taewoong

**Os Bilhetes à venda na Bilheteira Online de Macau.
Desconto de 40% na compra de bilhetes até o dia 31 de Agosto de 2018!**

TRADIÇÕES **M**

KUAN TAI

Deus da guerra e da riqueza

T FERNANDO SALES LOPES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Kuan Tai ou, em mandarim, Guan Di (關帝), o Deus da Guerra e da Riqueza, foi um grande herói do tempo dos Três Reinos (220–280), sendo a divindade mais conhecida e reverenciada em todas as comunidades chinesas, no país ou na diáspora

澳門魚行
醉龍





O ANIVERSÁRIO de Kuan Tai tem lugar no 13.º dia da 5.ª Lua, o que neste ano de 2018 coincide no calendário Gregoriano com o dia 5 de Agosto. Para os crentes, Kuan Tai concentra em si todos os poderes, por isso a ele se pede protecção e prosperidade, mas também a resolução dos problemas dos mais íntimos — pessoais ou domésticos —, aos que afectam as nações ou o Universo. Venerado não apenas por taoistas mas também por budistas e confucianistas, Kuan Tai é ainda o protector da China.

Não há estabelecimento comercial que não ostente a figura do façanhudo General Kuan Tai olhando a porta de entrada, atestando aos passantes a qualidade do produto a mercar e a honestidade do vendedor. E não há lar onde o guerreiro representado em estátua, de vermelha face e de longas barbas ao vento, com ou sem a sua espada em riste, não proteja a habitação dos demónios e espíritos maléficos.

O grande guerreiro

Deificado pelo seu valor militar e contributo pela restauração do poder Han, como se conta no *Romance dos Três*

Reinos (三國演義), onde os seus feitos de guerreiro se romantizam e eternizam, Kuan Tai é um exemplo a ser seguido no amor patriótico através do combate pela dignidade e pela defesa de princípios, a entrega total até às últimas consequências.

Ao tempo a que remonta a história do guerreiro ainda humano, a China vivia fragmentada e em grande instabilidade governativa com um jovem imperador sem força e desrespeitado, com desordens e lutas palacianas conduzidas pelos eunucos e, como se não fosse o suficiente, os elementos pareciam ter-se revoltado contra o reino, a sofrer toda a sorte de inclemências como terremotos, cheias e outras calamidades que levaram ao aumento dos impostos. O povo revoltou-se e os senhores da guerra começaram a organizar as forças de uns e de outros lados para assumirem o poder. Quando o imperador morre sem descendência, muitos querem conquistar o trono Han. É nesta realidade que Kuan Tai sobressai como um grande guerreiro e o maior dos estrategas, vencendo as hostes inimigas em batalhas consecutivas, afastando o poder dos eunucos



e dos religiosos que também combatiam para conquistarem partes de uma terra dividida. A luta do General ia, contudo, além das conquistas militares, pois Kuan Tai lutava pela restauração do poder legítimo Han, o Estado, o afastamento dos corruptos e a moralidade.

Os templos de Kuan Tai

Em Macau existem diversos templos onde Kuan Tai está presente, mas apenas dois lhe são dedicados. Contrariamente a outros locais, a sua evocação aqui faz-se em pequenos templos sóbrios como a divindade enquanto humano quis ser.

O templo de Kuan Tai (關帝廟) em Macau, Património da Humanidade, encontra-se estritamente ligado à Associação Sam Kai Vui Kun (Associação das Três Ruas, 三街會館), a mais antiga associação chinesa constituída em Macau para promover o bem-estar dos moradores das três primeiras ruas de comércio: a dos Ervanários, a das Estalagens e a dos Mercadores, na extrema entre a cidade cristã e o bazar, como nos tempos antigos se designavam os bairros de portugueses e estrangeiros, e o dos moradores chineses. O templo é propriedade da referida associação, que o custeou.

Em frente à porta do Templo de Kuan Tai eram expostas para conhecimento da população as chamadas “chapas sínicas”, expedidas pelos mandarins representantes do poder chinês, a dois passos do Leal Senado, então sede da governação portuguesa da cidade, assinalando os tempos de uma administração partilhada em Macau, a convivência e o respeito mútuos.

Por vezes, o Templo de Kuan Tai de Macau é nomeado por Sam Kai Vui Kun (三街會館) — o nome da citada associação, por servir também como sua sede — ou, ainda, de Templo de Mou Tai.

O Templo, lateral ao Mercado de São Domingos, é composto por três pavilhões: o do Deus da Riqueza (dedicado a Kuan Tai), o de Tai Soi (divindade do mau agouro), e o do Deus da Terra. Tem, ainda, representações do Nobre e Cavalheiro da Riqueza, e do Marechal Zao, o domador celestial do Tigre. No altar principal, ao centro, está Kuan Tai, ladeado pelos seus fiéis companheiros: Chau Chong à sua direita, e, à esquerda, o seu filho adoptivo Kuan Peng.

E é ali, no centro da cidade, frente ao templo em honra de Kuan Tai, que se inicia a festividade do Dragão Embriagado, evento único pois só em Macau pode ser vivido, já que este é o único local da China onde a tradição perdura.

Mais modesto e de dimensões reduzidas encontramos na aldeia de Cheok Ka Chin, na Vila da Taipa, o outro templo dedicado ao Senhor da Guerra, no qual partilha o espaço com Tin Hau (A-má). Um pequeno templo de adoração de duas divindades que foram muito importantes noutros tempos para a população local, que deles se socorria em alturas difíceis. Estávamos perante uma população essencialmente marítima, sujeita aos perigos constantes no mar, mas também aos da terra. A



KUAN TAI É CERTAMENTE O MAIS MEDIÁTICO DOS HERÓIS DA CULTURA CHINESA. MAS O SEU PODER É TAL QUE DESEMPENHAR A SUA PERSONAGEM EM QUALQUER PALCO É UMA DAS MAIS DIFÍCEIS TAREFAS E A DE MAIOR RESPONSABILIDADE



tradição aponta a construção do templo para a época dos Qing. Histórias antigas referem-se a duas famílias de apelidos Lam e Cheok que terão sido os primeiros moradores no local onde se encontra o templo e que se acredita terem sido elas a iniciar a construção e a custear as despesas, sendo mais tarde ajudados pelas povoações vizinhas.

As comemorações do aniversário do Deus da Guerra, em Macau, fixam-se em singelas cerimónias nos seus templos. Mas nem sempre foi assim, pois noutros tempos era ali vivida a efeméride com grandes festejos assinalados pelas decorações nos estabelecimentos, lanternas, frontões festivos e espectáculos de ópera chinesa, como assinala Gonzaga Gomes (*Curiosidades de Macau Antiga*): “Nenhuma outra festa era realizada por outros templos desta cidade que pudesse rivalizar com a que era levada a efeito pela Associação das Três Ruas”.

Combatente dos espíritos maléficos

Esta conhecida competência da divindade descrita em textos antigos, na tradição oral popular, e conservada por modos diversos – representada e cantada em óperas populares – fizeram do guerreiro um herói da literatura, do cinema, da banda desenhada e de outros meios de comunicação para todas as idades. Kuan Tai é certamente o mais mediático dos heróis da cultura chinesa.

Mas o seu poder é tal que desempenhar a sua personagem em qualquer palco é uma das mais difíceis tarefas e a de maior responsabilidade para qualquer artista, já que obriga-o a uma série de rituais para “limpeza” do corpo e do espírito, pois acredita-se que, se o não fizer, os poderes da divindade de controlo sobre os maus espíritos passam para aquele que o representa. Assim, entre outras regras rituais, o actor deverá queimar incenso 10 dias antes da actuação e deverá abster-se de comer carne e de actividade sexual. Depois de caracterizado, não deve brincar ou proferir frases jocosas. No final da actuação, o actor deverá queimar mais uma vez incenso à divindade e lavar a cara.

De humano a divindade

A sua vida de lutador intransigente levou-o para a morte. Ao ser capturado pelos inimigos, no ano 219, recusou render-se, tendo sido então decapitado. Porém, só ascenderia ao panteão das divindades na Dinastia Ming, em 1594, como Deus da Guerra – protector da China e de todos os chineses. Espalharam-se então por toda a China templos à divindade protectora.

Variados ofícios e ocupações tem Kuan Tai como patrono, com destaque para as artes marciais, as forças de segurança e os serviços militarizados. Alguns literatos baseados na tradição de que o famoso general tinha memorizado na íntegra o clássico confucionista *O Comentário de Zuo* elegeram-no também como Deus da Literatura. ■





(Con)Tributo a Macau

T CATARINA MESQUITA

Fruto daquilo que seria uma aventura por apenas alguns meses, Macau tornou-se para o colectivo musical português Paradise Hotel uma nova casa. Com o apoio da Casa de Portugal em Macau, os jovens músicos Tomás Ramos de Deus, Miguel Noronha de Andrade, Luís Bento e Paulo Pereira têm contribuído para uma cidade com mais música. Uma aventura de cinco anos que, acima de tudo, lhes tem dado tempo e espaço para criar

TOMÁS RAMOS de Deus recorda a história da banda que colabora com a Casa de Portugal em Macau – da qual é vocalista e guitarrista – como quem faz contas complexas. Isto porque têm sido cinco anos intensos de concertos e projectos musicais desde que, pela primeira vez, chegou à RAEM acompanhado de Miguel Noronha de Andrade, Luís Bento e Felipe Fontenelle.

Quando em 2012 o grupo de amigos que se apresentava como 80&Tal e que animava as noites do Hard Rock Café Lisboa com *covers* das décadas de 1960, 1970 e 1980, soube que o espaço homólogo em Macau estava à procura de uma nova banda decidiu candidatar-se à vaga e tentar a sorte.

“Era a oportunidade de sair de um país onde a nossa situação era intermitente e vir para a Ásia que nenhum de nós conhecia. Decidimos encontrar uma voz feminina, a Bianca Adrião, já que o nosso grupo inicial não tinha, e concorrer ao lugar. Seriam três meses de actuações para um público novo, o que era entusiasmante”, conta Tomás.

Conseguido o lugar, chegaram a “um Macau húmido”. O bafo quente das ruas em contraste com os ares condicionados dentro dos espaços comerciais e a comida diferente foram uma mistura explosiva e um teste à resistência dos jovens portugueses. “Independentemente de como nos sentíamos tínhamos de actuar e animar as noites do Hard Rock Macau. Passámos de actuações duas a três vezes por semana, em Portugal, a seis dias por semana, três horas e meia por noite”, recorda o vocalista.

Com um projecto paralelo chamado “Tributo a Beatles”, o grupo já tinha feito dezenas de concertos entre os quais dois no Coliseu de Lisboa e uma actuação para cerca de 60 mil pessoas: experiência não lhes faltava mas o nível de exigência mostrava-se maior em Macau.

O público crescia de noite para noite e o contrato inicial de três meses passou a mais três. Bianca Adrião era então substituída pela cantora portuguesa Mariana Domingues e completava



A BANDA CONTINUA AINDA A APRESENTAR O REPERTÓRIO DE COVERS QUE DAVA VIDA AOS 80&TAL EM ALGUMAS ACTUAÇÕES MAS COM A INTEGRAÇÃO NA CPM GANHOU TAMBÉM “ESPAÇO E TEMPO” PARA A CRIAÇÃO DE TEMAS ORIGINAIS

os seis meses imparáveis dos 80&Tal. A banda afirma que foi “a maior experiência a nível de gestão física e emocional” pela qual já passou.

“180 e tal” concertos depois

“Cento e oitenta e tal concertos depois” o grupo de músicos deu por encerrado o capítulo Hard Rock mas não o de Macau. Esse era para ficar sem prazo de validade quando iniciaram a parceria com a Casa de Portugal em Macau (CPM).

“A CPM sempre apostou na valência da música através de aulas de música e de sessões de música ao vivo como, por exemplo, noites de fado. Com a colaboração dos 80&Tal percebemos que poderíamos ter uma banda disponível para participar em diversos eventos”,

explica Diana Soeiro, coordenadora-geral da Casa de Portugal em Macau.

Tomás Ramos de Deus, Miguel Noronha de Andrade e Felipe Fontenelle tornaram-se assim o “núcleo duro” de apoio à CPM através da realização de concertos em diferentes eventos culturais, tanto propostos pelo organismo como requisitados por outras entidades oficiais, como a Fundação Oriente, o Instituto Cultural de Macau, a Direcção dos Serviços de Turismo, a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, entre outras.

“Através da valência da música, a CPM conseguiu fortalecer os laços e aumentar as parcerias com estas instituições sendo que nenhuma delas tem uma banda exclusiva”, explica Tomás.

A banda que agora, com uma nova formação, se assume como Paradise Hotel, continua ainda a apresentar o repertório de *covers* que dava vida aos 80&Tal em algumas actuações mas com a integração na CPM ganhou também “espaço e tempo” para a criação e produção de temas originais. Desde 2014 já foram lançados cinco álbuns com produção executiva da CPM: *Tributo a Macau*, *Pessoa, Rua 25 de Abril*, *Castelos no Ar* e *Oito*.

Com o lançamento do álbum *Tributo a Macau*, “foi dada voz a pessoas de Macau e demonstrado o apreço e respeito que temos por elas”, explica Tomás Ramos de Deus. Na primeira

edição do projecto foram musicados poemas de escritores ligados a Macau, como Adé dos Santos Ferreira, António Manuel Couto Viana, Camilo Pessanha, Carlos Marreiros, entre outros, enquanto na segunda edição, apresentada este ano, foi dada a oportunidade a outros poetas residentes em Macau, como Catarina Domingues, Carlos André, Gonçalo Lobo Pinheiro, José Basto da Silva, Sérgio Perez e outros, de criarem letras para o projecto.

Já os álbuns *Pessoa e Rua 25 de Abril* musicam poemas de Fernando Pessoa e de “escritores de renome que mostram um lado mais romântico do 25 de Abril que não só a parte política”, respectivamente.

O álbum *Oito*, lançado em 2018, foi proposto pelo escritor Yao Feng e é um produto de fusão: são oito poemas chineses traduzidos e interpretados em português ao som de alguns instru-

mentos usados nas músicas chinesas como o erhu e o dulcimer.

A missão de educar

Ainda do conjunto de álbuns lançados pelo colectivo musical faz parte o projecto infantil *Castelos no Ar*. Segundo o vocalista da banda, este revelou-se “muito desafiante”. “Fazer música para crianças é complicado porque este público é exigente e tem de ser conquistado à primeira. Uma música fácil ao ouvido de uma criança requer um grande trabalho da nossa parte para criar uma melodia forte, mas simples ao mesmo tempo”, sublinha Tomás.

Arregaçadas então as mangas foram musicados poemas de autores portugueses de renome, como Alice Vieira, José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, Sophia de Melo Breyner e até mesmo Fernando Pessoa na sua escrita para o público mais jovem.

De todos, este foi o álbum com maior aceitação. Tomás conta que aquando da realização de um concerto por ocasião da celebração do Dia Internacional da Criança, no Jardim de Infância D. José Costa Nunes, as crianças sabiam cantar as canções. “Quando cantam uma música feita por nós é um sentimento de missão cumprida. Estamos a educar as crianças com um conteúdo que não é demasiado infantil mas, ao mesmo tempo, se ajusta à idade e à capacidade de interpretação delas”, afirma o músico.

A escolha dos temas que apresentam em todas as actuações e a forma de os interpretar – não só para o público infantil – faz parte da missão de educar o público que a banda tem em Macau.

O grupo refere que vê no público chinês um enorme respeito para com o seu trabalho. “Apesar de não dança-



CASA DE PORTUGAL



rem e cantarem tanto como os portugueses, por exemplo, o público chinês tem demonstrado gostar muito do nosso trabalho, seja quando estamos a tocar rock ou até mesmo, em algumas ocasiões, fado.”

O vocalista chegou mesmo a aprender a canção em mandarim “Tong Hua” que arranca sempre muitos aplausos à ala chinesa. “Já a cantei mais vezes que outras músicas em português [risos]. Tenho de aprender outras!”

Os elementos da banda dão também apoio à Escola de Artes e Ofícios da Casa de Portugal em Macau, onde Tomás Ramos de Deus, Luís Bento e Paulo Pereira dão aulas de guitarra, baixo, saxofone, clarinete e bateria, respectivamente, tanto a crianças como a adultos.

“Uma das grandes vantagens da colaboração permanente da banda com a Casa de Portugal foi o facto de termos alargado também o nosso número de professores de música”, lembra Diana Soeiro.

O mais valioso dos tempos

A agenda da banda é preenchida. Concertos para crianças em escolas ou no Centro Cultural de Macau, a presença no arraial tradicional de São João ou um tributo a Fernando Pessoa por ocasião dos 130 anos sobre o nascimento do escritor são alguns dos exemplos de um mês de Junho agitado e diversificado.

Porém, os membros do grupo musical confessam que apesar de Macau lhes ter trazido mais trabalho lhes deu mais tempo e, consequentemente, mais qualidade de vida.

“Aqui obtivemos a liberdade mental para conseguir compor e desenvolver projectos que gostamos e que em Portugal não conseguíamos concretizar por estarmos tão preocupados em ter trabalho para conseguir pagar as contas”, conta Tomás.

Miguel Noronha de Andrade tem a seu cargo o estúdio da Casa de Portugal, na Areia Preta. É lá que o músico tem desenvolvido o trabalho de produção dos projectos da banda. Já Luís Bento, baterista da banda, continua a

CASA DE PORTUGAL



OS MEMBROS DO GRUPO MUSICAL CONFESSAM QUE APESAR DE MACAU LHES TER TRAZIDO MAIS TRABALHO LHES DEU MAIS TEMPO E, CONSEQUENTEMENTE, MAIS QUALIDADE DE VIDA

tocar com o colectivo mas é à SOMBENTO, empresa de apoio técnico de som e iluminação de espectáculos da qual é responsável, que dedica grande parte do seu tempo.

Paulo Pereira que já colaborava com a CPM desde 2012, altura em que se mudou para Macau, foi amiúde participando em vários espectáculos da banda com o seu saxofone. Hoje, o artista já participa na grande maioria dos projectos da Paradise Hotel.

Após o regresso de Felipe Fontenelle a Portugal, em 2017, para se dedicar à sua carreira a solo, juntou-se recentemente à banda o músico aus-

traliano Ivan Pineda, responsável pelos sons do baixo.

É das músicas da sua infância como o rock dos anos 1980 e 1990 que é feita a história da banda, mas é também dos sons que ouvem, compõem e que têm tocado em Macau. Quando se fala de um eventual regresso a Portugal, Tomás Ramos de Deus diz que não há planos para breve.

Feitas as contas complexas de cinco anos intensos, o vocalista da banda diz, sem hesitações, que aqui criou uma “bela família”. Família essa que mora numa casa de todos, a Casa de Portugal em Macau. ■

4.º ENCONTRO DE MARIONETAS DE MACAU CIRCO, ROBERTOS E MÁSCARAS LARVARES

A quarta edição do Encontro de Marionetas de Macau, com organização da Casa de Portugal, apresenta circo, máscaras larvares e o tradicional Teatro dos Robertos. De Portugal foi convidada “A Companhia da Chanca”, que traz à cidade uma história de isolamento, sem palavras

T CATARINA DOMINGUES

Malabaristas, equilibristas, mágicos e bailarinas, tudo a que uma criança tem direito. E ainda mais: uma banda a tocar. Ao todo, Elisa Vilaça está a preparar 17 personagens para habitar este mágico mundo circense, destinado a crianças a partir dos seis meses. São bonecos de diferentes tamanhos

e materiais, manipulados através de diferentes técnicas, e que vão dar vida a “CIRCOLANDO – Magia e Cor”, espectáculo que a artista portuguesa vai apresentar na quarta edição do Encontro de Marionetas de Macau. O evento, organizado pela Casa de Portugal, realiza-se no fim-de-semana de 8 e 9 de Setembro e, para já, há planos para se estender ao longo de mais uma semana com uma exposição temática e actividades nas escolas de Macau.

Encontramo-nos com Elisa Vilaça na Escola de Artes e Ofícios da Casa de Portugal, da qual também é directora. À nossa volta, mantas de retalhos, peças soltas, modelos para marionetas, objectos ainda sem formas definitivas. “Já estou em contra-relógio”, diz durante a entrevista. Além desta ida ao circo com Elisa Vilaça, a quarta edição do Encontro de Marionetas convidou a “A Companhia



da Chanca”, oriunda da Moita, Portugal. André Louro e Catarina Santana vão apresentar “O Sítio”, a história de um casal que vive isolado numa aldeia no interior de Portugal e que parte numa viagem até à estação de correios mais próxima para enviar uma encomenda para o neto que acabou de nascer.

“Baseia-se essencialmente na animação de objectos, por isso não tem texto, é só música, expressão corporal e joga com as máscaras Larval”, adianta Elisa Vilaça, referindo ainda que este não é apenas um espectáculo dirigido aos mais novos: “Foge um pouco ao habitual, porque normalmente as pessoas ligam o teatro de marionetas ao espectáculo muito infantil e na realidade não é. Este é um espectáculo que começa nos três, quatro anos, e que vai até aos 90 ou 100 anos e, por isso, dirige-se a todo o público e é interessante termos toda essa diversidade”.

Também a selecção do espaço pretende este ano explorar essa diversidade. A Casa de Portugal vai levar a arte das marionetas ao Jardim do Lou Lim Ieoc. “É um espaço em que há um cruzamento cultural que penso que é extremamente importante e realmente as marionetas têm essa característica, serem espectáculos transversais. Há uma linguagem universal que é o gesto em si, o movimento. É um espaço emblemático, onde se pode usufruir de espaço interior e do espaço exterior.” O 4.º Encontro de Marionetas inclui ainda este ano “Histórias Contadas e Recontadas”, exposição que explora a recriação de histórias e que tem como objectivo motivar e alertar os mais novos “para a necessidade de recriar ou imaginar”. Sérgio Rolo, que trabalhou do Teatro de Marionetas do Porto, vai apresentar também “um espectáculo de Robertos, um dos espectáculos mais antigos e tradicionais portugueses”.

4.º ENCONTRO DE MARIONETAS DE MACAU

8-9 SETEMBRO DE 2018
JARDIM DO LOU LIM IEOC

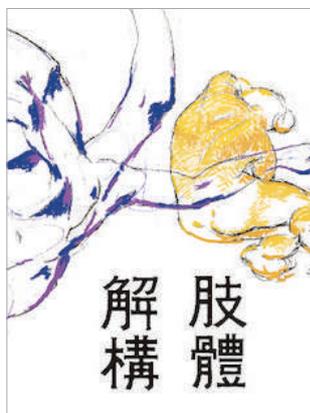


MÚSICA

The #1's Tour de Mariah Carey

Este é um regresso da artista norte-americana a Macau, depois de ter actuado em eventos corporativos, como é o caso da abertura do Studio City, em 2015. Mariah Carey venceu cinco Grammy e incluiu este ano Macau na rota da digressão mundial “The #1's Tour”. “Dreamlover”, “Emotions” e “Hero” são alguns dos temas que vai trazer à Arena do Venetian.

ARENA DO COTAI
20 DE OUTUBRO DE 2018
Bilhetes a partir de MOP 480



TEATRO

De-corp-struction - Séries 2018 - Teatro Físico Experimental «Q & Y»

Espectáculos apresentados por José Coelho e Oscar Cheong, membros da Associação de Arte e Cultura Comuna de Pedra. “Mo” explora as diferentes faces de um só homem e “CAPITAL Q” é um projecto inspirado na obra-prima de Lu Xun “A verdadeira história de Ah Q».

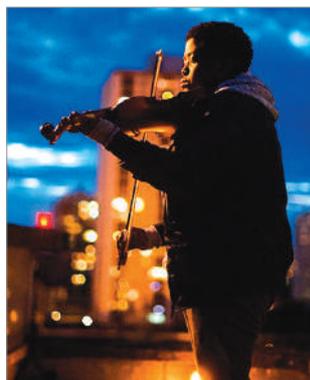
17 E 18 DE NOVEMBRO DE 2018
EDIFÍCIO DO ANTIGO TRIBUNAL
Bilhetes a MOP 150



Beatles para bebés

“Um sofisticado espectáculo de afectos que transforma os clássicos dos Quatro Fabulosos numa enriquecedora experiência performativa para todos”, escreve o Centro Cultural de Macau sobre o projecto que tem encenação da companhia espanhola La Petite Malumaluga.

CENTRO CULTURAL DE MACAU
8-12 DE AGOSTO DE 2018
Bilhetes a MOP 180



Lição Orquestral

Um conceituado violinista aproxima-se dos 50 anos num momento menos bom da sua vida pessoal e profissional. Quando vai dar aulas a uma orquestra numa escola secundária de Paris, aplica um rígido método de ensino, que não atrai os alunos. Um deles é Arnold, um rapaz tímido e apaixonado pelo violino. Inspirado pelo talento de Arnold e pelo entusiasmo da turma, Simon recupera o gosto pela vida.

26 DE AGOSTO DE 2018
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a MOP 60



CHAPAS SÍNICAS ABERTAS AO MUNDO

Um ano depois de serem incluídas no registo da Memória do Mundo da UNESCO, as Chapas Sínicas estão agora em exposição até Setembro em Macau, numa iniciativa conjunta do Arquivo da RAEM e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Portugal

T CATARINA DOMINGUES

A mostra “Chapas Sínicas – Histórias de Macau na Torre do Tombo” insere-se na primeira edição do Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa e está dividida em duas fases: na primeira, que decorre até 7 de Agosto, vai estar

patente no Museu das Ofertas Sobre a Transferência de Soberania de Macau; na segunda, de 21 de Agosto a 7 de Dezembro, a mostra passa para o Arquivo de Macau.

“A exposição irá apresentar a história vibrante de Macau durante a Dinastia Qing, e pretende-se que o cruzamento dos registos com as respectivas

imagens e documentos possam ajudar a construir um retrato vivo de Macau, permitindo ao público compreender mais profundamente o estatuto e papel especial de Macau na história do mundo”, escreveu o Instituto Cultural da RAEM na apresentação do evento. O combate à pirataria é um dos capítulos da história de Macau



retratados na mostra, que torna também pública a correspondência oficial trocada entre Portugal e a China. “As Chapas Sínicas reflectem quase 300 anos de relações harmoniosas entre os chineses e os portugueses, onde havia um diálogo constante para resolver os problemas locais e regionais que iam aparecendo”, referiu a directora do Arquivo de Macau, Lau Fong. Esta correspondência relata, por exemplo, a “actuação e colaboração concertada entre os portugueses de Macau e as autoridades chinesas na luta contra os piratas que infestavam esta região e que punham em perigo a população de Macau e até da própria coroa chinesa”, salientou a responsável.

Lau Fong referiu ainda a troca de mensagens entre Miguel José de Arriaga (Ouvidor de Arriaga), e a sua “acção determinante e definitiva para esta causa, em que se movimentou e trocou muita correspondência com as autoridades chinesas para resolver o problema” da pirataria.

As Chapas Sínicas são um conjunto de documentos em chinês de correspondência oficial trocada entre as autoridades chinesas e as portuguesas em Macau. Estes registos foram incluídos em 2017 no registo da Memória do Mundo da UNESCO, na sequência de uma candidatura apresentada em conjunto pela região e Portugal. Correspondem a um total de 3600 documentos referentes ao período entre 1693 e 1886, que se encontram na Torre do Tombo, em Lisboa. Ao todo, 102 destes documentos são apresentados em Macau, dos quais 35 foram traduzidos, na época, do chinês para português, frisou a directora.

“CHAPAS SÍNICAS – HISTÓRIAS DE MACAU NA TORRE DO TOMBO”

ATÉ 7 DE AGOSTO NO MUSEU DAS OFERTAS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DE SOBERANIA DE MACAU DE 21 DE AGOSTO A 7 DE DEZEMBRO NO ARQUIVO DE MACAU

Entrada livre



Exposição Anual de Artes entre a China e os Países de Língua Portuguesa

A 1.ª edição da Exposição Anual de Artes entre a China e os Países de Língua Portuguesa (PLP), inserida no Festival de Artes e Cultura entre a China e os PLP, apresenta quatro mostras temáticas de arte contemporânea: *Alter Ego*, *O Universo*, *Aprofundar* e *Aiya*. Vão estar em exposição obras do Interior do País, Macau, Hong Kong, Portugal, Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Vhils, Herberto Smith, Rui Rasquinho, Peng Yun e Wang Xiaosong são alguns dos artistas convidados.

VÁRIOS LOCAIS

ATÉ 9 DE SETEMBRO DE 2018

Entrada livre

Marc Chagall: Luz e Cor no Sul de França

Esta primeira exposição em Macau dedicada a Marc Chagall apresenta uma selecção de obras de pintura, guache, litografia, figurinos e tapeçaria “que destacam a preeminência da luz e da cor das suas obras”, escreve numa introdução à mostra o Museu de Arte de Macau. O mundo de Chagall, continua o museu, é “único, caracterizado por muitas influências culturais reunidas ao longo da vida e marcado pela guerra e pelo exílio”.

ATÉ 26 DE AGOSTO DE 2018

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada livre

Exposição de Obras de Zhao Mingshan

Estão em exposição oito pinturas verticais em rolos de flores, plantas e frutas da autoria do pintor chinês Zhao Mingshan, herdeiro da terceira geração da Escola Lingnan de Pintura em Macau. “Encanto Rústico”, “Charme Elegante”, “Hortênsia”, “Flor”, “Rosa da China”, “Lichia”, “Narciso” e “Espírito de Outono” são os nomes das pinturas de Mingshan.

ATÉ 26 DE OUTUBRO DE 2018

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada livre

Vertical Reclamation of Individual Spaces

A portuguesa Ana Aragão está de regresso a Macau com desenhos inéditos inspirados nesta cidade asiática, onde esteve no final do ano passado. A mostra, com curadoria do artista João Ó, apresenta também alguns trabalhos da artista feitos no âmbito do design gráfico.

ATÉ 14 DE AGOSTO DE 2018

CASA GARDEN

Entrada livre

MÚSICA CATÓLICA EM MACAU GANHA VERSÃO PORTUGUESA

Música Católica em Macau no Século XX, da autoria de Dai Dingcheng, foi lançado no final de Maio em Portugal e tem como objectivo apresentar a “académicos de língua portuguesa o contexto tradicional e histórico da fase inicial da música católica em Macau”

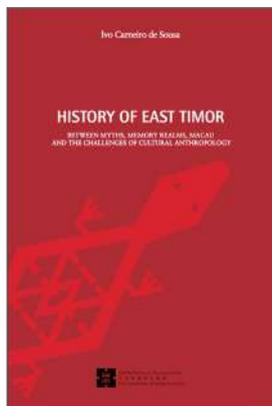
T CATARINA DOMINGUES

“Um importante trabalho de pesquisa da antropologia musical”, escreve o compositor e professor do Conservatório de Música de Xangai Lin Hua, sobre a obra *Música Católica em Macau no Século XX*. O livro, de autoria de Dai Dingcheng, foi lançado no final de Maio no Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa, Portugal. Publicado pela primeira vez em 2013 em língua chinesa, e em inglês dois anos depois, a versão portuguesa tem como missão apresentar “a académicos de língua portuguesa o contexto tradicional e histórico da fase inicial da música católica em Macau e ainda diversos aspectos

da expansão da música católica em Macau no século XX, um fenómeno raro em território chinês”, refere o Instituto Cultural (IC) em comunicado. Esta nova edição resulta de uma parceria entre o IC e o Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro. Publicado no âmbito das “Bolsas de Investigação Académica” do IC, *Música Católica em Macau no Século XX* aborda ainda o intercâmbio musical entre a China e o Ocidente, e a história da música em Hong Kong, Macau e Taiwan. “É fundamental e indispensável para a história da música chinesa”, refere ainda Lin Hua numa recensão a esta obra. De destacar que o trabalho de 242



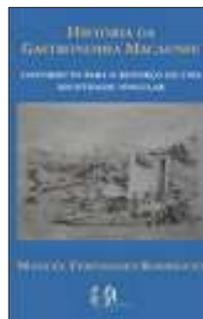
PARA LER



History of East-Timor: Between myths, memory realms, Macau and the challenges of cultural anthropology

Ivo Carneiro de Sousa
Este-Oeste Instituto de Estudos Avançados, 2018

Obra de Ivo Carneiro de Sousa que tem como ponto de partida uma série de artigos que escreveu sobre Timor-Leste desde 1983. O autor dedica uma das secções às relações entre Macau e Timor-Leste, nomeadamente durante o período da ocupação indonésia daquele território.



A Gastronomia Macaense: Reforço de uma identidade singular

Manuel Fernandes Rodrigues
Comissão Asiática da Sociedade de Geografia de Lisboa, 2018

Uma nova obra sobre o contributo da gastronomia para a construção da identidade macaense foi apresentada em Lisboa a 27 de Junho

deste ano. O livro é da autoria de Manuel Fernandes Rodrigues, macaense radicado em Lisboa.



páginas traça o desenvolvimento musical no Colégio de São Paulo, em Macau, entre meados dos séculos XVI e XVIII, até finais do século XIX no Seminário Diocesano de São José, local onde se formaram músicos profissionais como Doming Lam e António Lau. As composições litúrgicas de outros religiosos ligados à cidade, como é o caso de Áureo Castro, André Ngan e Lancelote Rodrigues são também lembradas na obra. Dai Dingcheng, oriundo de Xangai, é doutorado em Teoria de Composição, é professor de Musicologia da Escola de Artes no Instituto Politécnico de Macau e investigador em áreas que vão desde

a polifonia europeia entre os séculos IX e XVI à música contemporânea. Desde que chegou a Macau, em 2003, o académico tem estado envolvido em projectos relacionados com a musicologia urbana. Entre os vários cargos que desempenha na área cultural, Dai Dingcheng é membro do Comité da Sociedade de Etnomusicologia da Ásia-Pacífico e conselheiro da Orquestra de Macau.

**MÚSICA CATÓLICA EM MACAU
NO SÉCULO XX: OS COMPOSITORES
E AS SUAS OBRAS VOCAIS NUM
CONTEXTO HISTÓRICO ÚNICO**
DAI DINGCHENG
EDIÇÕES COLIBRI, 2018



China's Belt and Road Initiative: The role of Macao and the Portuguese- speaking countries

Vários autores
Instituto Internacional
de Macau, 2018

Produzido pela Agência de Informação e Notícias Macaulink, a obra, escrita em língua inglesa, inclui análises

à mega iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota” de Thomas Chan, Paul Mooney, Paulo Figueiredo e José Luís Sales Marques.



A Promoção do Português em Macao e no Interior da China

Maria José Grosso e Zhang Jing Lidel/ Universidade de Macau, 2018

O projecto de investigação assinado por Maria José Grosso e Zhang Jing iniciou-se em 2014 e agora reúne em livro um conjunto de textos sobre o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, muitos deles escritos com base nos dados recolhidos por inquéritos (1557) que foram

distribuídos em 15 instituições universitárias ou de ensino de português na RAEM e no Interior do País.



JARDIM DA FLORA 1984



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

NESTE local existiu em tempos um palacete, construído em 1848 pelo padre Vitorino José de Sousa e Almeida, e que foi adquirido pelo governo de Macau no final do século XIX para servir de residência de Verão dos governadores. O palacete foi destruído em 1931, após a explosão do paiol da Flora, construído nas imediações na década anterior.

O magnata de Hong Kong Sir Robert Ho Tung adquiriu mais tarde a mansão arruinada, doando-a ao governo de Macau, razão pela qual o jardim também é conhecido por “Jardim Ho Tung”.

O Jardim da Flora está situado no sopé do Monte da Guia,

paralelo à Avenida Sidónio Pais. Uma avenida pedonal ladeada por diferentes espécies de árvores transporta o visitante até ao local onde se situava o palacete e onde hoje se encontra um pequeno jardim zoológico.

Durante a renovação do zoo, que decorreu entre 1996 a 1997, foi ampliado o recinto dos animais, onde estão incluídas aves, macacos e um urso.

Nesta imagem a preto e branco, que data de 1984, pode ver-se um fontanário com uma taça central de cor vermelha, decorada com uma cabeça de dragão na parte de cima e peixes na base, que servem como fonte.

O Jardim conta ainda com a Ecoteca da Flora, um parque infantil, aparelhos de manutenção física e trilhos com pavimento em calçada.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA **MACAU** PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



第 29 屆 澳門 MACAO 國際煙花比賽匯演 International Fireworks Display Contest



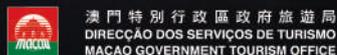
29.º Concurso Internacional de Fogo-de-Artificio de Macau

1, 8, 15, 24/9, 1/10/2018

21:00 & 21:40

旅遊塔對出海面 / Baía frente à Torre de Macau / Sea Area in front of the Macau Tower

主辦單位 | Organizador | Organizer



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE



國際煙花比賽匯演
Concurso Internacional de Fogo-de-Artificio
International Fireworks Display Contest

媒體合作夥伴 | Parceiro de Comunicação Social | Media Partner



澳門廣播電視股份有限公司
TDM - TELEDIFUSAO DE MACAU, S. A.

